

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Kelly Lima Gama Ruchdeschel

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE A
PROFISSÃO DE PSICÓLOGO PARA
INGRESSANTES DO CURSO DE
GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

Taubaté – SP

2019

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Kelly Lima Gama Ruchdeschel

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE A
PROFISSÃO DE PSICÓLOGO PARA
INGRESSANTES DO CURSO DE
GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

Dissertação apresentada à Banca de Defesa, requisito para obtenção do Título de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Desenvolvimento Humano, Políticas Sociais e Formação.

Orientadora: Profa. Dra. Alexandra Magna Rodrigues

Co-orientadora: Profa. Dra. Marilza Terezinha Soares de Souza

Taubaté – SP

2019

Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/ UNITAU
Biblioteca Setorial de Pedagogia, Ciências Sociais, Letras e Serviço Social

R899r Ruchdeschel. Kelly Lima Gama
Representações sociais sobre a profissão de psicólogo para
ingressantes do curso de graduação em Psicologia. / Kelly Lima
Gama Ruchdeschel. – 2019.
122f. : il.

Dissertação (mestrado) - Universidade de Taubaté,
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, 2019.
Orientação: Profa Dra Alexandra Magna Rodrigues,
Departamento de Enfermagem e Nutrição.
Coorientação: Profa. Dra. Marilza Terezinha Soares de
Souza, Departamento de Psicologia.

1. Representações sociais. 2. Escolha profissional.
3. Profissão do Psicólogo. I. Título.

CDD – 150.24

Kelly Lima Gama Ruchdeschel

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE A PROFISSÃO DE PSICÓLOGO PARA INGRESSANTES DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Dissertação apresentada à Banca de Defesa, requisito para obtenção do Título de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Desenvolvimento Humano, Políticas Sociais e Formação.

Orientadora: Profa. Dra. Alexandra Magna Rodrigues

Co-orientadora: Profa. Dra. Marilza Terezinha Soares de Souza

Data: 27/09/19
Resultado: APROVADA

BANCA EXAMINADORA

Prof. (a) Dr. (a) Alexandra Magna Rodrigues - Universidade de Taubaté

Assinatura Alexandra Magna Rodrigues

Prof. (a) Dr. (a) Manoel Morgado Rezende - Universidade Unesp

Assinatura Manoel Morgado Rezende

Prof. (a) Dr. (a) Dilora Traciê Ribeiro - Universidade UNITAU

Assinatura Dilora Traciê Ribeiro

DEDICATÓRIA

A Deus, que me deu forças nesta etapa; ao meu esposo, Leomar; aos meus pais, Valmir e Argélia; à minha irmã, Jaqueline; à minha cunhada, Irene; à minha amiga, Viviane e a todos os estimados psicólogos e alunos do curso de Psicologia e da área da Psicologia educacional, que são a causa de minha formação continuada.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo fôlego de vida - realmente Ele me manteve até aqui.

Ao meu esposo Leomar, por me incentivar a iniciar essa jornada, sempre me apoiando, acreditando no meu potencial, dando palavras de incentivo, ajudando em cada desafio nesta etapa crucial em minha formação continuada.

Aos meus pais, Valmir Gama e Argélia Gama, por me encorajarem a não desanimar, mas perseverar, mesmo em meio aos contratempos, sempre orando e me ouvindo em cada momento desafiador.

À minha irmã, Jaqueline Kalbermatter que, mesmo na correria de sua rotina, me apoiou e fez dar tudo certo para a apresentação de um trabalho no Congresso em Curitiba; e me incentivou para dar esse passo em minha formação profissional.

À minha amiga, Viviane Rossi, que me incentivou e me ajudou a persistir, estando comigo nesta etapa.

Aos meus colegas de curso, Carlos e Patrícia (pai e filha, uma parceria e tanto!), pela disponibilidade, sempre me ajudando e me apoiando nas atividades em sala, nas orientações sobre a dissertação e nos percalços pelo caminho.

À Prof^ª Dra. Alexandra Magna Rodrigues, pelo incentivo e pelas dicas, me ajudando em cada fase da dissertação.

À Prof^ª Dra. Marilza Terezinha Soares de Souza, pela dedicação, pelos conselhos e pela coragem durante esta fase.

À Prof^ª Dra. Edna Chamon, pelas palavras de incentivo que trouxeram importância a cada fase deste Mestrado, deram atenção a um momento delicado da minha vida e ajudaram a dar um norte na orientação do meu mestrado.

À Associação Paulista do Vale da IASD, por ter me apoiado quando tive que me ausentar do trabalho para apresentações e outras atividades necessárias à conclusão do mestrado.

A todos aqueles que estiveram e estão, ainda, de alguma forma próximos a mim, fazendo valer cada vez mais a pena levantar questionamentos e propor novas possibilidades de contribuição à sociedade.

“O desafio [...] não somente dar bons cursos no sentido que são organizados, bonitos... que agradam ou divertem aos alunos, e sim dar cursos que constituam também uma contribuição social [...]”.

Sílvia Paulo Botomé

RESUMO

O número de pessoas interessadas pelo curso de Psicologia cresceu nos últimos anos. Conforme o Censo da Educação do ano de 2016, o interesse por esta área da graduação cresceu mais 25,8% em relação às demais áreas. O objetivo deste trabalho foi identificar as Representações Sociais sobre a profissão do psicólogo para ingressantes da graduação em Psicologia em uma universidade do Vale do Paraíba do Sul – SP. Trata-se de uma pesquisa exploratória e de abordagem qualitativa, na qual foi aplicado um questionário sociodemográfico e realizou-se entrevista semiestruturada. A análise de dados foi realizada por meio da análise de conteúdo com o auxílio do programa IRaMuTeQ e discutida à luz da Teoria da Representação Social. Participaram do estudo 22 estudantes do primeiro ano do curso de graduação em Psicologia, com idade média de 20 anos. Os discursos foram categorizados em quatro eixos de análise: a escolha profissional, desafios da profissão, expectativas profissionais e o que é ser psicólogo. E as principais representações sociais encontradas sobre o papel do psicólogo foram: gostar de ajudar as pessoas, saber ouvir, ter conhecimento do ser humano, ter autoconhecimento. Conclui-se que as RS encontradas neste estudo estão relacionadas à forma pela qual os estudantes ingressantes no curso de Psicologia compreendem a profissão do psicólogo, bem como foram determinantes para a escolha e expectativa profissionais. Portanto, este estudo evidenciou a importância da pesquisa em RS para compreensão dos aspectos subjetivos e simbólicos que permeiam a profissão do psicólogo.

PALAVRAS-CHAVE: Representações Sociais. Escolha profissional. Profissão do Psicólogo.

ABSTRACT

Social Representations about the Psychologist Profession for the newcomers of the Psychology Graduation Course.

The number of people interested in the Psychology course has increased in recent years. According to the 2016 Education Census, interest in this undergraduate area grew 25.8% more than in other areas. Therefore, it is important to understand the role of the psychologist by the students themselves, which provide clarity and understanding to society. The objective of this work was to identify the social representations about the psychologist profession for psychology graduates in a university of Vale do Paraíba do Sul - SP. This is an exploratory research with a qualitative approach, in which a sociodemographic questionnaire was applied and a semi-structured interview was conducted. Data analysis was performed through content analysis with the help of the IRaMuTeQ program and discussed in light of the Theory of Social Representation. The study included 22 first year undergraduate students in psychology, with an average age of 20 years. The speeches were classified in four axes of analysis: professional choice, challenges of the profession, professional expectations and what it is to be a psychologist. And the main social representations found about the role of the psychologist were: enjoy helping people, know how to listen, be aware of the human being, have self-knowledge. It is concluded that the SR found in this study influences the way the newcomers psychology students understand the profession of psychologist, as well as determinants for the choice and professional expectation. Therefore, this study highlighted the importance of RS research to understand the subjective and symbolic aspects that permeate the profession of psychologist.

KEYWORDS: Social Representations. Professional choice. Profession of the Psychologist.

LISTA DE SIGLAS

BDTD	–	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CAPES	–	Portal de Periódicos, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNE	–	Conselho Nacional de Educação
CEP/UNITAU	–	Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté
CRPSP	–	Conselho Regional de Psicologia de São Paulo
ENADE	–	Exame Nacional de Desempenho de Estudantes
FUVEST	–	Fundação Universitária para o Vestibular
IBGE	–	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PIB	–	Produto Interno Bruto
RS	–	Representações Sociais
SCIELO	–	Scientific Eletronic Library On line
TALP	–	Técnica de Associação Livre de Palavras
TRS	–	Teoria das Representações Sociais
UNITAU- SP	–	Universidade de Taubaté – São Paulo
IES	–	Instituições do Ensino Superior
UFRGS	–	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFJF	–	Universidade Federal de Juiz de Fora

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Pesquisa “estado da arte” por descritores, período e plataformas.....**Erro!**
Indicador não definido.

Quadro 2 - Trabalhos selecionados para leitura 50

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Distribuição de estudantes ingressantes do curso de Psicologia de um município do Vale do Paraíba do Sul – SP que preencheram questionário sociodemográfico. Taubaté/SP, 2018	64
--	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Dendrograma das classes de análise. Fonte: IRaMuTeQ.	69
Figura 2 - Mapa conceitual da classe 1.....	74
Figura 3 - Mapa conceitual da classe 2.....	85
Figura 4 - Mapa conceitual da classe 3.....	80
Figura 5 - Mapa conceitual da classe 4.....	70

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1.1 Problema.....	17
1.2 Objetivos.....	18
1.2.1 Objetivo Geral	18
1.2.2 Objetivos Específicos	18
1.3 Delimitação do Estudo	18
1.4 Relevância do Estudo	19
2 REVISÃO DE LITERATURA	20
2.1 Breve histórico sobre a Psicologia no mundo e no Brasil - Ciência e profissão..	20
2.2 Escolha profissional.....	26
2.3 Profissão de psicólogo	32
2.4 Teoria das Representações Sociais	40
2.5 Panorama das pesquisas sobre RS e a profissão de psicólogo	48
3 MÉTODO	58
3.1 Tipo de Pesquisa.....	58
3.2 População	59
3.3. Instrumentos	60
3.4. Procedimentos para Coleta de Dados	60
3.5 Procedimentos para Análise de Dados	61
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	64
4.1 Perfil sociodemográfico do grupo	64
4.2 A profissão do psicólogo para ingressantes do curso de Psicologia	69
4.2.1 O que é ser psicólogo	69
4.2.2 Escolha profissional.....	74
4.2.3: Expectativas profissionais	80
4.2.4 Desafios da profissão.....	85
REFERÊNCIAS	94
APÊNDICE I - MODELO DE OFÍCIO	114
APÊNDICE II - MODELO DE TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO	119
ANEXO A - DECLARAÇÃO.....	Erro! Indicador não definido.
ANEXO B – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	Erro! Indicador não definido.
ANEXO C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	Erro! Indicador não definido.
APÊNDICE III – QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO	Erro! Indicador não definido.
APÊNDICE VI– ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....	120

1. INTRODUÇÃO

O interesse no presente estudo é uma decorrência de nossa atuação profissional em Psicologia organizacional junto a uma empresa de grande porte. A observância cotidiana do trabalho chamou a atenção para uma série de aspectos e deu origem ao tema deste estudo, pois eram constantes os questionamentos e as reflexões referentes à profissão de psicólogo – por exemplo, como o próprio profissional compreendia sua profissão desde o momento da escolha por uma formação superior - e sua relevância por parte dos demais profissionais que também atuavam nessa empresa. Este estudo é, ainda, uma consequência do contato próximo com os profissionais da área da Psicologia ao longo de nossa carreira. A partir da observação dos candidatos em vários processos seletivos para preenchimento de vagas de psicólogos, foi possível perceber as questões consensuais sobre a profissão do psicólogo.

Com base na experiência profissional ora narrada, este estudo busca investigar os fenômenos sociais que permeiam a profissão do psicólogo (opiniões e significados), bem como prover o levantamento das Representações Sociais (RS) para os estudantes ingressantes do curso de Psicologia sobre a profissão, além de conhecer os motivos e aspectos relacionados à escolha desta profissão.

Para tanto, é importante observar alguns dados: no Brasil, a profissão de psicólogo foi legalmente autorizada e regulamentada há 57 anos pela Lei 4.119/62 – responsável por uma nova área de atuação profissional. Atualmente, esta não se destaca apenas na atuação clínica, mas também nos mais variados contextos de interação humana, tais como: organizacional, jurídico, motricidade, neurociência, pedagogia, social, hospitalar, trânsito, saúde, educacional, pesquisa e esporte.

De acordo com as diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação do psicólogo, o Conselho Federal de Psicologia (2018, p. 17) dispõe que a atuação do psicólogo brasileiro tem sido avaliada e reavaliada “[...] desde sua regulamentação como profissão, na busca constante da qualificação teórico-metodológica, ética e técnica, e também, da atualização desse processo [...]”. Assim, por tratar essa profissão de um acompanhamento psicológico do ser humano e considerando que este passa por constantes mudanças, tais reavaliações na forma de desenvolver o trabalho fazem todo sentido no intuito de obter uma melhor adequação e compreensão do papel do psicólogo tanto para o próprio profissional como para a sociedade a ser atendida. É imprescindível

considerar, no entanto, que a atuação do psicólogo e sua forma de compreender a profissão são influenciadas desde o momento da escolha por esta área profissional.

Segundo Lins et al. (2015), a escolha de uma profissão é influenciada por fatores sociais, econômicos, afetivos e pessoais. No que se refere à escolha da Psicologia, é importante destacar que, na maioria das pesquisas relacionadas a esse tema, são muitos os significados e compreensões da profissão que surgem como, por exemplo, a vontade de ajudar as pessoas, a busca de sentido à vida, o desenvolvimento pessoal, as habilidades socioemocionais, a busca pelo entendimento do ser humano, a realização pessoal, entre outras formas de decifrar a profissão, sendo essas referências oriundas dos próprios estudantes ou profissionais.

Considerando que a Teoria de Representações Sociais (TRS) busca tornar o não familiar em familiar e proporcionar comunicação e compreensão ao que existe de modo significativo (MOSCOVICI, 2015), este estudo procura verificar, no momento atual, as RS em torno da profissão.

O papel central do psicólogo é promover e resgatar o indivíduo enquanto sujeito. Nesse sentido, Bastos e Gondim (2010) argumentam que todo psicólogo é um profissional voltado ao indivíduo. E isso é devido à origem igualmente múltipla da Psicologia: um produto da junção dos campos da Filosofia e da Medicina.

A escolha da profissão do psicólogo é influenciada pelo seu contexto histórico. Sendo assim, na visão de Silva (2013), os contextos históricos, os rumos e os percursos da Psicologia fornecem extenso material para avaliá-la, no entanto, é imprescindível projetar o seu futuro e debruçar-se em sua contínua desconstrução e reconstrução. Nóbrega (2017), por sua vez, compartilha dessa mesma visão, pois esclarece que a profusão de estudos sobre o papel do psicólogo sinaliza a manutenção da atualidade do debate e sua necessária continuidade, o que visa refletir sobre as relações e tensões entre as práticas tradicionais e as possibilidades de construção de um projeto ético-político profissional para a Psicologia.

A Psicologia, de acordo com Bastos e Gondim (2010), refere-se a uma profissão que se estabelece de acordo com as demandas sociais, que requer um saber especializado e que tem a responsabilidade, portanto, de dominar todas as tecnologias apropriadas de uma escuta, devendo estar coerente com os padrões éticos fundamentais, a fim de garantir a qualidade dos serviços oferecidos à comunidade. O fato de lidar com uma sociedade em constante transformação, que exige um ritmo diferenciado, torna o desafio do psicólogo ainda maior, tanto para a verdadeira compreensão dessa profissão,

como em relação à sua formação e ao sistema de acompanhamento das ações profissionais. O ser humano está sempre em mudanças. E por ser ele o foco do trabalho do psicólogo, este necessita estabelecer uma atuação diferenciada. Desse modo, segundo Rosa (2006, p. 24): “[...] o importante e bonito do mundo é isso: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas, elas estão sempre mudando. Afinando e desafinando”. E assim, o papel do psicólogo é influenciado por estas mudanças no indivíduo que está em acompanhamento psicológico.

De maneira geral, deve fazer parte do processo educativo a possibilidade de mudanças e adequações na atuação do psicólogo, uma vez que este profissional lida com o ser humano que é complexo, pessoal e está em contínuo desenvolvimento. Portanto, a ciência da Psicologia precisa considerar a necessidade de estudar constantemente, assim como considerar a presença das mudanças na atuação profissional.

De acordo com o pensamento de Chauí (2003), após a escolha profissional, o período da formação do psicólogo está relacionado ao tempo, sendo influenciado pelo passado e presente, considerando, assim, a passagem do aluno ao profissional de fato. Em outras palavras, o profissional nada mais é do que o fruto de suas experiências e aprendizados, sendo de extrema importância o seu processo de escolha e formação, no qual tanto a análise como a prática são partes indispensáveis do contexto de sua graduação.

Segundo Silva et al. (2006), a formação em Psicologia precisa priorizar e aproximar-se da realidade concreta dos problemas sociais, ampliando as possibilidades de pesquisa e de atuação na área, viabilizando a transformação da realidade. Revela-se aqui o ciclo – escolha, formação, atuação – em constante reconstrução. E isso também consta na pesquisa de Paparelli e Nogueira-Martins (2007), que afirmam estar o psicólogo engajado com as demandas sociais, isto é, mais voltado para a realidade.

Diante disso, é necessário considerar que toda profissão exige que o estudante tenha uma formação que possibilite o seu desenvolvimento por meio de recursos necessários à sua atuação, ou seja, as competências e habilidades para a profissão escolhida. No entanto, de modo geral, as expectativas profissionais criadas desde o momento da escolha da graduação influenciam na compreensão do papel do psicólogo. É na graduação que se espera uma reflexão a respeito dessas expectativas nos estudantes, pois isso impacta diretamente no futuro desse profissional quando do seu

ingresso no mercado de trabalho. A este processo dá-se o nome de formação do instituído e instituinte ou enculturação (SANTOS, 2004).

É fundamental que, ao escolher a profissão de psicólogo, o estudante tenha o entendimento do significado dessa decisão, compreendendo tanto o processo de aquisição de conteúdos e do desenvolvimento de habilidades na graduação quanto o de pós-formação. Preparar profissionais competentes e humanos para atuação nessa área deve ser a busca dos professores e das instituições que oferecem cursos de Psicologia, bem como uma busca dos próprios alunos, a fim de que possam atuar com excelência depois de formados. Para tanto, a construção da profissão inicia-se na base da compreensão da escolha profissional e os conhecimentos prévios dos alunos devem ser levados em consideração.

A partir das compreensões sobre a escolha da profissão como psicólogo, é possível identificar a problematização deste estudo que será apresentada no próximo tópico e que é norteadada pela TRS - uma teoria que procura compreender o significado de um objeto social para um grupo específico, isto é, tornar familiar o que não está familiarizado.

Tendo como foco a TRS, de acordo com Moscovici (2015), a representação social é definida como:

Um sistema de valores, ideias e práticas, com uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhe um código para nortear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social. (MOSCOVICI, 2015, p.21)

O presente estudo é relevante, pois envolve um assunto público e de impacto sobre a sociedade, uma vez que as Representações Sociais procuram compreender o significado de um aspecto específico da realidade referente a um grupo social, como já citado anteriormente. Em outras palavras, faz-se uma organização das reações deste grupo com o mundo, reações que orientam a conduta e o comportamento no contexto social e que permitem que esses indivíduos ao mesmo tempo em que experimentam as diferentes práticas sociais e os modelos de condutas, construam e se apropriem dos objetos socializados. A relevância social dos estudos das RS está na forma de compreender como as pessoas relacionam seus pontos de vista com o contexto social no qual estão inseridas e com as suas experiências pessoais (XAVIER, 2002).

Assim, as inquietações que levaram à realização desta pesquisa são relacionadas à necessidade de alcançar uma compreensão sobre os indivíduos que escolhem a profissão de psicólogo, a fim de contribuir para o entendimento e significado desta área que tem crescido nos últimos anos. Considerando a relevância do tema, conforme já citado, nesta pesquisa foi traçado um caminho que visou contribuir para a reflexão sobre a escolha da profissão de psicólogo e os significados do seu papel por parte dos próprios estudantes.

1.1 Problema

A Psicologia é uma profissão que, em seu exercício, exige um dinamismo constante por ter uma atuação diretamente relacionada ao ser humano e às suas relações e interações, considerando não só o seu contexto histórico e sociopolítico, bem como o econômico. Segundo Krawulski (2004), o papel do psicólogo consiste em acompanhar as contínuas mudanças e expectativas da sociedade pelo fato de ter como foco a pessoa. Nesse mesmo sentido, Bock et al. (1999) afirmam que a Psicologia tem como foco o objeto homem, estabelecendo um trabalho que visa o ser humano de forma integral. Desse modo, trata-se de uma profissão que contribui para a compreensão da totalidade da vida humana.

Diante disso, foi levantado o seguinte questionamento (plausível em termos de pesquisa científica): quais são as Representações Sociais sobre a profissão de psicólogo para ingressantes do curso de graduação em Psicologia?

Lançando mão de uma compreensão à luz das RS, Moscovici (1978) afirma que elas são construídas a partir do concreto da realidade que cerca o indivíduo por meio de mecanismos próprios do senso comum, ou seja, referem-se a algo comum a um conjunto social. E, ainda segundo Moscovici (2001, p. 31), as RS constituem-se como um “conjunto de conceitos, explicações e afirmações” presentes no dia a dia de um contexto social. É exatamente isso que a problematização deste estudo procura encontrar a respeito do grupo social questionado.

Na busca por uma resposta ao questionamento, o presente estudo pretende contribuir para uma melhor compreensão do papel do psicólogo considerando desde o momento da escolha profissional até a influência na atuação deste profissional e a compreensão por parte da sociedade. E, assim, pretende nortear o que é esperado da profissão de forma funcional e o que pode acabar limitando ou distanciando o profissional do real papel do psicólogo.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

- Identificar e descrever as Representações Sociais sobre a profissão de psicólogo dos ingressantes do curso de graduação em Psicologia.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Caracterizar o perfil sociodemográfico do grupo pesquisado, o qual é formado de alunos ingressantes em um curso de Psicologia;
- Descrever e compreender as crenças, atitudes e expectativas sobre a profissão de psicólogo dos alunos ingressantes em um curso de Psicologia.

1.3 Delimitação do Estudo

A região metropolitana do Vale do Paraíba paulista encontra-se à leste do estado de São Paulo, sendo o eixo entre os estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Localizada entre as duas maiores metrópoles nacionais, tem aproximadamente 3,3 milhões de habitantes (IBGE, 2007) e está entre a Serra da Mantiqueira e a Serra do Mar. Possui um importante e diversificado polo industrial. Seu nome advém do Rio Paraíba do Sul que atravessa e dá personalidade a toda a região, destacando-se por concentrar uma parcela considerável do Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil.

Este estudo foi realizado em uma Universidade pública, em regime de autarquia municipal, na Região do Vale do Paraíba paulista. Até meados do segundo semestre de 2018, a instituição possuía 44 cursos de graduação - sendo o curso de Psicologia o foco ora em estudo, contanto, no momento da pesquisa, com um total de 480 alunos em sua grade geral. Atualmente, possui mais de 10 Faculdades com o curso de Psicologia na região metropolitana já citada, um número considerável em se tratando de cursos presenciais e também considerando que há 8 anos não havia sequer a metade dessas Faculdades, o que demonstra uma expansão do curso de Psicologia nas instituições privadas.

1.4 Relevância do Estudo

O presente estudo surgiu a partir das inquietações da pesquisadora em sua área de atuação, pois ao realizar de processos seletivos, percebeu questões consensuais sobre a profissão do psicólogo pelos próprios psicólogos. Assim, tal pesquisa foi realizada com o intuito de proporcionar contribuições e esclarecimentos cabíveis a este grupo social que vem crescendo nos últimos anos. Segundo dados divulgados pela FUVEST (2016, s. p.), em uma pesquisa realizada no estado de São Paulo sobre a relação de quais cursos possuem maior preferência de interesse por parte dos estudantes, é possível observar o seguinte:

Para Psicologia (59,80 candidatos por vaga) foi o segundo curso mais concorrido, atrás apenas de Medicina Ribeirão Preto (71,93) e superando Medicina São Paulo (58,75). A procura também foi grande na Unesp: o número de inscritos passou de 3 mil para 4 mil entre 2012 e 2016.

Por se tratar de uma área dinâmica e marcada por mudanças frequentes, torna-se significativa a atualização de pesquisas que visem compreender o processo de escolha profissional pela Psicologia, tanto para as instituições que formam esses futuros profissionais quanto para a sua atuação no mercado de trabalho.

Desse modo, a relevância deste estudo recai, sobretudo, nos tempos atuais, pois nestes é possível perceber o crescimento de interessados na profissão de psicólogo. Profissão esta que, mesmo regulamentada por leis de diretrizes, ainda se mostra desafiadora quanto à compreensão do papel do profissional da área por parte dos estudantes.

Segundo a revisão de literatura, existe um número razoável de estudos e trabalhos científicos que abordam a temática ora tratada, uma vez que no levantamento de pesquisas relacionadas ao tema, dentro de um período de 29 anos, 120 trabalhos foram encontrados. Com isso, é possível constatar a necessidade de incentivar mais pesquisas científicas sobre esse público e sobre sua contribuição para a instituição de ensino e para a sociedade.

Este estudo, sob a luz da TRS, quer trazer uma compreensão sobre a profissão de psicólogo por meio de levantamento realizado junto aos ingressantes nesta área, fato que busca possibilitar futuras ações voltadas à escolha, à formação e à atuação dos profissionais da área.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Breve histórico sobre a Psicologia no contexto brasileiro

A história da profissão da Psicologia é recente se comparada às demais, mas na qualidade de ciência foi marcada pela busca de um reconhecimento como tal por três cientistas das áreas da Psicofísica e da Psicologia experimental, quais sejam: Weber, Fechner e Wundt (ALENCAR, 1980).

Soares (2010) afirma que a Psicologia como ciência tem sua origem nas inquietações e métodos da Filosofia, Fisiologia, Biologia e Medicina, não sendo possível separar a Psicologia destas áreas, pois os aspectos psíquicos estão submetidos aos fatores biológicos, mas não se misturam a ponto de se confundirem, e sim, se complementam para uma melhor compreensão do ser humano.

Dessa forma, o início da Psicologia é marcado pela busca de uma maior compreensão sobre o ser humano, sobre seus pensamentos e comportamentos, ou seja, uma compreensão que vai além dos aspectos meramente biológicos. Nesse sentido, é possível ressaltar que o aspecto de influência ou presença dos fatores fisiológicos e psíquicos também estiveram presentes nos estudos de Freud (1980), que iniciou a pesquisa científica na área de neurologia para depois e definitivamente focar na área psicológica.

Para Bock et al. (1999), a compreensão da Psicologia como ciência ocorre devido ao estudo dos fenômenos psíquicos e do comportamento, além da investigação de processos e estados conscientes, bem como de suas origens e efeitos. Além disso, procura descrever sensações, emoções, pensamentos e outros estados motivadores do comportamento humano - fatores que levam ao reconhecimento dessa área. Ainda, segundo o pensamento de Freud (2016, p. 162), o estudo dos fenômenos cognitivos, com o foco na compreensão “[...] do todo da vida humana, torna a Psicologia mais palpável enquanto ciência”. Bianco et al. (2010), por sua vez, afirmam que a Psicologia está relacionada ao estudo do comportamento, do cognitivo, das subjetividades humanas, do desenvolvimento humano, isto é, de tudo que procura um entendimento sobre a vida humana, fator que exige, portanto, um estudo específico por parte de uma ciência relacionada.

Segundo Quadros (2017), o desenrolar da Psicologia como ciência foi bem demorado, pois foi a última a tornar o homem um objeto de estudo. Porém, os estudos sobre o homem enquanto emoção são antigos e ocorrem através de áreas como a

Antropologia, a Medicina e outras. E na visão de Descartes sobre o estudo humano, este levava em consideração a análise do comportamento sujeito às leis naturais e concretas, ressaltando a experiência empírica. Tão somente a partir de Wundt, determinou-se que a ciência da Psicologia foca no estudo do comportamento e da mente humana. Diante disso, hoje em dia é difícil imaginar que, em algum momento da história, a Psicologia não era vista desta forma, ou seja, como uma ciência que lida com os aspectos comportamentais e mentais. E é importante, portanto, reconhecer que o contexto histórico influencia o ser humano como um todo e, conforme apontado por Bock et al. (1999), que a Psicologia se refere à subjetividade humana, considerando sua trajetória do passado, do presente e do futuro.

Assim, de acordo com Brener (2006), tendo em mente a trajetória histórica da Psicologia, sua relevância para a sociedade evidenciou-se com a Grande Depressão, em 1929, decorrente da queda da bolsa de valores de Nova York e da I Guerra Mundial (1914-1918), além de diversas outras questões políticas, culturais e econômicas envolvidas, bem como das alianças entre as potências mundiais. A Grande Depressão gerou uma crise que começou nos Estados Unidos e se espalhou por todo o mundo, devido à interligação dos mercados e à globalização da economia, causando a falência de empresas e, conseqüentemente, o crescimento do número de desempregados.

Tais fatores levaram as pessoas ao desespero devido às insuficiências reais e à ausência de possibilidades de melhora. Deve-se considerar, também, a eclosão da II Guerra Mundial (1939 a 1945), marcada pela tentativa de extinguir uma raça específica (os judeus), a parte de ter produzido uma matança sem precedentes e afetado as relações humanas e seu meio. Tantos fatos históricos impulsionaram a necessidade de uma área capaz de trabalhar com esses aspectos junto ao indivíduo e à sociedade como um todo, sendo esta uma perspectiva afirmada por Bock et al. (2008, p. 21) quando, em seus estudos, argumentaram que uma “[...] profissão é construída a partir de um tempo histórico, isto é, que necessite dela”.

Na visão de Bock et al. (2007), embora a Psicologia científica tenha tido início na Alemanha no século XIX, foi na América do Norte, exclusivamente nos Estados Unidos, que houve avanços na área em razão do estabelecimento de uma Faculdade de Psicologia, dando origem às correntes teóricas da Psicologia “[...] como por exemplo: funcionalismo (foco na consciência), estruturalismo (foco nas estruturas do sistema nervoso central) e associacionismo (foco na associação de ideias)”. (BOCK, 2007, p. 41)

Consoante o pensamento de Bock et al. (2008), a teoria do Funcionalismo procura compreender o que leva o indivíduo a fazer algo e explica por que o faz, sendo a consciência o centro de tudo, tendo como objetivo compreender o funcionamento da consciência da pessoa a partir da sua adaptação com o meio. Já o Estruturalismo tem o foco na consciência do ser humano, estudando-a por meio dos aspectos estruturais relacionados ao sistema nervoso central e podendo ser, portanto, avaliado por experimentos laboratoriais. O Associacionismo, por sua vez, relaciona-se à aprendizagem, a qual ocorre por meio de associações das ideias (desde as mais simples até as mais complexas), de acordo com os conteúdos. Essas foram as primeiras abordagens da Psicologia e acabaram por dar origem a diversas abordagens para a compreensão dos processos mentais e comportamentais do ser humano. Nesse sentido, é possível falar em cinco maiores perspectivas da Psicologia conforme apresentação de Feldman (2015):

[...] Neurociência: considera o comportamento da perspectiva do funcionamento biológico; Cognitivo: examina como as pessoas compreendem o mundo e pensam sobre ele; Comportamental: concentra-se no comportamento observável; Humanística: afirma que as pessoas são capazes de controlar seu comportamento e que elas naturalmente tentam realizar seu pleno potencial; e Psicodinâmica: acredita que o comportamento é motivado por forças internas, inconscientes, e que a pessoa tem pouco controle. (FELDMAN, 2015, p. 18)

Essas são perspectivas que influenciam até hoje o direcionamento do trabalho psicológico. Diante do exposto, percebe-se que o ambiente acadêmico teve importância fundamental para o desdobramento de todo o conhecimento sobre a área da Psicologia que existe atualmente, pois foi o responsável por desvendar essas abordagens e ampliar os focos dentro da área. No entanto, retomando o processo sócio-histórico, tem-se que, no Brasil, o início do reconhecimento da Psicologia levou um certo tempo.

Entre 1830 a 1900, no Brasil, a Psicologia ficou conhecida, em um primeiro momento, por meio dos estudos da área da Medicina, como foi destacado ao redor no mundo. Alguns médicos, principalmente no Rio de Janeiro e na Bahia, incluíram em suas teses de doutoramento noções de Psicologia, fato que despertou o interesse tanto de filósofos quanto de historiadores e de homens de cultura. Em uma retrospectiva dessa trajetória histórica no Brasil, percebe-se que, em meados de 1950, houve grandes mudanças no contexto socioeconômico que produziram reflexos tanto no âmbito da sociedade como do indivíduo, tudo como consequência do desenvolvimento industrial, da ditadura, da modernidade e de outros aspectos (SOARES, 2010).

Conquanto a Psicologia tenha se originado na Alemanha, em meados de 1879, com Wundt abrindo o seu laboratório, como dito anteriormente, foi apenas pouco depois de uma década que, no Rio de Janeiro, começaram a aparecer teses de doutoramento a respeito da mais nova ciência (SOARES, 2010). Mas, mesmo assim, de acordo com os estudos de Antunes (2012), percebe-se ao longo da história brasileira que o surgimento dessa ciência se deve à presença de estrangeiros no País ou aos brasileiros que foram estudar no exterior.

De acordo com o CRPSP (2012, s. p.), antes do reconhecimento da Psicologia como profissão em 1962, ela era estudada de forma teórica e encontrava-se relacionada às áreas da Educação, do Direito, do Trabalho e da Saúde. Seu conteúdo era abordado nas escolas e faculdades de Filosofia, o que ocasionou certa resistência em regulamentar a profissão do psicólogo. Sendo assim, por se tratar de uma área nova em relação ao tempo decorrido para a sua regulamentação e ao reconhecimento de sua forma de atuação, Miotto (2018, p.123) afirma que “[...] a Psicologia tem um longo passado, mas uma curta história”.

Para Antunes (2014), o caráter científico da Psicologia é relevante, pois representa os desafios enfrentados até o seu reconhecimento. Em 1970, houve uma crise sobre a não-adequação científica da Psicologia e sua importância para a sociedade foi questionada. Lima (2009), nesse aspecto, afirma que a cientificidade nas ciências humanas era questionada e mostra, ainda, que a Psicologia enquanto profissão teve seus ajustes e desafios, mesmo depois de sua regulamentação.

Nos primeiros vinte anos do marco da regulamentação da profissão de psicólogo, Yamamoto et al. (2010) afirmam que a atuação do psicólogo se relacionava à área clínica, isto é, voltada para a pessoa de forma individual, sendo um trabalho apenas para quem de fato tinha condição de arcar com os custos financeiros desse processo. Em outras palavras, limitava-se à compreensão do sujeito por meio de uma visão individualista, sem considerar o social e as condições que o determinavam. Houve, portanto, a necessidade de rever e de refletir sobre os rumos da Psicologia, sobre sua atuação no presente e no futuro, analisando-a como um todo e partindo de uma perspectiva individualizada para uma visão de significado para a sociedade.

Atualmente, no entanto, o trabalho é estendido para o entendimento da dor psíquica não só no aspecto individual, mas considerando também o coletivo, o que vem a enfatizar e a contribuir para a sua relevância social. É possível perceber, portanto, que

a Psicologia é uma ciência que requer uma compreensão completa sobre o ser humano, considerando suas diversidades, complexidades e particularidades.

Segundo Melo (2017), a partir desse contexto sócio-histórico, aconteceram mudanças e transformações no âmbito cultural da sociedade ocidental que influenciaram as relações entre os seres humanos e o seu meio e redefiniram os processos do contexto histórico. Diante dessa afirmativa, tornou-se coerente a origem da Psicologia a partir de preocupações em relação aos fatos que relacionam o ser humano e seu meio.

Em Gomes (2005, p. 107), tem-se que a Psicologia busca esclarecer os fenômenos mentais como: “[...] percepção, cognição, desejo, sentimento, emoção e intenção de ação - diversas formas para compreender o indivíduo dentro de uma mesma ciência”. Percebe-se, assim, que a Psicologia tem o intuito de ampliar a compreensão sobre seu objeto de estudo: a mente humana e as suas influências no indivíduo como um todo, não se limitando, contudo, apenas aos aspectos cognitivos, mas procurando expandir aos aspectos que se referem à vida do ser humano.

Na visão de Antunes (2014), a Psicologia é uma ciência que reconhecidamente tem exercido uma função social de grande relevância, quer como área de conhecimento (contribuindo para ampliar a compreensão dos problemas humanos), quer como campo de atuação (cada vez mais vasto e efetivo na intervenção sobre esses problemas). Tal visão é compartilhada por Vieira e Ximenes (2008) ao afirmarem que a Psicologia existe para auxiliar as pessoas, ou seja, para que as pessoas assumam seus destinos e tomem as rédeas de suas vidas, postura esta que lhes exige superar uma falsa consciência e atingir um saber crítico sobre si mesmas, sobre o mundo e sobre o modo como nele estão inseridas. Essa é uma perspectiva também afirmada por Bock et al. (2008) ao enfatizarem que a Psicologia leva o sujeito a responsabilizar-se por suas escolhas.

Bock et al. (2008), ao discorrerem sobre a Psicologia, afirmam que ela tem uma característica incomum em relação às outras ciências, pois pertence às três tradições do conhecimento: as ciências empírico-analíticas (também conhecidas como naturais), que têm como premissa testar suas hipóteses por meio de observação; as ciências histórico-hermenêuticas (também conhecidas como sociais), que possuem um caráter mais prático do que técnico; e as ciências da ação social, que obedecem as leis sociais. Assim, agregando uma área tão ampla de estudo é natural que, mesmo havendo muitos estudos, ainda haja um vasto campo a ser explorado e consolidado.

Bock e Gonçalves (2007) ressaltam a necessidade do reconhecimento da Psicologia enquanto marco da noção do eu e da individualização. Entendem, ainda, que a ciência que estuda e explora os sentimentos e os fenômenos do eu é resultado de um processo histórico. Essa perspectiva é compartilhada por Imianowsky (2014) ao destacar que o ser humano se desenvolve dentro do processo de mudança e superação de si mesmo e de seu meio. Em decorrência disso, o pensamento, a consciência e a vida psicológica só fazem sentido quando observados desde o desenvolvimento mais simples até o mais complexo. Nesse sentido, enfatiza, ainda, que a Psicologia procura compreender o ser humano de forma integral.

Outro aspecto marcante para a trajetória da Psicologia, desde a década de 70, foi a predominância do sexo feminino nesta profissão, de acordo com o que demonstram as pesquisas sobre estudantes e atuantes na área (FERRETTI, 1976; ROSEMBERG, 1984; CASTRO E YAMAMOTO, 1998; CRUZ, 2016). Tal fato pode ser justificado, muitas vezes, pela baixa remuneração e por terem as mulheres as características da profissão como: saber ouvir, ser empático, acolhedor, gostar de ajudar e estar entre as pessoas.

Porém, mesmo diante da presença do sexo feminino como sendo a maioria entre os estudantes de Psicologia, segundo Castro e Yamamoto (1998) e de acordo com Cruz (2016), ainda não há estudos suficientes que comprovem com exatidão os fatores determinantes desse quadro predominantemente feminino na Psicologia, por mais que possam ser relacionados aspectos sobre a sua origem como dito acima.

O estudo sobre o contexto histórico da Psicologia é necessário, pois, para compreender o presente, é sempre importante refazer o percurso histórico que o antecede (PROST, 2008). Com base nisso, considerando as mudanças sócio-históricas, as áreas de atuação do profissional da Psicologia foram ampliadas, deixando para trás a predominância e o maior interesse do trabalho tão somente em área clínica. Esse quadro, portanto, foi transformado e, de acordo com Rechtman (2015), as áreas de atuação do psicólogo são: clínica, organizacional e do trabalho, saúde, educacional, social, jurídica, ambiental, comunitária, das emergências e dos desastres, do aprisionado, judicial, da comunicação e do esporte. E, ainda, atualmente, consoante dados do CRP, é possível acrescentar outras áreas como: Psicologia do trânsito, psicomotricidade, neuropsicologia, dentre outras, que vão surgindo conforme a necessidade do ser humano.

Diante desse breve histórico da Psicologia, foi possível compreender as trajetórias de surgimento e reconhecimento dessa ciência, além de constatar as

mudanças e ampliações da atuação do psicólogo, partindo de um contexto clínico para a especialização no âmbito social e considerando, também, as áreas da educação e organizacional - que necessitaram de suporte da Psicologia para compreensão e adequação de pessoal e de alunos. Foi possível, também, vislumbrar o antes e o depois do seu reconhecimento como profissão, bem como as cinco grandes perspectivas da Psicologia que surgiram.

Fazendo uma análise da atuação da Psicologia nas diferentes áreas, há exemplos como a área organizacional, na qual há aplicações de testes comportamentais, desde a Revolução Industrial; os alunos, que são submetidos a testes de avaliação de inteligência antes da realização da matrícula; e, outras áreas, como o esporte e o setor jurídico, que foram apresentando, no decorrer da trajetória histórica da Psicologia, algumas necessidades de utilização dessa Ciência em seu contexto social.

Tudo isso demonstra que, para entender as RS de um grupo social, é necessário compreender sua trajetória e suas principais evoluções. Além disso, demonstra uma influência significativa de acordo com o contexto histórico, político e econômico tanto mundial quanto nacional.

Na sequência, este estudo abordará a temática da escolha profissional com a finalidade de proporcionar o entendimento em relação à profissão de psicólogo.

2.2 Escolha profissional

Segundo o dicionário Aurélio (2018, s. p.), profissão é “ofício, ocupação, modo de vida, função, vocação, conhecimento ou formação de uma área específica” e, muitas vezes, uma mesma profissão pode realizar distintos trabalhos.

Há diversos significados para a palavra trabalho, no entanto, em geral, o termo diz respeito ao fazer, ao criar, ao manejar e ao planejar. Segundo Marx (1989 apud ENRIQUEZ, 2014), a essência do ser humano é o trabalho; o que ele produz é o que ele é; o homem é o que ele faz e a natureza dos indivíduos depende, portanto, das condições materiais que determinam sua atividade produtiva. Assim, o indivíduo, quando direcionado para uma área específica, busca aprimorar-se e tornar-se um especialista na área de vocação escolhida.

Para Freud (1980), as principais realizações da existência humana são o amor e o trabalho, tendo o trabalho uma ênfase especial, em razão da sua importância para o

desenvolvimento integral do ser humano e para a amenização de problemas sociais. Sobre o tema trabalho, Salles (2010) define que:

O trabalho é o resultado dos processos sublimatórios e é um importante fator para a manutenção do equilíbrio psíquico, garante também a inserção social do sujeito. Freud resume a existência humana: o amor nos mantém investidos libidinalmente, o trabalho nos dá um lugar no tecido social, pois transcende a necessidade de sobrevivência fazendo de nós agentes transformadores da sociedade na qual estamos inseridos. (SALLES, 2010, p. 93)

De acordo com Albornoz (1986), o trabalho do homem aparece cada vez mais nítido quanto mais clara for a intenção e a direção do seu esforço. Trabalho, nesse sentido, possui o significado ativo de um esforço afirmado e desejado, com a finalidade de realização de objetivos. Dentro disso, o objetivo ou a obra realizada como fruto do trabalho passam a ser também chamados de trabalho. O trabalho é o esforço e o resultado; é a construção enquanto processo e ação. Assim, o trabalho sempre fez parte da rotina da humanidade, proporcionando condições de sobrevivência, melhoria de vida, desenvolvimento físico, cognitivo e social, além de realizações pessoal e profissional, trazendo contribuições ao indivíduo. No entanto, tal perspectiva carrega consigo a questão sobre o que escolher como trabalho ou profissão.

É importante considerar, contudo, que apesar da vida, de fato, ser feita de escolhas, elas requerem grandes responsabilidades. E isso porque, conforme afirmam Lisboa e Soares (2017), o trabalho ocupa grande parte do tempo da vida do indivíduo e escolher é o meio pelo qual o ser humano decide que tipo de ocupação lhe proporciona um sentimento de plenitude e de satisfação pessoal. Nessa mesma direção, Soares (2002) afirma que o ser humano precisa refletir sobre a importância do trabalho na vida e se aquilo que escolheu para fazer comporta algum sentido para o seu bem-estar, pois, considerando o tempo despendido em uma jornada de trabalho, é significativo questionar e avaliar esta área da vida, pois apesar de ser algo penoso, é necessário a todo profissional.

A tomada de decisão sobre a profissão é um dos grandes desafios para o ser humano e, segundo Baccaro e Shinyashiki (2011), esse é um processo que consiste em buscar algumas alternativas viáveis de uma carreira, compará-las e escolher uma delas. O grau de certeza em relação a essa escolha pode afetar o comprometimento e o envolvimento de um indivíduo com a profissão escolhida. Dessa maneira, é necessário buscar formas e meios de conhecer e de mensurar os fatores que podem facilitar e agregar valor à definição de algo tão impactante na vida adulta de todo indivíduo. Vale

ressaltar, contudo, como afirmado por Bohoslavsky (2003), que o foco não é somente definir a profissão, mas sim definir o que indivíduo de fato quer ser ou não.

Segundo Dessen e Júnior (2005), todas as escolhas e decisões que os indivíduos realizam dependem dos fatores pessoais e sociais, além dos socioculturais que exercem influência em cada aspecto do desenvolvimento humano, inclusive na escolha profissional. E, ainda, consoante o pensamento de Pimenta (1981), a escolha profissional é definida como um desenvolvimento que se inicia no final da infância e termina no início da idade adulta. Em outras palavras, não é um aspecto fixo, porém dinâmico e que respeita as fases do desenvolvimento humano. Na perspectiva da autora, a escolha pode depender de diversas variáveis: a demanda de trabalho, os salários, o prestígio, a segurança, as habilidades, a influência de familiares, a cultura e a sociedade. Todas essas variáveis – consolidadas ao longo da vida até a chegada do momento da escolha profissional - influenciam o indivíduo na forma de definir a profissão, pois os parâmetros internos e externos acabam sendo considerados nesse momento e são substanciais para a tomada de decisão.

A escolha profissional pode gerar, principalmente nos adolescentes e jovens, grande pressão e precipitação, e estes aspectos influenciam diretamente no estabelecimento de critérios segundo os quais tal escolha será baseada. O ato de escolher não é uma tarefa fácil, pois deve-se considerar o envolvimento de aspectos econômicos, sociais, culturais, políticos, dentre outros. Embora já se saiba que os indivíduos são livres para fazer suas escolhas profissionais, é preciso reconhecer os aspectos particulares no contexto em que vivem (BOCK, 2010). Percebe-se, portanto, que, embora cada sujeito tenha uma singularidade, o meio social exerce um impacto significativo nas tomadas de decisão de todas as pessoas.

O indivíduo faz escolhas dentro do seu processo pessoal, tendo como referência seus sentidos de vida, ou seja, considerando os recursos que possui a partir de suas experiências, afetos e aprendizados singulares, conforme afirmado por Bock (2010). Vale reconhecer, portanto, que a vida social, o contexto de valores, o grupo ao qual ele pertence, as educações recebidas, dentre outros, podem influenciar na escolha profissional. Para esse autor, tanto o indivíduo quanto a sociedade participam do mesmo processo de escolha, pois as habilidades pessoais e o contexto social fazem parte dessa construção subjetiva em que consiste a escolha de uma profissão. Conforme afirmado por Lopukhova (2014), a autoconsciência é muito importante para o processo da escolha e a satisfação futura da profissão.

Serpa (2003), por sua vez, afirma que a escolha se dá de acordo com as características pessoais do indivíduo (seus interesses e gostos) e com o modo pelo qual é impactado pelo contexto histórico em que vive. Tendo como base esse pensamento do autor, pode-se afirmar que a escolha profissional é um processo tanto de natureza psicológica quanto social, no qual os fatores subjetivos estão em constante inter-relação com os objetivos, ou seja, aquilo que constitui o sujeito e o produz provém, muitas vezes, do universo social que o rodeia. O sujeito que escolhe não é totalmente livre para escolher, embora não tenha sua escolha determinada taxativamente pelo mundo social. Ele tem diante de si uma questão: perceber a realidade que o rodeia, porém não isoladamente, mas sim de forma articulada aos grupos aos quais pertence.

Segundo Lucchiari (1993), há outros aspectos que podem ser considerados como auxílio no momento da escolha profissional, quais sejam: o autoconhecimento (questionar seus gostos e interesses em relação a seu projeto de vida), como um meio de facilitação nesse processo; o conhecimento das profissões atuais e da realidade de mercado (buscar as informações de forma mais prática através de visitas e entrevistas a profissionais das áreas de interesse, por exemplo). E, após essas etapas, tomar a decisão de forma mais consciente e segura.

Santos (2012) observa que o desenvolvimento pessoal e profissional é integrativo e o relaciona com a abertura à experiência e à responsabilidade do indivíduo com ele mesmo e com os demais. Nesse caso, para o autor, é mister que o indivíduo, conhecendo a si mesmo, saiba como usar suas experiências pessoais a fim de lidar com desafios futuros, uma vez que o desenvolvimento profissional está relacionado ao autodesenvolvimento.

Segundo Barros et al. (2007), os diferentes aspectos determinantes da escolha profissional, bem como sua relevância nas relações laborais e, sobretudo, nas mudanças no mundo do trabalho, são constitutivos das características do próprio indivíduo. Além disso, são significativas para todo ser humano as influências do seu meio em relação a essa escolha. Vale considerar, também, a importância da individualidade da pessoa, como observado por Bock et al. (1995), que afirmam ser um ato de responsabilidade do sujeito em um momento importante para a construção de sua individualidade.

Ao discorrer sobre o tema escolha profissional ou vocação, Gunderman (2013) faz uma crítica aos testes vocacionais, afirmando que estes buscam direcionar a pessoa às áreas profissionais mais adequadas conforme o tipo de personalidade e preferências destacadas nos resultados dos testes. No entanto, na opinião do autor, a vocação não se

refere apenas às escolhas ou preferências do indivíduo, mas também às suas habilidades e competências. Esses aspectos, ao se encaixarem em uma área específica, podem auxiliar o indivíduo na sua escolha sobre como contribuir de maneira mais eficaz junto à sociedade. Desse modo, a importância de cada um entender e perceber a própria vocação não se restringe ao momento da escolha do curso, pois tal escolha impactará sobre toda uma carreira profissional. Dependendo da motivação que se tem ao escolher uma profissão, a pessoa poderá obter sucesso ou sentir-se frustrada. Na maioria das vezes, o ser humano apenas se dá conta de ter escolhido a área correta, ou não, quando chega no meio do curso e começam os estágios – momento da vivência mais próxima da formação profissional escolhida. Para Fachin e Orzechowski (2014), a frustração está presente no percurso da escolha profissional e faz parte do mundo do trabalho – um mundo sempre em transformação. Nesse sentido, enfrentar a escolha profissional é necessário e fundamental, a fim de evitar ou reduzir ao máximo a frustração durante o caminho.

No entendimento de Ramírez e Ramos (2016), a formação profissional torna possível a compreensão profissional por meio das atividades desenvolvidas, das aulas assistidas e discutidas, das estruturas oferecidas para o aprendizado e de tudo o que se relaciona à disciplina em si (tarefas, livros, apresentações, supervisão dos professores, entre outros). Entendem, ainda, que dentro da universidade existem vários caminhos para a aquisição do conhecimento, bem como diferentes maneiras de os estudantes compreenderem sua futura profissão. Enfatizam, também, que não seria preciso terminar o ensino superior para poder responder perguntas sobre os aspectos da prática profissional da área de trabalho escolhida, pois dentro da universidade existem diversos recursos capazes de auxiliar no alcance dessas respostas, sendo através dos relacionamentos estabelecidos e do direcionamento dado pelos professores que os alunos se apropriam dos tipos de conhecimento necessários à sua eficácia profissional.

De acordo com Silva e Soares (2001), a profissão escolhida é mais que um agrupamento de técnicas utilizadas com a finalidade de garantir a subsistência, pois, além disso, vem acompanhada de um *status* social, serve à sociedade como um fator diferenciador e identificador de papéis sociais e é considerada, até mesmo, uma opção de vida, independente de ter sido, ou não, uma escolha consciente. Essa proposição vai ao encontro do que já foi explicitado anteriormente sobre a grande tensão, as dúvidas e os receios que podem surgir na hora de decidir um dos aspectos mais significativos da

vida. Por tudo isso, é importante compreender o processo que leva à escolha profissional e suas particularidades.

Segundo Rodriguez e Jacoby (2013), dependendo da carreira escolhida, mudam as características do contexto profissional, mudam as práticas durante o processo de formação do estudante, bem como há mudança no tipo de apoio e supervisão que lhes é concedido, sendo algumas características mais valorizadas do que outras. Afirmam os autores, ainda, que ao escolher fazer parte de um grupo de profissionais há uma necessidade de comprometimento com ele e com as respectivas normas, além da necessidade de adequação aos papéis do referido grupo e da apropriação de repertórios ou modelos culturais. Esse fato ressalta, ainda mais, a importância do processo da escolha profissional, que implica em compromisso e seriedade, gerando impactos não só sobre o indivíduo que escolheu a área profissional específica, como sobre os demais membros do grupo social correspondente a essa profissão.

Partindo desse ponto, de acordo com Neiva (2013), conhecer a profissão de forma minuciosa – saber o que é esperado, o que se faz e como se faz - é de grande importância no processo de escolha. No entanto, nesse período é imprescindível que a pessoa tenha autoconhecimento das respectivas habilidades, valores e expectativas profissionais, com o intuito de garantir a si mesma uma escolha efetiva, que lhe proporcione alegria e seja, ainda, um projeto de vida.

Soares (2002), por sua vez, não acredita que haja necessariamente apenas uma escolha profissional ou uma única profissão para toda vida, mas considera importante o entendimento sobre como fazer a melhor escolha possível em certo momento e sob determinadas condições, sempre tendo em mente que esse é um longo caminho a ser percorrido. Já para Bohoslavsky (2003), tudo o que se refere à escolha está relacionado a aspectos reais e fantasias que foram construídos nas relações interpessoais de ontem, hoje e amanhã.

Partindo dessa forma de compreensão sobre a escolha profissional e direcionando-a para a escolha da profissão de psicólogo, há vários fatores que demonstram, de acordo com as pesquisas relacionadas à área, que os momentos histórico, cultural, familiar, cognitivo e comportamental podem influenciar na opção por essa carreira.

Sobre a atuação profissional, Bock (2007) afirma que saber com clareza o que é ser um psicólogo e como funciona a sua prática é fundamental para os jovens que pretendem ingressar nessa profissão, pois estarão diante de um trabalho que visa

ressignificar as experiências vividas, potencializando as pessoas como agentes ativos - autores da transformação de si mesmos e do mundo - e promovendo a saúde mental das pessoas, tanto no âmbito individual quanto no coletivo.

Para Dias e Soares (2012), na perspectiva da Psicologia social, a profissão envolve a representação pessoal de um futuro tecido sobre escolhas presentes que são sempre condicionadas a um passado historicamente construído. Diante disso, e de acordo com Magalhães et al. (2001), a escolha da profissão de psicólogo tem como finalidade o desejo de ajudar pessoas, o que denota um histórico de provações afetivas no período da infância, uma necessidade maior de interação interpessoal, uma grande sensibilidade às necessidades alheias, além da vivência de eventos problemáticos no âmbito familiar. Todos esses aspectos relacionados fazem parte da experiência de vida e do desenvolvimento do indivíduo, sendo partes imprescindíveis à opção pela Psicologia, em detrimento de outras profissões.

É importante ressaltar que a escolha profissional não é algo pré-determinado, tampouco está em plena sintonia com as vivências do indivíduo e com as suas possibilidades. Por isso, observa-se a relevância da compreensão dessa escolha a partir das razões e percepções do indivíduo.

No próximo tópico, há uma breve apresentação sobre a profissão do psicólogo, a fim de proporcionar um melhor entendimento em relação à formação e à atuação deste profissional.

2.3 Formação e Profissão de psicólogo

De acordo com Lins et al. (2015), a opção pelo curso de Psicologia é baseada nos fatores sociais, econômicos, afetivos e pessoais como elementares e que, em geral, estão diretamente atrelados à vontade de auxiliar o próximo, concorrendo tanto para a realização profissional quanto para a pessoal.

Diante disso, compreende-se que o período de escolha e formação enquanto pessoa e profissional é responsável por auxiliar o estudante no entendimento da profissão definida. É importante que todos tenham clara, inclusive os próprios psicólogos, a dificuldade na compreensão da ciência da Psicologia e no desenvolvimento do autoconhecimento, pois o que se espera do profissional e de seu desenvolvimento precisa estar mais atrelado à realidade, por se tratar da atuação em uma área cujo sujeito é o ser humano.

Para Santos (2012), o profissional que irá exercer o papel de psicólogo precisa ter eficácia pessoal, pois isso determinará sua qualidade e eficácia profissionais. Isso

pode até parecer óbvio, pois trata-se de um trabalho que envolve a mente humana, sendo coerente pensar que aquele que irá ajudar outra pessoa está, primeiramente, em equilíbrio consigo. Assim, segundo Usagi e Niculescu (2012), há sim a necessidade de uma construção da mente do indivíduo que pretende atuar como psicólogo.

Desse modo, durante o período de formação profissional, é necessário reforçar, por parte da docência, uma atitude aberta e positiva em relação ao potencial humano, atitude essa considerada essencial para uma melhor adequação do futuro de cada profissional. E, segundo afirma Martin-Baró (1996), a profissão do psicólogo deve estar baseada nas necessidades e realidades do contexto social no qual atenderá.

No que diz respeito à área de atuação, o processo de formação tem grande influência sobre o universitário. Para Gondim et al. (2010), o número de oportunidades fornecidas nesse período é altamente relevante para a permanência ou não do estudante no curso de Psicologia, fazendo com que o estudante veja que há uma procura pela área em que está se formando e escolha seguir a carreira profissional. Além disso, outros aspectos como remuneração e oportunidades de trabalho são essenciais à vinculação do universitário às áreas de atuação.

De acordo com Usagi e Niculescu (2012), há uma pressão social para que o ensino superior seja reestruturado de acordo com o momento atual. Segundo Santos e Almeida Filho (2008), há várias novas fontes de informação, conseqüentemente, há uma explosão de conteúdo e as instituições devem estar preparadas para a dinâmica do mercado de trabalho, a fim de formar profissionais pró-ativos que sejam capazes de se adaptar às possíveis mudanças que venham a ocorrer. Tratando-se especificamente do curso de Psicologia, é imprescindível que o aluno seja bem direcionado e preparado, pois está diante de uma nova ciência, ainda em busca da consolidação da sua imagem.

Em relação às universidades, Usagi e Niculescu (2012) afirmam que a base para a reforma curricular no ensino superior é a definição de competência. Esses autores explicam que, inicialmente, o conceito de competência foi estabelecido pelo domínio vocacional, estando focado apenas nos aspectos comportamentais, mas hoje o foco foi ampliado para o pessoal, para o valor social e afins. Os estudantes, todavia, devem ser capazes de usar o conhecimento adquirido para realizar um bom trabalho, tendo autoconhecimento, desenvolvimento social e trabalhando com afinco em sua atuação. Considerando que as competências são o conhecimento em ação, apenas essa ação pode comprovar a eficiência de tal conhecimento (SANTOS FILHO, 2012). Em outras

palavras, somente por meio da prática e do autodesenvolvimento é possível perceber o tipo de profissional em formação.

Imianowsky (2014) concorda que há a necessidade de reflexão a respeito da formação do psicólogo e que desde o período de formação já é importante refletir sobre a sua atuação. Ressalta, ainda, que antes de qualquer prática profissional a adequação no processo de formação faz grande diferença e beneficia a atuação eficaz e funcional, de acordo com o contexto. Segundo Bardagi (2008), é preciso que a formação do psicólogo seja reavaliada e atualizada, a fim de estar em consonância com as transformações que afetaram o mundo nos últimos anos.

É importante considerar, como observam Ramírez e Ramos (2016), que existem maneiras de analisar a formação dos estudantes de Psicologia, bem como todo o desenvolvimento pessoal que os transforma em profissionais. Tais análises podem ser realizadas através de entrevistas e questionamentos por parte dos estudantes e docentes, com o intuito de verificar como a formação está, de fato, tornando esses futuros profissionais conscientes de seu papel. Os autores argumentam, ainda, que a escola de Psicologia tem um importante papel nesse desenvolvimento, pois os caminhos que ela traça para os seus alunos, junto aos apoios teórico-metodológicos por ela oferecidos, os ajudam no processo de construção de uma identidade profissional.

No tocante ao desenvolvimento de competências, Cruz (2016) tece algumas considerações sobre as que são relevantes no processo da formação profissional do psicólogo. São elas:

- 1) Identificação das necessidades do cliente para compreendê-las, por meio de processos de investigação ou avaliação;
- 2) Intervenção, quando necessário, considerando algum grau de conhecimento das necessidades e dos resultados dos processos de investigação ou avaliação;
- 3) Avaliação do que é necessário e suficiente para o atendimento das necessidades dos usuários, tendo em vista o conhecimento produzido pelos processos de investigação e avaliação;
- 4) Comunicação do trabalho realizado, com base no conhecimento obtido, visando promover mudanças ou melhorias naquilo que foi demandado. (CRUZ, 2016, p. 252)

Nessa perspectiva, Rechtman (2015) afirma que a formação está diretamente relacionada à profissão, isto é, tudo o que está relacionado à formação se refere também à profissão. A formação e a atuação profissional constituem um processo contínuo, pois a primeira deve servir de resposta às novas demandas da segunda, afinal, trata-se de um espaço de construção de superação das práticas já estabelecidas. Deve-se considerar,

portanto, esta interação entre a formação e a profissão durante toda a trajetória profissional do psicólogo.

A Resolução 5/2011, citada por Damasceno (2016, p. 250), aborda as diretrizes curriculares nacionais para a Graduação em Psicologia no Brasil ao dispor sobre: “[...] princípios, fundamentos, condições de oferecimento e procedimentos para o planejamento, implementação e avaliação do curso de Psicologia”. Desse modo, a formação profissional voltada para a atuação profissional, na pesquisa e no ensino da área da Psicologia, conta com as seguintes diretrizes: desenvolvimento do conhecimento científico; compreensão dos fenômenos biopsicossociais; perspectiva multiprofissional para melhorar a compreensão do ser humano e suas complexidades no âmbito psicológico; senso crítico quanto aos fatores políticos, sociais, culturais e econômicos, de modo a atuar de forma eficaz junto à sociedade; foco na promoção e prevenção da qualidade de vida do indivíduo como um todo; respeito à ética do exercício profissional e necessidade de capacitação e educação continuada.

Assim, corroborando com tais diretrizes, Dourado et al. (2016) dispõem que:

[...] Elas apontam para a necessidade do psicólogo graduado ser capaz de diagnosticar, avaliar e atuar em problemas humanos de ordem cognitiva, comportamental e afetiva; além de coordenar e manejar processos grupais; atuar inter e multiprofissionalmente; realizar orientação, aconselhamento psicológico e psicoterapia; levantar questões teóricas e de pesquisa; e gerar conhecimentos a partir de sua prática profissional. Para isso, elencam um conjunto de competências a serem desenvolvidas pelo curso e as habilidades nas quais essas competências se apoiam. (DOURADO et al., 2016, p. 1)

De acordo com essas diretrizes curriculares, Gomes (1992) afirma que o período de formação é o momento de questionar e reavaliar o que está sendo ensinado e desenvolvido em relação ao futuro profissional e que do aluno é esperado que não se conforme sempre com as teorias, tampouco que se acomode ao longo de seu exercício profissional, mas sim que sempre reveja suas práticas, adequando-as conforme a real necessidade dos indivíduos que passam por uma intervenção psicológica.

Nesse aspecto, é importante ressaltar a necessidade de uma coerência entre a formação e a atuação, pois, conforme apurado em pesquisa por Bastos et al. (2010), os discursos dos profissionais da Psicologia apontam que o período de formação não tem tanta relação com a prática profissional. Isso acarreta dificuldades, uma vez que a profissão de psicólogo é influenciada pelo modo como os estudantes pensam e como são formados durante a graduação, bem como por outros cursos e pelo contexto em que atuam. Nesse sentido, a formação e a atuação são influenciadas pelas mudanças que ocorrem na sociedade como um todo e essa relação dicotômica precisa ser reavaliada de

forma mais consistente, a fim de também considerar a existência de ampliação das áreas de atuação e o foco no aspecto social. Desse modo, é possível relacionar a atuação desse profissional a toda situação de dimensão subjetiva.

Sobre o exercício da profissão de psicólogo, o Decreto nº 53.464/64 (BRASIL, 1964) em seu artigo 4º, traz algumas funções e atividades que fazem parte da vida desse profissional. São elas: realizar testes, perícias, pareceres e diagnósticos; atuação em serviços públicos e particulares; docência desde a educação infantil até o nível universitário; supervisor de pares e alunos em sua área de atuação. Dentro dessas definições de funções ou atribuições, Pereira e Neto (2003) destacaram os campos de atuação do psicólogo, quais sejam: clínico, educacional, organizacional, acadêmico, forense, esporte e afins. Tudo isso partindo dessa compreensão sobre a vida de um psicólogo e do reconhecimento dos fatores sócio-históricos abordados anteriormente, revelando, assim, as variedades de ramos da profissão do psicólogo. No entanto, de acordo com Vargas e Zampieri (2015), é importante que o psicólogo se prepare para trabalhar com as variáveis do mercado de trabalho, tendo compreensão de suas técnicas profissionais e buscando sempre uma forma de educação continuada, a fim de se manter atualizado.

E, partindo desse exercício profissional, foi destacado por Brasileiro e Souza (2010) que os psicólogos precisam se preparar para lidar com os diversos fenômenos humanos e seus contextos e, principalmente, devem estar seguros para atuar de forma mais preventiva. Esse é um aspecto que precisa ser enfatizado desde a formação profissional, pois muitas vezes não está tão presente no exercício da profissão.

O psicólogo é visto como um profissional do cuidado, sendo, portanto, perceptivo, atencioso, compreensivo e atraente, considerando características referentes ao profissional do sexo feminino (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2012). Por esse aspecto, e com base no próprio contexto histórico, é apontada a prevalência do sexo feminino nessa profissão. Os estudos relacionados ao perfil do profissional da Psicologia destacam uma maioria composta por mulheres. E, ainda, o levantamento de dados para identificar o perfil do Psicólogo realizado pelo Conselho Federal de Psicologia (2012, p. 11) apontou que a configuração de uma maioria de profissionais mulheres “[...] permanece praticamente estável em relação a pesquisas anteriores realizadas nas últimas décadas”.

E, partindo dessa perspectiva, a pesquisa de Castro e Yamamoto (1998, p. 154) sobre os estudantes de Psicologia aponta que a prevalência do sexo feminino nessa área

pode ter relação com “[...] a remuneração, regime de trabalho, encargos familiares *versus* atuação profissional e dificuldade de absorção pelo mercado de trabalho, entre tantos outros”. No entanto, ainda não é possível concluir o que de fato leva a essa predominância feminina.

A partir dessas reflexões, percebe-se, uma imagem ainda muito limitada sobre o psicólogo e sem embasamento no que de fato é atribuído à profissão. Tal situação enfatiza a importância da existência de mais estudos sobre essa profissão, bem como sobre o papel por ela desempenhado junto à sociedade científica. E isso porque, conforme apontado por Lopukhova (2014), a maior parte do que se pensa sobre a Psicologia está embasado em informações provindas dos meios de comunicação em massa, que, na verdade, não difundem um conhecimento mais aprofundado sobre o assunto.

O estudante ingressante no curso de Psicologia, por sua vez, carrega as concepções construídas ao longo da própria história de vida, o contexto social, os canais de informações sobre a área profissional da Psicologia, a grade curricular do curso de graduação, porém, conta com um acesso às vezes limitado aos profissionais dos diversos campos da Psicologia.

Existem várias áreas nas quais o profissional de Psicologia pode atuar, no entanto, ainda há uma ideia incompleta por parte da própria sociedade quanto ao papel do psicólogo. E uma compreensão adequada da imagem do psicólogo, conforme afirmado por Lopukhova (2014), é importante para promover um trabalho bem-sucedido e com o reconhecimento de suas diversas áreas de atuação. Para tanto, são necessários estudos que visem desmitificar - e não limitar - a visão que se tem do psicólogo, a fim de que essa carreira tenha uma compreensão cada vez maior sobre o papel desse profissional para sociedade.

A pesquisa desenvolvida por Matos e Lima (2016), por exemplo, sobre a escolha profissional em Psicologia, realizada com estudantes egressos do curso de Psicologia na Universidade Federal da Bahia, traz uma visível percepção de que a área clínica é o foco de boa parte dos estudantes que optam pela Psicologia. Tal pesquisa, que tinha como objetivo identificar a trajetória da escolha da área de Psicologia, acabou chegando a resultados segundo os quais os alunos possuíam mais compreensão e interesse pela área clínica, desde a observação comportamental, das entrevistas e da aplicação de testes psicológicos. Assim, as pesquisas atuais demonstram que ainda persiste uma atuação individualista e clínica, fato que revela, muitas vezes, que os

próprios profissionais enxergam a profissão apenas em sua forma clínica. No entanto, como citado anteriormente, sua atuação não se baseia só nas competências profissionais voltadas para os aspectos individualistas, existindo outros campos de atuação relevantes e que precisam ser considerados.

Sobre o aspecto de uma predominância de escolha pela área clínica, Gil (1985) afirma que:

A área clínica tem sido a preferida pelos psicólogos, desde a regulamentação da profissão: possivelmente pelo fato de ser a que mais possibilita a realização profissional, em termos de autonomia, ou ainda por evocar similaridade com a profissão do médico — símbolo de profissão liberal socialmente prestigiada. (GIL, 1985, p. 14)

Mas, de acordo com Bock et al. (1999), não dá mais para a Psicologia ser vista como uma atuação individual, isolada. Ela deve sim buscar uma atuação social e abrangente, de modo que toda intervenção psicológica enfatize o indivíduo no seu contexto social.

Um outro aspecto, igualmente relevante, é que a profissão do psicólogo também é marcada pela compreensão, por parte da sociedade, de que se trata de uma área para atendimento do “louco”, sendo o psicólogo qualificado como o “médico de louco”, segundo demonstra o próprio contexto histórico da Psicologia.

Mas, o que de fato se entende sobre a loucura? Segundo Schlosser e Rosa (2017), este fenômeno, a loucura, é fruto de séculos de exclusão e marginalização da população acometida por sofrimento psíquico. Essa conclusão é consequência da pesquisa que realizaram os autores sobre as RS de acadêmicos de Psicologia - 50 acadêmicos de uma instituição do Ensino Superior - no tocante à loucura. E tudo isso vem demonstrar a falta de compreensão sobre esse fenômeno e a presença de preconceito.

Sobre esse mesmo tema, já na perspectiva de Foucault (2009, p. 512), a “[...] loucura corresponde à parte mais obscura e encoberta do homem, algo que com a maturidade e aprimoramento da razão vai se tornando distante e impraticável”.

Para Jodelet (2005, p. 223), na pesquisa que realizou sobre RS da loucura, a categoria de “louco mental” é vista pelas pessoas como uma falha de raciocínio, ressaltando uma situação de “[...] não saber o que passa pela cabeça deles, assim como a presença difusa do mal mental, ainda mais perturbadora por ser mal conhecida”. Há, também, em sua pesquisa, as RS da loucura como doença - um aspecto desconhecido e intocável. E, ainda, a ênfase na diferença do conceito desta temática quando apresentada de acordo com a presença de alteridade de fora (culturas distintas) ou alteridade de

dentro (distinção em um mesmo grupo social ou cultural), o que pode diferenciar a forma de significar a loucura para cada grupo pesquisado.

Já Moscovici (2015) aponta ser difícil a compreensão da loucura dentro da racionalidade. Demonstra o autor, ainda, que há vários significados sobre a loucura, sendo necessário considerar seu aspecto sociocultural. E isso acaba relacionando a profissão do psicólogo com o considerado “louco”, por se tratar de um profissional que lida com o ser humano e sua complexidade.

De acordo com Wachelke (2005 p. 316), a RS da loucura está relacionada a um “[...] objeto instável, não-familiar, inspirador, de ansiedade, ameaçador da ordem social pela sua incompreensão”. E, considerando as incertezas a respeito desse assunto, o que acaba prevalecendo é a imagem pela qual o “[...] louco é visto como uma pessoa imprevisível, associada à violência e ao perigo.” (WACHELKE, 2005, p. 313) e, muitas vezes, associado a problemas psicológicos. Nesse sentido, Martins (2013, p. 17) ressalta que a pessoa considerada “louca” apresentava comportamentos inadequados para a sua faixa etária e com os quais a própria sociedade não sabia como agir ou lidar.

Pela pesquisa de Krause (2002), o psicólogo deve atuar com pessoas “loucas” e doentes mentalmente pelo fato de exercer uma profissão que abrange tudo o que se refere ao ser humano. Considerando esses aspectos, Bock et al. (1999, p. 40) apresentam uma outra visão, alegando que certamente a doença também faz parte da possibilidade de atuação do psicólogo, “[...] mas nunca deve ser o centro do papel do psicólogo”. Alerta o autor, assim, que ter um tratamento voltado para algum tipo de doença mental faz parte da profissão do psicólogo, mas não é a exclusividade de sua atuação.

Sobre o tema, Martin-Baró (1996) aduz que o papel do psicólogo deve ser definido em função das circunstâncias concretas da população, necessitando de preparo para atender a sociedade em geral e não exclusivamente do rotulado “louco”. E para isso, como foi afirmado por Alberto (2012), há a necessidade de o psicólogo aprender a sua profissão, de efetivamente ser um psicólogo e desenvolver-se nessa esfera profissional com o foco na mudança da realidade.

Assim, o profissional de Psicologia, além de aprender a ser profissional, deve gerar, por meio dessa aprendizagem, mudanças na realidade e nos desafios sociais. Para tanto, é necessário que haja coerência entre o que o profissional precisa saber sobre sua função e o que lhe é ensinado durante a graduação.

Nesse sentido, tudo o que foi apresentado neste tópico no tocante à profissão do psicólogo representa a compreensão que há sobre a carreira por parte do estudante do

curso de Psicologia e pela sociedade. Há, também, o que o Conselho de Psicologia detalha sobre a atribuição do psicólogo, esclarecendo os desafios que ainda persistem na definição deste papel tanto para o profissional como para o leigo, enfatizando que são necessárias maiores pesquisas, com o intuito de ampliar e reconhecer de fato a relevância dessa profissão para a sociedade.

Assim, na próxima seção, será abordada a Teoria das Representações Sociais (TRS), desde a sua origem histórica, com as respectivas definições e com o conteúdo que proporcionaram o embasamento teórico para a análise dos significados sobre o objeto social deste grupo em especial – os psicólogos.

2.4 Teoria das Representações Sociais

A Teoria das Representações Sociais (TRS) surge do desejo de seu fundador, Moscovici, por uma Psicologia Social menos individualista e de maior valorização do fenômeno social, de uma forma mais flexível e dinâmica diante da realidade humana. Trata-se de uma teoria decorrente do estudo sobre a Representação social da psicanálise para diferentes grupos sociais na França, no período das décadas de 50 e 60, com o objetivo de encontrar o que era o fenômeno social da psicanálise para esses grupos diversos, devido à difusão desses profissionais pelo País nessa época. Sua busca era pela compreensão do que de fato fazia parte do senso comum.

A mencionada teoria deriva dos estudos de Durkheim que, segundo Pinheiro Filho (2004), aborda as representações coletivas, afirmando que essas representações se referem ao fato social, ao conceito em si, a algo já estabelecido. Desse modo, uma vez estruturada uma Representação, ela nunca muda, sendo, portanto, estática. Além disso, tem-se que são as ações coletivas que tornam as pessoas como elas são (no agir, pensar e sentir), e não o reconhecimento dos aspectos individuais.

Já Moscovici (2001) apresenta uma outra conotação, a de que as Representações Sociais consideram a relação entre indivíduo e grupos, pois acredita na importância da interação para uma melhor compreensão de fenômenos sobre um tema específico em relação a um grupo social. E, assim, as interações sociais proporcionam entendimento e explicações sobre o objeto social. Enfatiza, ainda, que as RS são dinâmicas, apesar de haver uma essência que não muda. Isto é, na verdade, o que pode mudar é o periférico, dependendo do contexto histórico do grupo social.

Para que exista uma RS, o objeto deve ter relevância social. O fenômeno de uma RS necessita do eu, do outro e, ainda, de ser estudado a partir de um grupo. Falar em

termos de grupo, segundo Michener et al. (2005), significa fazer referência a uma unidade social que consiste em duas ou mais pessoas e que possui os seguintes atributos: filiação, interação entre os integrantes, objetivos compartilhados e normas mantidas pelos grupos, ou seja, significa falar em um sistema organizado e padronizado por seus integrantes, podendo ser estudado e observado por meio da TRS.

A compreensão da RS vai de acordo com a compreensão de um grupo social, consistindo na interação com o objeto em estudo. Isso diz respeito, segundo Chamon (2007, p. 126), a: “[...] grupos preexistentes confrontados com um objeto novo e problemático” ou que seja investigado em um novo momento da história.

E, também, como afirmado por Trindade et al. (2011), as RS são:

[...] entendidas como uma forma de conhecimento de senso comum socialmente partilhado, tem, em seu bojo, a ideia de um conhecimento construído por um sujeito ativo em íntima interação com um objeto culturalmente construído, que revela as marcas tanto do sujeito como do objeto, ambos inscritos social e historicamente (TRINDADE et al., 2011, p. 102).

Segundo os argumentos de Bonetto et al. (2018), a existência de um grupo que compartilha uma representação está intimamente relacionada ao objeto de representação, podendo o objeto em si ser o motivo pelo qual o grupo existe. Como exemplo, citam os grupos de estudantes de graduação, observando, nesse caso, “estacas de coesão”, no sentido de que o objeto em questão permite que haja a coesão dos membros do grupo, uma vez que existe uma visão comum sobre ele. Os autores trabalham muito, ainda, com o conceito epistemológico e afiliativo das relações sociais nas quais se estabelecem as estruturas de significados e há o compartilhamento de pontos de vista comuns que determinam a afiliação do indivíduo a determinado grupo. Nesse sentido, traçando um paralelo, é o que o presente estudo pretende avaliar, com base nas RS de um grupo de estudantes ingressantes em Psicologia.

Marková (2017), em seus estudos, afirma que a TRS pode ser considerada uma antropologia da cultura, já que ela estuda os grupos sociais, bem como suas crenças e seus conhecimentos. Define, ainda, dois significados ao falar sobre as RS: primeiro, a TRS é uma teoria interacional do conhecimento social, ou epistemologia interacional; e o segundo encontra-se relacionado ao estudo dos fenômenos sociais propriamente ditos.

Basicamente, portanto, a TRS estuda a relação entre o Eu, o Outro e o Objeto, os quais formam a estrutura da epistemologia. As RS consideram o ser humano como possuidor de padrões éticos e ambições, passível de fazer escolhas. Essa possibilidade

de escolha, de acordo com Moscovici (1961;1976;2008), diferencia a TRS das demais, que têm um cunho mais objetivo e determinista.

Assim, a partir do estudo da TRS por meio da Psicologia social, o termo “Representação”, de acordo com Marková (2017), passou por diversas alterações ao longo da história. Devido ao fato de abranger diversas áreas do conhecimento, tais como as ciências cognitivas, a Sociologia e a Psicologia, torna-se um adjetivo comum em referência a uma representação coletiva ou social que têm perspectivas teóricas diferentes. Esclarecer o significado das RS facilita, portanto, na compreensão do que elas desempenham na sociedade.

Moscovici (2011), desse modo, sugere que o que diferencia a Psicologia social de outras disciplinas não é seu objeto, mas sim seu olhar particular para os fenômenos e para as relações entre eles. Sua particularidade é substituir a relação binária entre sujeito e objeto por uma relação de três partes: sujeito individual (Ego), sujeito social e objeto.

No entanto, para o psicólogo, as Representações Sociais são conjuntos dinâmicos, caracterizados pela produção de comportamentos e relacionamentos com o meio social. Trata-se de uma ação que se modifica na relação entre sujeitos, e não de uma reprodução de fatos sociais estabelecidos. O processo das representações permite a comunicação entre os indivíduos e o grupo. Sua construção ocorre através das visões, ideias e imagens dos sujeitos sobre a relação e a realidade social que os cercam. Desse modo, para Moscovici (2003, p. 21), “as representações são sempre um produto da interação e comunicação e elas tomam sua forma e configuração específicas a qualquer momento”. As pessoas e grupos, por sua vez, assim produzem e comunicam constantemente suas próprias e específicas representações e soluções a questões que elas mesmas colocam.

De acordo com Serpa (2003, p. 59), pode ser entendido como Representações Sociais (RS) todo o “[...] processo no qual o indivíduo transforma o desconhecido em familiar, abordando a compreensão da produção do conhecimento cotidiano, permitindo [...] a organização do mundo pelo sujeito e do sujeito diante do mundo, ou no mundo”. A definição de Sartori (2015, p. 39) sobre o tema também compreende que as RS “[...] conduzem à nomeação e definição” de diversos aspectos da sociedade atual de maneira a “[...] interpretá-los, conhecê-los, identificá-los”. De acordo com Bonetto et al. (2018), em consonância com Moscovici (2009), as RS são sistemas estruturados de ideias, opiniões, atitudes, conhecimentos, bem como crenças compartilhadas por um grupo social sobre um objeto social. Essa teoria, de acordo

com os autores, concentra-se no pensamento leigo, especialmente na construção de uma visão comum de um objeto social (BONETTO et al., 2018). E, ainda, para Jodelet (2001, p. 22), as RS “[...] são as formas de conhecimento socialmente elaboradas e compartilhadas, com um objetivo prático, o que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”. Isso amplia a compreensão das interações sociais e dos seus impactos sobre o meio e o indivíduo, sendo, assim, capaz de situar o indivíduo por meio das construções e explicações sobre o fenômeno - objeto social.

A TRS pretende compreender a divisão que existe entre o psíquico e o coletivo social nas áreas essenciais da vida humana e entender como “separar” a visão do indivíduo da do coletivo. Sempre atento ao modo como o comportamento humano muda quando os indivíduos estão sozinhos e quando estão num meio social, a Psicologia estuda exatamente isso, os fenômenos que são ao mesmo tempo psicológicos e sociais (CHAMON, 2007). Partindo desse ponto, segundo Silva e Lima (2016), a RS está relacionada ao senso comum - ao entendimento das pessoas - sendo seus maiores objetivos a construção e a interpretação da realidade. Já para Souza (2007), as RS são consideradas formas de entendimento de variados comportamentos e vivências, por parte do sujeito, a respeito do objeto em questão.

Na visão de Jodelet (2001, p. 27), para haver uma representação social, são necessárias quatro características. São elas: referência a alguma coisa (objeto) e a alguém (sujeito); simbolização e interpretação, substituindo ou conferindo significados ao objeto em questão; uma forma de conhecimento; e uma serventia para agir sobre o mundo e sobre o outro. Assim, para a autora, as RS norteiam a forma de definir, interpretar e significar vários fenômenos da realidade. Em sua pesquisa sobre as RS da Loucura (1989), por exemplo, foi realizada uma experiência passo a passo na busca pela compreensão do objeto (loucura), à luz da TRS. E, através da investigação de vários grupos sociais sobre este mesmo fenômeno, foi possível a condução ao seu significado na realidade.

Assim segundo Moscovici (2012):

As RS são quase tangíveis; circulam, se cruzam e se cristalizam continuamente através da fala, do gesto, do encontro do universo cotidiano. A maioria das relações efetuadas, objetos produzidos e consumidos, comunicações trocadas estão impregnadas delas. (MOSCOVICI, 2012, p. 39)

Partindo desse ponto, as RS, segundo Schultes et al. (2018), têm como objetivo entender novos conceitos científicos através da formação do senso comum dentro de uma sociedade. Assim qualquer teoria científica visa descrever e explicar um

fenômeno por meio de conceitos de ordens processual e casual. Na teoria das RS, o fenômeno em questão é da ordem dos diferentes tipos de teorias populares: do senso comum e dos saberes cotidianos (SÁ, 1993). É importante ressaltar, no entanto, que nem tudo o que é falado por um grupo social é objeto de RS, conforme citado por Pacheco (2011, p.19), pois é preciso que tal assunto “[...] tenha relevância para a vida do grupo, em termos práticos, e que este objeto circule entre vários grupos sociais e se torne um ponto de negociações de concepções”.

Segundo Moscovici (1978), a RS:

[...] produz e determina os comportamentos, pois define simultaneamente a natureza dos estímulos que nos cercam e nos provocam, e o significado das respostas a dar-lhes. Em poucas palavras, a representação social é uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos [...] elas possuem uma função constitutiva da realidade, da única realidade que conhecemos por experiência e na qual a maioria das pessoas se movimenta [...] é, alternativamente, o sinal e a reprodução de um objeto socialmente valorizado. (MOSCOVICI, 1978, p. 24-27)

E, para uma melhor compreensão das RS, Spink (1993) ainda afirma que as RS são modalidades de conhecimento particulares que circulam no dia a dia, isto é, no presente, tendo como função a comunicação entre um grupo social e tornando possível familiarizar o que não é familiar por meio de categorias culturais e da objetivação e da ancoragem, que geram as respectivas representações.

Assim, a objetivação é a transformação de um conceito em imagem, tornando-o mais esclarecedor para os outros (mundo externo), pois caminha do abstrato para o concreto ou do pensamento para o real. Houve, portanto, uma mudança de um estudo do conceito para um estudo do fenômeno, considerando as interações sociais relacionadas ao indivíduo e ao seu meio como um todo. Tudo isso de forma não-fragmentada e buscando sempre o significado da realidade. Sobre o tema, Chamon (2006) dispõe que:

A objetivação é o processo que torna concreto o que é abstrato, que materializa a palavra, que transforma o conceito em objeto e os torna intercambiáveis. Na realidade, ela substitui o conceito pelo que é percebido, o objeto pela sua imagem, a imagem tornando-se o objeto e não sua representação. A imagem é sempre uma simplificação, necessariamente deformada, do conceito que lhe deu origem. (CHAMON, 2006, p. 23)

Esclarecendo que esse processo torna concreta a ideia sobre algum objeto social ou fenômeno - como normas e valores (ALBA, 2014) – prover uma maneira de

melhor compreender a objetivação, mas, na prática, seria, por exemplo, relacionar o psicólogo ao pai de santo, adivinho, bruxo, mago (LEME et al., 1989)

Em se tratando de processo, o da objetivação ocorre em três etapas, sendo elas: construção seletiva, esquematização e naturalização (VALA, 2000). Na primeira etapa, segundo Villas Bôas (2013, p. 391), “[...] algumas informações são selecionadas e destacadas do contexto original de criação”, observando que seleção e reorganização ocorrem para o que é considerado representação social. A segunda etapa, por sua vez, acaba esquematizando determinados elementos que se tornam mais importantes que outros, o que leva à padronização dessas RS. E, por fim, a terceira etapa é a que expressa a realidade. Por isso, segundo Villa Bôas (2013, p. 394), “[...] a imagem se naturaliza e é tratada como real”. A partir dessas três etapas, então, é possível ver a construção do imaginário para o real.

É importante destacar que tornar familiar aquilo que não o é traduz um dos aspectos principais da criação da TRS, como já citado anteriormente. Assim, como mencionam Ferreira e Brum (2000, p. 11), esses “[...] dois processos articulam três funções básicas das Representações Sociais: a função cognitiva e de integração da novidade; a função de interpretação da realidade e a função de orientação das condutas do grupo social [...]”. Tudo isso contribui para uma compreensão real sobre um objeto específico, aduzindo seu significado para o grupo de pertencimento.

Já a ancoragem consiste no processo de assimilação de novas informações, ligando-as a um conteúdo cognitivo-emocional preexistente. Sobre o tema, Moscovici (2003, p. 71) apresenta a seguinte definição para ancoragem: trata-se de “[...] classificar e dar nome a alguma coisa. Coisas que não são classificadas e que não possuem nome são estranhas, não existentes e ao mesmo tempo ameaçadoras”. Assim, classificar e nomear algo que não é familiar, tornando possível sua representação a partir desse momento, faz com que tal objeto se torne comum, conhecido, não mais estranho.

A ancoragem também pode ser entendida como “[...] a penetração de uma representação entre as que já existem na sociedade, conferindo sentido e utilidade (XAVIER, 2002, p.26). E, de acordo com Santos e Valente (2012), ancoragem:

[...] é classificar, dar nome a algo, é tornar conhecido algo desconhecido ou, ainda como um processo que transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga, em nosso sistema particular de categorias e o compara com um paradigma de uma categoria que seja mais apropriada. (SANTOS; VALENTE, 2012, p.180)

Outra compreensão sobre o processo de ancoragem é aduzida por Rocha (2014) ao afirmar que ela se refere à aproximação do sujeito (indivíduo ou grupo de pertencimento) ao objeto, proporcionando mais identificações e compreensões aos envolvidos. E, segundo Vala (2000, p.474), a ancoragem se “[...] refere a instrumentalização social do objeto representado”.

A ancoragem possui modalidades e, sobre elas, Peixoto et al. (2013) apresentam as seguintes explicações:

[...] ancoragem psicológica que visa organizar as relações simbólicas com o outro através das crenças ou valores gerais; ancoragem sociológica que refere-se à maneira como as relações simbólicas entre grupos intervêm na apropriação do objeto e a ancoragem psicossociológica inscreve os conteúdos das Representações Sociais na maneira como os indivíduos se situam simbolicamente nas relações sociais e nas divisões posicionais e categoriais próprias a um campo social definido. (PEIXOTO et al., 2013, p. 11)

Então, pode-se entender que, segundo Chamon (2006, p. 23), esses dois aspectos das RS - objetivação e ancoragem - podem ser compreendidos da seguinte maneira: a “[...] objetivação cria a realidade em si e a ancoragem lhe dá significação.”

Segundo Bonetto et al. (2018), as RS têm como objetivo auxiliar nas necessidades básicas do ser humano e suas relações sociais, estando boa parte dessa teoria ligada ao campo das crenças dentro de uma construção social. Assim, as relações sociais têm função de construção de significado por meio da busca por uma organização dentro desta significação.

Em Alvarenga (2016), observa-se que todas as representações pertencentes a um objeto devem ser unificadas em uma mesma consciência para formar uma cognição objetiva. Uma opinião não é considerada uma explicação sensata e sólida da qual seja possível o desenvolvimento de uma teoria. No entanto, apesar de os pensamentos, parte do objeto de estudo da Psicologia, não poderem ser testados em laboratório, as experiências interiores podem ser estudadas sistematicamente por meio das cognições dos estados mentais.

As RS também são facilmente reconhecidas, uma vez que se mostram por meio de uma fala, de um gesto, de um encontro, do convívio diário. Desse modo, a maioria das relações sociais estabelecidas, dos objetos produzidos e das comunicações trocadas estão por elas impregnados (MOSCOVICI, 1978, p. 41).

Neste contexto, Chamon (2007) explica que ter ou expor opiniões sobre o objeto não significa por si só uma RS, pois é necessário que o grupo esteja envolvido com este

objeto e que ele tenha vínculo com o significado para o grupo. As RS precisam contribuir para formas de conduta e orientações de interações sociais. Sendo assim,

[...] desde suas origens mais que centenárias, o conceito de representação social que Moscovici propõe, insiste em seu duplo caráter – social e construtivo. Social, pois a representação não é a soma de consciências individuais, nem a média das opiniões dos indivíduos. Construtivo, pois a representação não é o simples reflexo de uma realidade exterior, nem a imposição de uma dada ideologia (CHAMON; GUARESCHI; CAMPOS, 2014, p. 10).

Desta forma, estão confirmadas a interação e a construção do fenômeno como apontam Guareschi e Jovchelovitch (2011, p. 24): “[...] as RS são uma constante construção, elas são realidades dinâmicas, e não estáticas. Sendo reelaboradas e modificadas dia a dia, ampliadas, enriquecidas, com novos elementos e relações”.

Segundo Villas Bôas (2004), partindo do pensamento de Moscovici, pode-se afirmar que as RS se constituem tanto por meio de experiências próprias quanto de informações, saberes e modelos de pensamento. Organizam-se como um conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, que busca ajudar a dominar o ambiente, a compreender os fatos e as ideias, a agir com e sobre os outros e a situar-se a respeito deles, construindo, assim, a sua própria realidade como grupo social.

Como afirma Ens et al. (2012), apoiado em Spink (1993), as RS constituem um saber que auxilia os sujeitos a se localizarem no mundo, tornando familiar o que é estranho, de modo que se consiga lidar, sem medo, com o desconhecido e dar sentido à realidade.

De acordo com Jovchelovitch (1998), as RS, por serem simbólicas, são construídas sobre a capacidade representacional de um sujeito psicológico. Tal capacidade não pode ser entendida fora de uma dimensão de alteridade, pois os processos que engendram as RS estão relacionados à comunicação e às práticas sociais: diálogo, discurso, rituais, padrões de trabalho e produção de arte, ou seja, estão relacionados à cultura (JOVCHELOVITCH, 1998). As RS, portanto, são sempre um produto da interação e da comunicação.

As RS têm como funções principais, segundo a perspectiva de Moscovici (1978), colaborar para os processos de formação de condutas e nortear as comunicações sociais. Desse mesmo modo, afirmam Morera et al. (2015) que as RS possuem significativas funções como: saber; identitária, orientação e justificadora. E cada uma delas corresponde a: o saber significa a compreensão e a explicação da realidade, de modo a constituir um saber coletivo e comum, além de proporcionar uma melhor

comunicação; a identitária está atrelada à definição da identidade do grupo de pertencimento, garantindo, assim, sua permanência e existência e situando os indivíduos dentro do campo social; já a orientação consiste em direcionar as condutas do grupo, bem como seus comportamentos e práticas, sendo efetivamente um guia sobre o que é benéfico ou maléfico ao grupo; e, por fim, a justificadora é responsável por mostrar o que de fato levou o grupo a proceder de uma determinada maneira, quer dizer, qual a justificativa para adotar certas condutas ou comportamentos em geral (MORERA et al., 2015, p. 1161).

Partindo desse ponto, as RS guiam o comportamento e a realidade cotidiana. Por meio delas, o indivíduo se situa no mundo, estabelece relacionamentos e interações com o diferente – outros indivíduos –, e encontra sua representação. Ele toma decisões e é reconhecido por meio de suas RS, as quais se entrelaçam com as RS das outras pessoas, fato que justifica seu caráter totalmente social (TAVEIRA, 2013).

Desse modo, dentro de tudo o que foi apresentado até o momento, compreender a profissão do psicólogo na perspectiva dos estudantes que ingressam no curso de Psicologia auxilia no entendimento do significado das imagens e símbolos (ancoragens) que esta compreensão produz e, portanto, auxilia nas Representações Sociais sobre o papel do psicólogo. Dessa forma, o indivíduo é inserido em um determinado contexto social por meio das relações sociais e a análise das RS passa a ser uma forma de compreender o fenômeno em si e sua realidade, colaborando para a compreensão e o entendimento do grupo social estudado.

No próximo tópico, há um levantamento de dissertações, teses e artigos científicos produzidos nos últimos anos sobre este tema, com os respectivos resultados.

2.5 Panorama das pesquisas sobre RS e a profissão de psicólogo

As pesquisas, conhecidas como estado da arte, têm caráter bibliográfico e o objetivo de conhecer, descrever, mostrar e compreender, por meio de pesquisas acadêmicas e científicas, um determinado tema escolhido pelo pesquisador para ser investigado.

Segundo Ferreira e Brum (2000), o estado da arte parece trazer em comum o desafio de estruturar os diferentes tipos de conhecimento, tentando relacioná-los aos diferentes lugares e épocas, e verificar como eles têm sido comunicados em congressos e seminários ao longo da história. Dessa forma, à luz de cada categoria e das facetas que

as caracterizam como tais, são investigados trabalhos nos quais o mesmo fenômeno foi analisado.

A partir da delimitação do objeto do presente estudo – Representação social sobre a profissão do psicólogo para ingressantes do curso de graduação em Psicologia - e do contexto no qual se articulam esses objetos, foi realizada uma revisão de literatura com o objetivo de conhecer o que vem sendo publicado sobre o tema.

O estudo do estado da arte do presente trabalho foi realizado pelos portais de periódicos nas plataformas da Biblioteca Digital Brasileira de Artigos, Teses e Dissertações (BDTD), pela *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e pelo Google Acadêmico. A busca foi realizada por meio de descritores, sem a definição de ano de publicação, a fim de levantar os possíveis estudos realizados no Brasil sobre o tema. Nesse sentido, apresenta-se o Quadro 1:

Quadro 1 – Descritores utilizados, plataformas consultadas e número de estudos identificados sobre a temática da pesquisa

Descritores	Período	BDTD	SciELO	Google acadêmico
1. Representação social sobre a profissão de psicólogo para ingressantes	1989-2019	0	0	1
2. Representação social sobre a profissão de psicólogo	1989-2019	0	1	1
3. Representação social do psicólogo	1989-2019	3	4	2
4. Representação social do psicólogo estudante	1989-2019	1	2	2

Fonte: Bases de Dados. Elaborado pela autora desta pesquisa.

Nesse levantamento, foram identificados 17 artigos, teses ou dissertações que abordavam a temática da presente pesquisa, publicados a partir de 1989.

O quadro 2 apresenta os títulos, objetivos, autores dos estudos, bem como a base de dados na qual o estudo foi encontrado.

Quadro 2 - Trabalhos selecionados para leitura

Número do Estudo / Título	Autor / Ano	Objetivo geral	Base de dados
1. A representação social da Psicologia e do Psicólogo	LEME et al., 1989	Estabelecer qual é a representação social da Psicologia e/ou do psicólogo que circula em um certo segmento da população da cidade de São Paulo.	SciELO
2. Escolha, motivos e expectativas de acadêmicos de	SANCHES, 1999	Verificar os motivos de escolha e as expectativas em	Google Acadêmico

Psicologia quanto à profissão: uma perspectiva Psicoeducacional		relação ao Curso e ao futuro profissional por parte de estudantes ingressantes, intermediários e concluintes do Curso de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (PR).	
3. Representação Social da Psicologia enquanto ciência e profissão em alunos do primeiro semestre do curso de Psicologia da Universidade São Marcos	SILVA, 2000	Investigar a representação social da Psicologia em alunos do primeiro semestre de um curso de Psicologia, com vistas a aprimorar o processo de formação do psicólogo.	BDTD
4. Profissionais para si mesmo ou para os outros? Algumas reflexões sobre a formação dos psicólogos	BETTOI; SIMÃO, 2000	Discutir interações de condições de ensino de uma disciplina (cujos objetivos se voltam para a formação de psicólogos que atendam às necessidades sociais) com as concepções de alunos sobre o que é um profissional.	SciELO
5. Eu quero ajudar as pessoas: a escolha vocacional da Psicologia	MAGALHÃES; et al., 2001	Entender a escolha da Psicologia como profissão.	SciELO
6. A representação social do psicólogo e de sua prática no espaço público-comunitário	MORE et al. (2001)	Apresentar dados de pesquisa sobre a Representação Social do Psicólogo e de sua prática.	SciELO
7. Expectativas de estudantes de Psicologia em relação a seu futuro trabalho profissional	SANTOS, 2004	Caracterizar as expectativas que acompanham os estudantes de Psicologia desde o início do curso em relação ao futuro exercício profissional.	BDTD
8. Avaliação dos hábitos, conhecimentos e expectativas de alunos de um curso de Psicologia	BAPTISTA; et al. (2004)	Analisar os hábitos acadêmicos, conhecimentos e expectativas de 101 alunos do 3º e 4º anos de um curso de Psicologia de uma Universidade particular.	SciELO
9. A formação em Psicologia: um estudo sobre as Representações Sociais dos ingressantes do curso de Psicologia da Faculdade Santo Agostinho – Teresina-PI, sobre sua escolha profissional e as interfaces com a proposta curricular da IES.	SILVA; RIBEIRO; LINHARES, 2006	Compreender as motivações que levaram alunos ingressantes a realizarem a escolha pela graduação em Psicologia e relacioná-las ao perfil do egresso proposto pelo Projeto Pedagógico do Curso de Psicologia da Faculdade Santo Agostinho – FSA - Teresina-PI, no intuito de refletir junto ao corpo discente a construção da sua trajetória na formação do ser psicólogo.	BDTD
10. As Representações Sociais da Psicologia: A Perspectiva dos ingressantes do curso de Psicologia	SOUZA et al., 2007	Avaliar as Representações Sociais da Psicologia dentre estudantes ingressantes no curso de Psicologia	Google Acadêmico
11. Avaliação da Formação e Trajetória Profissional na Perspectiva de Egressos de um Curso de Psicologia	BARDAGI et al., 2008	Conhecer a percepção do trabalho do psicólogo através de alunos e egressos à profissão.	SciELO
12. Vivência acadêmica e	IGUE et al., 2008	Descrever as vivências	SciELO

expectativas de universitários ingressantes e concluintes		acadêmicas de universitários, verificando se estas variavam em função do ano frequentado, das expectativas dos alunos do 1º ano quanto às vivências que teriam no curso e das expectativas que os discentes do 5º ano tiveram ao entrar na universidade.	
13. O processo de formação de psicólogos: afetos, expectativas e realidade	CARMO, 2011	Investigar os afetos envolvidos na adaptação de alunos ao ensino superior e sua influência na relação do aluno com o curso e em seu processo de aprendizagem.	Google Acadêmico
14. Concepções de estudantes de Psicologia em diferentes momentos de formação sobre a atuação do psicólogo no campo do trabalho	BERTONI; BERNARDO, 2014	Comparar as concepções de estudantes de Psicologia do primeiro e do último ano do curso sobre a relação do psicólogo com o chamado 'mundo do trabalho', visando verificar se e como o que é ensinado no curso muda as ideias iniciais baseadas, em geral, no senso comum.	Google Acadêmico
15. As expectativas dos estudantes de Psicologia sobre a atuação profissional no mercado de trabalho	VARGAS; ZAMPIERO, 2015	Investigar as expectativas dos estudantes de Psicologia, que estavam nos períodos iniciais e finais da graduação, sobre a atuação profissional no mercado de trabalho.	BDTD
16. Buscando a cura pelo conhecimento: Imaginário de estudantes sobre o curso de Psicologia	RIEMENSCHNEIDER, 2015	Investigar psicanaliticamente o imaginário de estudantes de Psicologia sobre o curso de graduação.	BDTD
17. Entre grifos, esboços e rasuras: as Representações Sociais de psicólogo para estudantes de Psicologia	NÓBREGA; ANDRADE, 2017	Discutir os resultados de um estudo que enfocou as Representações Sociais de psicólogo para os estudantes de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas.	BDTD

Fonte: elaborado pela autora desta pesquisa.

Assim, analisando as informações apresentadas no Quadro 2, tem-se que o primeiro estudo identificado na literatura brasileira sobre RS e Psicologia data do final da década de 1980. Tal pesquisa, feita por Leme et al. (1989), avaliou 556 alunos ingressantes em um curso de Psicologia da cidade de São Paulo. Nela, cada aluno recebeu no primeiro dia de aula um questionário com 20 perguntas que foram respondidas por escrito. O estudo mostrou que a Psicologia era conhecida, principalmente naquela época, como Psicologia clínica e com foco na ajuda individual. Tudo isso de acordo com a perspectiva dos alunos ingressantes do curso de Psicologia, que era predominantemente de estudantes do sexo feminino e na faixa etária de jovem adulto (19 a 32 anos).

No estudo de Sanches (1999), participaram da pesquisa 130 alunos, dos quais 43 eram do 1º ano; 43, do 3º ano e 44, do 5º ano, de ambos os sexos, na faixa etária entre 18 e 52 anos. Foi aplicado um questionário com onze perguntas abertas e duas fechadas. Os resultados indicaram que os principais motivos e as principais expectativas dos três grupos pesquisados para a escolha do Curso de Psicologia foram o interesse pessoal e o desejo de conhecimento do ser humano. Para os participantes, o conceito de Psicologia se apresenta como o estudo do homem e de suas relações, bem como do comportamento humano. Esses estudantes entendiam que a Psicologia é uma ciência que deve promover a compreensão e a saúde mental desse homem. Quanto ao papel do psicólogo, o grupo atribuiu a ele o papel de auxiliar as pessoas na melhoria da qualidade de vida, propiciando alívio ao sofrimento psíquico dela, como uma forma de ajuda. A análise dos dados possibilitou constatar que alunos ingressantes, intermediários e concluintes possuem expectativas semelhantes em relação ao Curso e a respeito da Psicologia, estando o seu maior interesse, predominantemente, na área clínica.

Na pesquisa realizada por Silva (2000), foram sorteados aleatoriamente 20 alunos do primeiro semestre do curso de Psicologia da Universidade São Marcos. As entrevistas mostraram que as RS da Psicologia, desde a escolha da profissão, recaíam em uma imagem associada à Psicologia Clínica. Mostraram, ainda, que a maioria dos estudantes era do sexo feminino e com a faixa etária entre 18 a 32 anos. O estudo demonstra, também, a permanência deste significado – a visão do psicólogo como clínico - nos demais trabalhos relacionados a esta temática no decorrer dos anos.

A pesquisa de Bettoi e Simão (2000) foi realizada com 69 alunos, entre 18 e 20 anos de idade, do primeiro ano de Psicologia de uma universidade particular de São Paulo. Nela, foi aplicado um questionário contendo questões relacionadas à escolha profissional do aluno e seus resultados mostraram que eles tomavam alguns aspectos de habilidades pessoais como uma referência para tal escolha profissional. Foi constatado, ainda, que a maneira de tratar e ouvir as outras pessoas foi o que os levou a trilhar essa carreira profissional, sendo possível verificar, também, muita expectativa na área clínica por parte dos alunos.

No estudo de Magalhães et al. (2001), participaram 146 alunos do primeiro ano do curso de Psicologia de duas universidades, uma particular e outra pública, do Estado do Rio Grande do Sul. Foram realizadas entrevistas e aplicação de questionários com alunos - a maioria do sexo feminino, com a faixa etária entre 17 e 22 anos. De acordo com o resultado, os alunos tiveram interesse nessa área em razão do desejo de

compreender profundamente o ser humano e, com isso, poder ajudá-lo. Tinham, também, expectativa de atuar na área clínica com os problemas relacionados às questões sentimentais e existenciais, colocando em prática suas habilidades de escuta, paciência, calma, observação, compreensão e interesse pelo outro. O estudo mostrou, ainda, que os estudantes não possuíam planos concretos para seu futuro profissional e relataram que o mercado de trabalho para o psicólogo estava saturado.

Já no estudo de Santos (2004), participaram estudantes de Psicologia do período matutino de uma universidade privada do estado de Santa Catarina, matriculados nas 1ª, 3ª, 5ª, 7ª e 9ª fases do primeiro semestre letivo. Os resultados - coletados por meio de um questionário composto de perguntas abertas - mostraram que os estudantes iniciaram a graduação sem informações precisas ou até mesmo vagas sobre o curso. No momento da escolha pelo curso de graduação, esses estudantes apresentavam dúvidas sobre qual carreira escolher, mas acabaram optando pela Psicologia, tendo como maior expectativa profissional a atuação na área clínica.

Na pesquisa de Baptista et al. (2004), por sua vez, participaram 101 alunos do 1º e 4º anos do curso de Psicologia noturno de uma Universidade do interior de São Paulo, sendo 90% dos alunos do sexo feminino e os outros 10% do sexo masculino. Foi aplicado coletivamente um questionário com 55 questões abertas e fechadas. Os resultados apresentaram que as variáveis econômicas, os comportamentos de estudo, as motivações e os aspectos sociais e culturais podem influenciar sobremaneira no desempenho e na perspectiva profissional. Os estudos mostraram, ainda, que 56% dos alunos acha razoável a expectativa do mercado de trabalho e 82% pretende fazer pós-graduação. A maioria também tem interesse em atuar na área clínica.

O estudo desenvolvido por Silva et al. (2006) teve como sujeitos de sua pesquisa 20 alunos ingressantes do curso de Psicologia da Faculdade Santo Agostinho, em Teresina/Piauí - a maioria do sexo feminino e com a faixa etária entre 18 a 25 anos. Os resultados - obtidos por meio de entrevista semiestruturada - apresentaram duas categorias que simbolizam as RS em torno da temática ora estudada: a singularidade no momento da escolha e a prática do exercício profissional. Os sujeitos pesquisados afirmaram que ser psicólogo significava a construção de um percurso que envolve a compreensão do ser; o auxílio às pessoas, para que estas solucionem problemas emocionais; e a promoção do bem-estar do homem junto à sociedade. Esta pesquisa contribuiu na geração de benefícios relacionados à formação e à atuação do psicólogo.

Na pesquisa de Souza et al. (2007), a amostra foi de 100 estudantes ingressantes em uma faculdade privada no município de Niterói, sendo a maioria mulheres em uma faixa etária de jovem adulto. Foi aplicada uma tarefa através da qual os estudantes desenharam um psicólogo em ação, apresentando sua atividade e descrevendo suas características pessoais. Após essa tarefa, os entrevistados responderam um questionário com cinco questões abertas e fechadas, mais duas escalas de avaliação da importância e do interesse pessoal em diversos campos profissionais da Psicologia. Nos resultados obtidos pela investigação, observou-se a tendência da identificação e reconhecimento da Psicologia como um campo da Psicoterapia, sendo a área da Psicologia Clínica o campo de maior interesse dos estudantes e o mais relacionado à atividade do psicólogo. Portanto, é a atividade profissional que os estudantes mais desejam desenvolver.

Já nos estudos de Bardagi et al. (2008), participaram 79 psicólogos egressos do curso de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sendo a maioria do sexo feminino. Os resultados - obtidos por meio da aplicação de um questionário semiestruturado com 18 questões sobre a atuação profissional - revelaram que 88% dos egressos atuam como psicólogos, que a maioria (41,7%) teve a atividade clínica como primeira forma de inserção no mercado de trabalho, e que 88,6% do total buscaram formação complementar. Em relação ao curso, 29,4% apontaram a Psicologia Clínica como a área mais privilegiada durante a graduação. Com o levantamento sobre as trajetórias de carreira e as percepções sobre a formação recebida, o estudo forneceu informações relevantes, tanto para o conhecimento da realidade profissional quanto para as discussões sobre mudanças curriculares.

Na pesquisa realizada por Igue et al. (2008), foram incluídos 203 universitários, sendo 103 alunos do primeiro semestre e 100 do último semestre do curso de Psicologia de uma universidade confessional do estado de São Paulo - grande parte do sexo feminino e com a faixa etária entre 17 a 46 anos. Nos resultados, obtidos por meio da aplicação de um questionário sobre vivências acadêmicas (versão reduzida), foram encontradas diferenças significativas quanto às expectativas iniciais dos alunos em relação à dimensão interpessoal, ao aspecto financeiro e às áreas de atuação da profissão escolhida.

Mazer e Melo-Silva (2010), em seus estudos, analisaram publicações científicas cujo corpo do trabalho continha as palavras-chave: identidade, profissional e psicólogo, no período entre 1991 e 2008. Foram selecionados 15 artigos publicados em periódicos e separados por duas categorias: construção da identidade profissional do psicólogo e

mudanças nos paradigmas no exercício da profissão. Os resultados mostraram que a grande maioria é do sexo feminino e faixa etária jovem adulto, e que a identidade do psicólogo é considerada produto de um conjunto integrado de fatores pessoais e profissionais que influenciam no desenvolvimento da carreira. Além disso, os estudos enfatizaram a necessidade de mudanças no exercício da profissão, ou seja, mudanças dos paradigmas tradicionais, centrados no indivíduo, para paradigmas ancorados em perspectivas mais sociais, em consonância com a realidade brasileira.

Na pesquisa realizada por Carmo (2013), participaram 66 alunos, sendo 46 ingressantes e 20 concluintes, a maioria do sexo feminino, na idade entre 17 e 19 anos e que apenas estudavam. Foram aplicados um questionário de perfil e complementação de frases e entrevistas coletivas com quatro alunos. Os resultados obtidos forneceram um panorama do que os estudantes sentiam, pensavam e representavam sobre a escolha dessa profissão, desde questões como, por exemplo, se gostavam da área porque desejavam adquirir autoconhecimento, ou de ajudar as pessoas, ou por realização pessoal, ou por orientação vocacional ou por indicação de amigos e familiares. Os resultados apresentaram também a expectativa de atuarem na área clínica.

O estudo de Vargas e Zampieri (2015) foi realizado com 14 estudantes, divididos entre alunos do primeiro semestre e do último semestre de Psicologia, observada a predominância de pessoas do sexo feminino, com idade em torno dos 24 anos e solteiras. A partir dos resultados, obtidos por meio de entrevista semiestruturada, foi possível perceber que o processo de escolha profissional ocorreu pela identificação com o curso no que tange ao interesse de ajudar as pessoas. Além disso, o estudo constatou que a área de maior interesse foi a organizacional por apresentar uma maior chance de trabalho após a formatura do estudante, assim como um retorno financeiro, embora o desejo de clinicar estivesse presente junto aos estudantes, mas na qualidade de emprego paralelo.

Na pesquisa de Riemenschneider (2015), foi utilizado o instrumento de narrativas autobiográficas, que foram escritas por alunos ingressantes de uma faculdade particular de Psicologia, no interior do estado de Minas Gerais. Os resultados encontrados revelaram as crenças de que o curso de Psicologia poderia proporcionar alívio para o sofrimento emocional e de que a cura para tal sofrimento poderia ser obtida com a aquisição de conhecimento. Contribuiu, portanto, como alerta de prevenção às universidades contra a distorção de que uma experiência de sofrimento teria uma cura viabilizada pela formação no curso de Psicologia.

A pesquisa de Nóbrega e Andrade (2017) foi realizada com 169 estudantes da Universidade Federal do estado de Alagoas, na unidade Educacional de Palmeira dos Índios, com a maioria de mulheres, jovens adultos e solteiros. Os resultados obtidos, por meio de análise documental e de grupo focal, assim como pela Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP), mostraram que os estudantes possuíam a crença em um caráter assistencialista da profissão, isto é, a crença de que o psicólogo não é remunerado pelo trabalho realizado. Desse modo, o que fez com que escolhessem essa profissão foi a crença em possuírem os atributos pessoais para atuar nessa área, ajudar as pessoas e saber ouvir, entre outras condutas e habilidades. O grupo demonstrou maior interesse na área clínica e da saúde.

Assim, através de todo o estado da arte ora apresentado, foi possível averiguar que os estudos referentes à RS da profissão do psicólogo, por parte de estudantes do curso de Psicologia, apresentaram semelhanças na maioria dos resultados encontrados sobre o seguinte fenômeno: o papel do psicólogo para ingressantes no período de 1989 a 2019.

As características predominantes ou elementos comuns da profissão encontrados foram: querer ajudar, entender a mente humana, saber ouvir, resolver todos os problemas referentes ao ser humano, à pessoa, ao paciente. Outro ponto comum em quase todas as pesquisas aqui destacadas foi a predominância de uma população do gênero feminino, com faixa etária dos 17 aos 25 anos, solteiras e com dedicação exclusiva aos estudos. Também puderam ser percebidas as influências de amigos e familiares, bem como da ajuda de uma orientação vocacional para a decisão pela carreira profissional de psicólogo.

Sobre os desafios da profissão, a maioria das pesquisas apontaram que a valorização profissional ainda é algo difícil de ser notado, em virtude da baixa remuneração (muitas vezes vista como área de assistencialismo) e do reconhecimento do profissional como aquele que atende o “louco”. Já sobre a área de interesse, a predominância da área clínica obteve destaque em quase todas as pesquisas aqui levantadas. No entanto, nas pesquisas de 2014 até 2019, a procura pelas áreas organizacional e da saúde teve seu destaque de interesse também. Isso demonstra que o jovem se interessa por aquilo com o que tem contato e acesso para uma melhor compreensão das áreas. A Psicologia possui um leque de opções de atuação, mas muitas vezes, por não terem acesso a essas opções, por não conhecerem as áreas forense, do esporte e outras, os estudantes acabam optando pelas mais conhecidas e que gozam de

uma maior facilidade de contatos. Atualmente, há 350.139 psicólogos no Brasil, sendo a maioria do gênero feminino e profissionais autônomos nas seguintes áreas: clínica, educação, saúde e serviço social (CFP, 2019).

Os resultados explicitados pela referida revisão de literatura trouxeram à tona as principais RS da profissão de psicólogo. A maioria das pesquisas considerou o significado da profissão do psicólogo, portanto, das seguintes maneiras: foco em doença; atuação como clínico; profissional responsável por resolver todos os problemas mentais; disposição em ajudar; visão assistencialista; e compreensão dessa área profissional em razão das influências do meio em que vive e da mídia. Diante disso, os resultados desses estudos serão posteriormente usados, de forma comparativa, aos resultados do presente trabalho.

O próximo tópico abordará a metodologia utilizada, desde a seleção da amostra e dos instrumentos de coleta de dados até os procedimentos escolhidos para a análise dos resultados.

3 MÉTODO

Segundo Carvalho (2000):

Quando se fala em método, busca-se explicitar quais são os motivos pelos quais o pesquisador escolheu determinados caminhos e não outros. São estes motivos que determinam a escolha de certa forma de fazer ciência. [...] uma vez que se refere aos pressupostos que fundamentam o modo de pesquisar, pressupostos estes que, como o próprio termo sugere, são anteriores à coleta de informações na realidade. (CARVALHO, 2000, p. 13)

A metodologia científica de uma pesquisa é o que norteia o caminho que será percorrido pelo pesquisador, empregando as formas mais adequadas para alcançar o conhecimento e os objetivos propostos.

3.1 Tipo de Pesquisa

Esta pesquisa foi baseada em uma abordagem qualitativa, que privilegia as interações entre o pesquisador e os sujeitos investigados, partindo de um fenômeno do senso comum. É uma abordagem muito presente nas ciências humanas, mas que pode ser útil em todas as áreas, já que se configura como um campo de investigação. Sobre o tema, Denzin e Lincoln (2006) afirmam que:

[...] a palavra qualitativa implica uma ênfase sobre as qualidades das entidades e sobre os processos e os significados que não são examinados ou medidos experimentalmente, em termos de quantidade, volume, intensidade e frequência. A pesquisa qualitativa ressalta a natureza socialmente construída da realidade, a íntima relação entre o pesquisador e o que é estudado, e as limitações situacionais que influenciam a investigação. Buscam soluções para as questões que realçam o modo como a experiência social é criada e adquire significado. (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 23)

A pesquisa qualitativa é útil e necessária para identificar e explorar os significados dos fenômenos estudados e as interações que estabelecem, possibilitando, assim, estimular o desenvolvimento de novas compreensões sobre a variedade e a profundidade dos fenômenos sociais (BARTUNEK; SEO, 2002). Tal abordagem favorece as interações entre pesquisador e sujeitos investigados, proporcionando significados aos fenômenos.

Bogdan e Biklen (1994) pontuam que a pesquisa qualitativa procura entender o processo pelo qual as pessoas constroem e, conseqüentemente, descrevem significados, embora seu foco não seja explicar as ocorrências com as pessoas - individual ou coletivamente - tampouco listar e mensurar seus comportamentos ou correlacionar quantitativamente os eventos de suas vidas. Pretende conhecer a fundo as vivências e as

RS que os indivíduos têm destas experiências de vida, para que, dessa forma, seja possível tomar maior consciência sobre eles e seus comportamentos, bem como sobre suas formas de interação.

Minayo (1996) confirma que as pesquisas qualitativas:

[...] são aquelas capazes de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações, e às estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas, tanto no seu advento, quanto na sua transformação, como construções humanas significativas. (MINAYO, 1996, p. 10)

Assim, os significados do objeto social podem ser percebidos de maneira mais real no contexto do indivíduo e no de suas relações. Isso posto, a presente pesquisa, ao ser realizada em uma visão qualitativa, possibilitou ampliar a investigação e a compreensão do objeto estudado.

Além disso, a pesquisa foi realizada à luz da teoria das RS, que, segundo Jodelet (1989):

[...] devem ser estudadas articulando elementos afetivos, mentais, sociais e integrando a cognição, a linguagem e a comunicação às relações sociais, as quais afetam as Representações Sociais e a realidade material, bem como a social e ideativa, sobre as quais elas intervêm. (JODELET, 1989 *apud* SPINK, 1993, p.300)

Em suma, trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa com objetivo exploratório e descritivo sobre o problema em questão.

3.2 População

Esta pesquisa foi realizada em uma universidade do Vale do Paraíba paulista, com os estudantes do curso de Psicologia dos períodos integral e noturno, tendo como foco os alunos do 1º ano. A instituição possuía, no período do estudo, 95 estudantes ingressantes, sendo 45 do 1º ano do período integral e 50 do 1º ano do período noturno.

A amostra foi coletada por acessibilidade (de acordo com o interesse de participação), durante um momento da aula determinado pela Coordenação para apresentação da finalidade da pesquisa a ambos os períodos (matutino e vespertino) e entrega, logo após, de uma ficha para que os interessados em participar preenchessem com seus dados pessoais, como: nome, telefone e e-mail para agendar o dia e o horário disponíveis de cada um deles. Assim, um total de 22 estudantes aceitaram participar desta pesquisa.

3.3. Instrumentos

O primeiro instrumento aplicado foi o questionário (Apêndice C), contendo 6 questões fechadas, que levantou dados quanto à faixa etária, ao sexo, ao estado civil, ao primeiro curso de graduação e à ocupação atual dos participantes.

Na sequência, foi aplicada a entrevista semiestruturada (Apêndice D), cujo roteiro foi elaborado a partir de uma adaptação do instrumento de coleta de dados criado por Santos (2004) em seu estudo. A entrevista teve como objetivo geral caracterizar as expectativas que acompanham os estudantes de Psicologia desde o início do curso até o futuro exercício profissional.

3.4. Procedimentos para Coleta de Dados

Inicialmente, o Projeto de Pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté (CEP-UNITAU), quando foi assinado o Termo de Comprometimento do Pesquisador Responsável (Anexo I). Após a aprovação do Projeto (Anexo II) - parecer: 2.784.645 - e anteriormente à aplicação dos instrumentos de coleta, foi enviado um Ofício (Apêndice A) para uma universidade do Vale do Paraíba paulista solicitando a autorização da Diretora do Departamento de Psicologia (Apêndice B) para a realização da pesquisa.

No processo de coleta de dados, foi apresentada e esclarecida a cada participante a finalidade da pesquisa, ou seja, foram explicitados os seus objetivos. Foi também entregue para leitura e assinatura o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (Anexo III), que fornece informações sobre a pesquisa, tais como: o sigilo do questionário de questões abertas e a possibilidade de recusa na participação; as orientações quanto à duração da pesquisa; o acesso ao arquivamento de tal conteúdo; e a relevância da participação de cada um, no sentido de contribuir com o desenvolvimento de pesquisas que atingem o grupo de ingressantes do curso de Psicologia.

A coleta de dados aconteceu nos dias 13 a 31 de agosto de 2018, sendo conduzida pessoalmente pela pesquisadora junto aos estudantes, nos horários agendados pela instituição e dentro dela. Foi solicitada uma sala para a realização das entrevistas, com tempo previsto de uma hora de duração para cada uma delas.

A coleta foi realizada em um único momento. Para cada participante, previamente agendado, foi aplicado o questionário de caracterização sociodemográfica (Apêndice C) e, logo em seguida, a entrevista semiestruturada (Apêndice D).

A entrevista foi gravada por meio de mídia digital e transcrita pela própria pesquisadora para posterior análise. Todo o material coletado nesta pesquisa será guardado por 5 anos e, então, será descartado conforme a recomendação do Comitê de Ética.

3.5 Procedimentos para Análise de Dados

Com as informações coletadas por meio do questionário sociodemográfico foi feita uma compilação em planilhas no software Microsoft Excel[®], tornando possível a caracterização da população estudada quanto aos seguintes critérios: a faixa etária, o sexo, o estado civil, a formação acadêmica, dentre outros dados quantitativos.

Na transcrição das entrevistas, foi utilizada a análise de conteúdo por categorias de acordo com as respostas obtidas, com o auxílio do software *Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires* (IRaMuTeQ). Segundo Bardin (2009), a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (variáveis inferidas) destas mensagens, viabilizando a análise dos discursos no âmbito social.

Tal perspectiva é confirmada por Silva et al. (2005):

O método da análise de conteúdo aparece como uma ferramenta para a compreensão da construção de significado que os atores sociais exteriorizam no discurso. E sob o enfoque das Representações Sociais e da teoria da ação na perspectiva fenomenológica, este método permite ao pesquisador, o entendimento das representações que o indivíduo apresenta em relação a sua realidade e a interpretação que faz dos significados a sua volta. (SILVA et al., 2005, p. 74)

De acordo com Bardin (2009), essa análise tem foco em mensagens, na categorização e no objetivo (confirmação de indicadores que permitam inferir sobre outra realidade que não a da mensagem). Isso significa que ela pode ser considerada uma análise de significados.

Para tanto, foram seguidas as três etapas de organização da análise dos dados, como demonstrado por Campos (2004) em seus estudos. Segundo o autor, a análise de conteúdo “[...] é um conjunto de técnicas de pesquisa cujo objetivo é a busca do sentido ou dos sentidos de um documento, levando-se em consideração o contexto social e histórico e produzindo uma inferência de uma situação concreta” (CAMPOS, 2004, p. 611). Essa forma de análise permitiu a compreensão dos dados coletados nesta pesquisa.

E ela conta com as seguintes fases: a pré-exploração do material ou de leituras flutuantes do *corpus* das entrevistas; a seleção das unidades de análise (ou unidades de significados), com a exploração do material; e o processo de categorização e subcategorização, tratamento dos resultados, inferência e interpretação (CAMPOS, 2004, p. 613)

Nesse sentido, a primeira fase, de acordo com Vosgerau et al. (2016), torna o material operacional por meio da coleta de dados. Essa fase é dividida em cinco etapas: a leitura flutuante (contato com o material coletado); o entendimento do material (delimitação do que será analisado); a formulação das hipóteses e dos objetivos; a referenciação dos índices; e a elaboração de indicadores por meio de recorte de texto nos documentos em análise.

Já a segunda é considerada uma fase importante, segundo Vosgerau et al. (2016), pois refere-se à descrição analítica, que é quando se inicia a definição das categorias (sistema de codificação) e à identificação das unidades de registro (considerando a categorização e a frequência), viabilizando ou não a riqueza das interpretações e inferências.

E, por fim, a terceira é uma etapa na qual os resultados são tratados. É nela que ocorrem a condensação e a ênfase das informações para a análise reflexiva e crítica, buscando exprimir significados e criar conhecimentos.

Após a conclusão da pré-análise, o *corpus* com as entrevistas foi submetido ao software IRaMuTeQ, que realizou operações de categorização e análise dos significados, como foi explicitado anteriormente (BARDIN, 2009). Por meio desse software (que teve origem na França e começou a ser utilizado no Brasil em 2013), a distribuição do vocábulo pode ser organizada de forma facilmente compreensível e visualmente clara, com representações gráficas pautadas nas análises lexicográficas (JUSTO; CAMARGO, 2014), dando maior agilidade e facilitando o processamento de dados textuais.

Foram utilizadas as análises lexicais clássicas, nas quais o software realiza contagem de palavras de frequência média e de frequência 1; pesquisa o vocábulo e a redução das palavras, com base em suas raízes; e identifica as palavras que entrarão ou não nas análises (JUSTO; CAMARGO, 2014). Assim, houve a categorização das classes para melhor entendimento sobre as RS dos entrevistados no tocante à profissão do psicólogo.

Este capítulo apresentou, portanto, os procedimentos metodológicos da presente pesquisa, como: sua classificação; seus instrumentos; sua forma de amostragem e de coleta dos dados; as ferramentas utilizadas para o processamento dos dados; bem como, os procedimentos adotados. Desse modo, ficou esclarecido o passo a passo deste estudo, a fim de instrumentalizar e informar aos demais pesquisadores e interessados, para que possam, posteriormente, aprofundar e reaplicar esta pesquisa.

No próximo tópico, serão apresentados os resultados obtidos através desta pesquisa, conforme o que foi descrito no procedimento para análise de dados. Também será apresentada a discussão dos resultados.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, são apresentados os resultados obtidos com o estudo de campo e suas análises. Inicialmente, são caracterizados os participantes a partir do perfil sociodemográfico elaborado com os dados fornecidos por eles no questionário que lhes foi entregue. Além disso, alguns discursos dos participantes ilustram o contexto social desse grupo. Em seguida, são apresentadas as categorias de análise geradas pelo software IRaMuTeQ e analisadas à luz da TRS.

4.1 Perfil sociodemográfico do grupo

A fim de caracterizar o grupo pesquisado, foram coletadas informações referentes a: idade, sexo, estado civil, dentre outras. A tabela 1 mostra a distribuição dos participantes segundo as informações coletas.

Tabela 1 - Distribuição estudantes ingressantes do curso de Psicologia, segundo idade, sexo, estado civil, graduação e ocupação atual. Taubaté/SP, 2019.

Idade	N	%
17 a 20 anos	14	80
25 a 33 anos	5	15
39 a 53 anos	3	5
Total	22	100
Sexo	N	%
Feminino	20	90
Masculino	2	10
Estado civil	N	%
Casada	6	20
Solteira	15	70
Viúva	1	10
Total	22	100
Primeira Graduação	N	%
Não	3	14
Sim	19	86
Total	22	100
Ocupação	N	%
Recepcionista	1	5
Funcionária pública	1	5
Analista	1	5
Empreendedora	1	5
Empresária	1	5
Enfermagem	1	5
Estagiária	2	10
Estudante	14	60
Total	22	100

Fonte: Dados da pesquisa

Elaborado pela autora

Observamos que a maioria dos estudantes (80%) que compuseram o grupo social em questão apresentavam idade entre 17 a 20 anos, sendo faixas etárias esperadas para universitários tradicionais. Segundo o IBGE (2015), o total de estudantes com a idade de 18 a 24 anos que frequentavam a faculdade em 2014 equivalia à metade da população universitária, um crescimento muito significativo nos últimos anos. Nesse sentido, temos o discurso de um dos entrevistados. Vejamos: “Na sala tem eu e mais uma colega que são mais velhas que os demais, a maioria tem 18, 19 anos”. (Estudante 4)

Para Carvalho e Kavano (1982), a profissão do psicólogo ao longo dos anos pode ser caracterizada como composta por profissionais adultos-jovens, resultado do crescimento vertiginoso da profissão nos últimos anos e produto do aumento significativo de cursos de Psicologia no Brasil.

4.2 Particularidades motivacionais relacionadas ao perfil sociodemográfico

Verificamos a diferença na motivação para a profissão de psicólogo de acordo com a faixa etária dos estudantes. Assim, seguem trechos dos depoimentos de alguns estudantes:

[...] há 20 anos atrás nem passava na minha cabeça fazer Psicologia, mas conforme o tempo foi passando fui mudando meu conceito, e ao trabalhar com muitas pessoas percebi que poderia ser uma área que me ajudaria a trabalhar melhor. (Estudante 3; 39 anos)

O que me fez estar aqui, foi por meu marido ser médico, e sendo enfermeira não daria pra conciliar junto ao consultório dele, então acabei vendo a Psicologia como uma forma de ter essa parceria com meu esposo. (Estudante 6; 30 anos)

Desde quando eu tinha 18 anos eu escolhi Psicologia, mas o fato de ser um curso integral e exigir muita leitura, acabei optando para ser o segundo curso. (Estudante 11; 53 anos)

[...] não foi algo rápido decidir, trabalhei em outras áreas, mas aí eu pensei em fazer algo diferente em minha vida, tirar o foco do meu trabalho, e aí pensei em Psicologia. (Estudante 14, 32 anos)

Foi assim que perdi meu emprego há três anos atrás, fiquei sem chão, e aí acabei pensando em cursar Psicologia. (Estudante 16; 48 anos)

Eu pensei em todo o meu ensino médio fazer Psicologia, pois o fato de querer ajudar as pessoas me fez escolher esta área, pois cada vez mais as pessoas estão com problemas psicológicos (Estudante 1; 17 anos)

Eu sempre observei muito as pessoas, eu achava legal o jeito delas se comportarem e minha mãe falou que eu tinha a vocação pra isso. (Estudante 4; 18 anos)

Eu queria fazer jornalismo, mas acabei participando de uma feira de profissões e conversando com uma psicóloga e acabei decidindo por fazer Psicologia. (Estudante 5; 18 anos)

Eu sempre gostei de estudar filosofia, sociologia, história no ensino médio, aí eu sempre ouvi falar bem de Psicologia e isso me chamou a atenção. (Estudante 7; 20 anos)

Eu realmente vou ser psicólogo, mas quero testar, se eu gostar sigo, se não vejo outra coisa pra fazer. (Estudante 8; 20 anos)

Diante desses depoimentos e dados coletados, portanto, foi possível observar que na faixa etária entre 17 a 20 anos, a maior influência para a escolha profissional como psicólogo foram as habilidades pessoais e o contexto familiar. Já na faixa etária entre 30 a 53 anos, a escolha foi pautada em uma nova oportunidade profissional e na realização pessoal.

Foi possível observar, também, que a maioria dos estudantes cursavam a primeira graduação, o que pode colaborar para possíveis dúvidas em relação à escolha profissional, conforme os relatos dos entrevistados. Vejamos os depoimentos:

Na verdade, o curso de Psicologia foi uma mistura de fases, a principal foi as matérias que o curso tem que me despertou curiosidade, as grades das matérias são bem interessantes para mim, eu sempre gostei de estudar história, filosofia, sociologia, então isso me chamava atenção, e eu acho que também essa ideia de você questionar uma única coisa, uma ideia de algo, foi o que me chamou mais atenção. (Estudante 7)

Eu fiz orientação vocacional, e aí eu fiquei entre duas, que era Psicologia e ciências sociais, que eu acho que a parte de ajudar outras pessoas sempre foi o que eu queria, só que a parte de ciências sociais eu ia ajudar um pouco menos, e na Psicologia eu sei que eu ia conhecer as pessoas, acho que a parte do conhecimento é muito importante. Então assim é um curso lindo que se eu não tivesse entrado eu nunca saberia, e é isso. (Estudante 10)

Então no começo eu não estava querendo muito não, eu estava pensando em relações internacionais, daí não deu muito certo para eu fazer, aí eu fui para Psicologia, não teria muito uma razão assim. Eu só achei que era legal. (Estudante 13)

Outras pesquisas sobre os estudantes de Psicologia apresentam resultados semelhantes (SANTOS, 2004; SANTOS, 2007; IGUE, 2008; CARMO, 2013; ZILLOTTO et al., 2014), pois confirmam que os estudantes têm dúvidas e incertezas -

aspectos sempre presentes nos relatos dos entrevistados nesta pesquisa e que precisam ser considerados.

Carvalho (2012) afirma que, no primeiro momento (escolha e ingresso na Universidade), leva-se em consideração o período em que estudante buscou uma profissão de acordo com suas expectativas pessoais, sociais, familiares e perspectiva da profissão.

Segundo os dados encontrados sobre o aspecto da ocupação atual, constatou-se que a maioria é estudante (60%), isto é, tem dedicação exclusiva ao curso. No entanto, é importante registrar que, mesmo os alunos que estão trabalhando nas mais diversas funções enquanto cursam Psicologia (como: recepcionista, estagiária em consultório de Psicologia, empresária, empreendedora, enfermeira, analista de TI), ao especificarem essa área de ocupação atual, ressaltam características que acabam contribuindo para compreensão da RS do papel do psicólogo.

E, no tocante aos dados em relação ao estado civil dos participantes, a maioria era solteira (70%), conforme a tabela 1. Tais resultados também são encontrados em outros estudos realizados com estudantes de Psicologia, como em Vieira (2008), em que os estudantes são solteiros e cuja faixa etária predominante é a mesma citada anteriormente nesta pesquisa. De acordo com o ENADE (2016), o perfil do estudante universitário tem várias características, mas uma delas é que 54,4% dos estudantes são solteiros.

Em relação ao sexo, o resultado mostrou que 90% (20) dos sujeitos estudados pertenciam ao sexo feminino. Isso confirma o que a própria literatura, no decorrer da história da Psicologia, aponta: a prevalência do gênero feminino nesta área de atuação. Como já apresentado na revisão deste trabalho, a própria origem da profissão também influencia nessa permanência no contexto de gênero, pois historicamente a Psicologia deriva da Medicina, da Filosofia e de Ciências afins.

Na década de 70, segundo estudos de Ferreti (1976), a Psicologia foi apontada como a quarta carreira com predomínio de mulheres, por considerar o aspecto humano, o foco em cuidado, o papel de mãe, o amparo, a sensibilidade, a escuta, a prestatividade, a baixa remuneração, a redução de honorários, e outros aspectos que são direcionados para as características femininas.

As pesquisas realizadas por Bettoi (2000), Silva (2000), Bardagi et al. (2008) e Vargas et al. (2015) - levantando o perfil do estudante de Psicologia e dos que já atuam na área - também apontaram um número maior de estudantes e atuantes do sexo

feminino. Segundo Magalhães et al. (2001), a Psicologia é uma escolha de muitas mulheres por ser uma profissão que se refere a: cuidado, acolher o outro, acompanhar a outra pessoa. Tais aspectos são tradicionalmente descritos como valores de expressão de sentimento e com motivações afiliativas que estão associados à figura feminina. Enquanto isso, o autor ainda reforça que os traços masculinos são marcados por assertividade e dominância, valorizam aspectos materiais e são dotados de muita ambição, por isso, a predominância do gênero feminino na profissão de psicólogo.

O predomínio do gênero feminino na Psicologia também pode ser encontrado nos estudos de Pereira e Neto (2003) sobre o perfil do psicólogo, a partir dos dados levantados pelo Conselho Federal de Psicologia em 1988. A pesquisa desenvolvida pelos autores, transcorrida do final de 1985 até início de 1987, apresentou conclusões semelhantes ao presente trabalho. Assim, vejamos:

Profissão feminina (85%) e profissão jovem (73 a 90% dos profissionais estavam na faixa dos 22 e 30 anos). [...] E ao ser aplicada novamente esta pesquisa em 1994 e 2001 pelo Conselho Federal de Psicologia foi constatado que os dados de 1988 se mantiveram semelhantes. (PEREIRA; NETO, 2003, p. 26)

A pesquisa realizada pelo Conselho Federal de Psicologia, em 2012, relatou que 9 a cada 10 profissionais desta área eram mulheres, mantendo um resultando semelhante ao das pesquisas anteriores já comentadas neste estudo. E, no levantamento mais atual realizado pelo Conselho Federal de Psicologia (2013), 92% da profissão foi apontada como feminina, ressaltando que esta realidade se mantém até a presente pesquisa.

Esse mesmo resultado, destacado em pesquisas realizadas em distintos momentos, muitas vezes pode ser compreendido de acordo com os argumentos de Guedes e Daros (2009) sobre as aptidões das mulheres. Segundo os autores, a aptidão feminina tem sua origem no aspecto de cuidar, sendo algo inato em sua relação de cuidado com familiares, cônjuges e filhos, além de ressaltado como fator histórico na sociedade e visto como traço influente na escolha profissional de cada mulher.

Tais achados reforçam a importância de se estudar as RS sobre o fenômeno social. Além disso, o perfil observado no grupo submetido às entrevistas no presente trabalho só vem a confirmar os estudos até então feitos em relação aos estudantes de Psicologia, pois apontam um público jovem, cursando a primeira graduação, com dedicação exclusiva ao estudo, solteiros e com uma maioria do sexo feminino.

4.2 A profissão do psicólogo para ingressantes do curso de Psicologia

A análise das entrevistas obtida pelo *software* IRaMuTeQ resultou em 4 categorias que envolveram os seguintes temas: a escolha profissional (classe 1), desafios da profissão do psicólogo (classe 2), expectativa profissional (classe 3), o que é ser psicólogo (classe 4). Tudo isso é mais explicado pela figura abaixo:

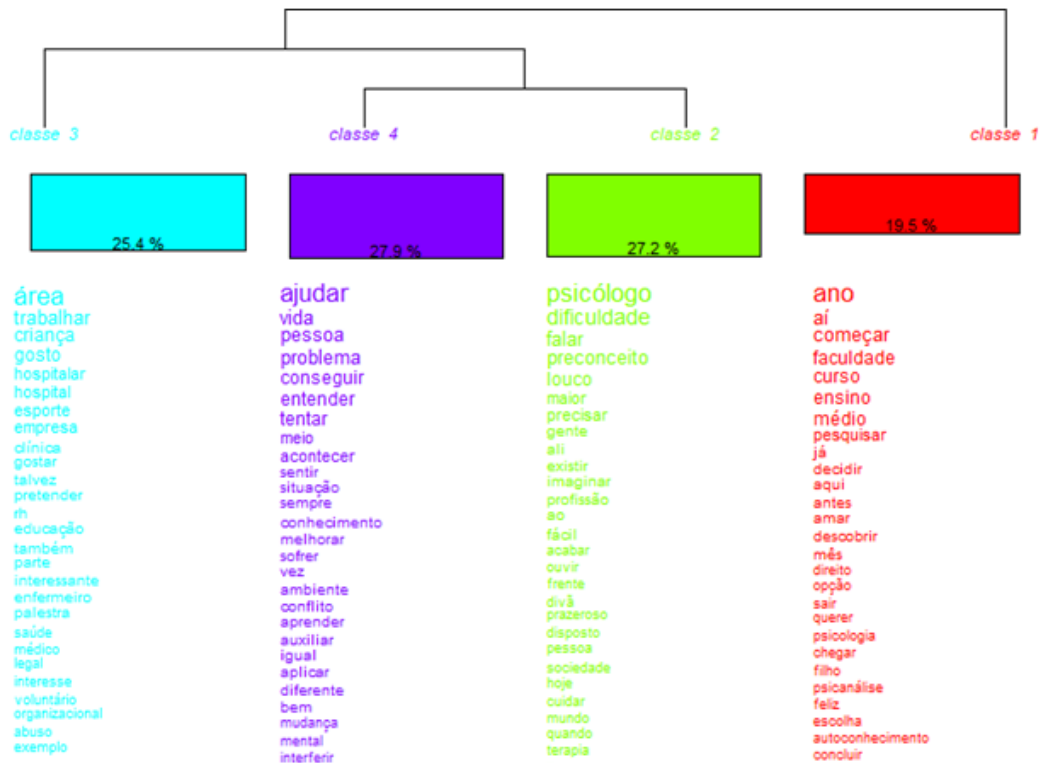


Figura 1 - Dendrograma das classes de análise. Fonte: IRaMuTeQ.

O Dendrograma (Figura 1) permite compreender as expressões e palavras proferidas frequentemente pelos alunos entrevistados. As classes 1 e 3 trataram dos discursos relacionados ao que se considera como escolha profissional (o que me fez escolher este curso) e quais expectativas profissionais tais estudantes possuem sobre a profissão de psicólogo. As classes 2 e 4 trataram dos desafios da profissão do psicólogo e do que é ser psicólogo, respectivamente. Assim, a ordem de apresentação das classes analisadas teve início com as classes 4 e 1 e, em seguida, com as classes 2 e 3. Com esta ordem, foi possível conhecer gradualmente o campo pesquisado, relacionando as compreensões subjetivas e objetivas presentes nas RS da profissão do psicólogo.

4.2.1 O que é ser psicólogo

Nesta classe 4, algumas RS foram identificadas conforme ilustra a figura 2.

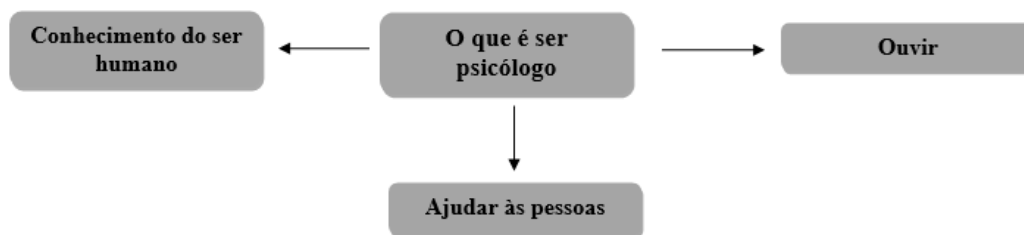


Figura 2 - Mapa conceitual – O que é Psicólogo

Fonte: Dados da pesquisa

Elaborada pela autora.

Nesta categoria, através dos discursos dos entrevistados, revelaram-se as crenças a respeito do que é ser psicólogo, possibilitando a compreensão das RS que este grupo tinha sobre o que significa ser psicólogo, como: o conhecimento do ser humano, o saber ouvir e ajudar as pessoas. Esse resultado apresenta a dimensão no campo da representação, buscando entender a compreensão do grupo de estudantes ingressantes no curso em relação à profissão, o que também influencia no processo de escolha profissional.

De acordo com Carvalho (2012), as pessoas que buscam a profissão de psicólogo têm pontos em comum na forma de enxergarem sua atuação. Assim, nos resultados de sua pesquisa sobre os ingressantes em Psicologia, o autor destaca essas mesmas compreensões: conhecer o ser humano e poder ajudá-lo (o conhecimento não só pela área humana como também pelo interior do homem e os segredos de sua alma, através da capacidade de ouvir o cliente). Esse resultado também foi encontrado na pesquisa de More et al. (2001), que aborda a visão sobre a profissão do psicólogo por parte dos próprios estudantes de Psicologia. O grupo pesquisado, nesse caso, enfatizou que o psicólogo é aquele que “estuda as pessoas”, sabe “lidar com problemas emocionais”, “ajuda e orienta”, “conversa”.

Considerando as RS dessa categoria, cabe considerar a afirmação de Jodelet (2009):

[...] as representações, que são sempre de alguém, têm uma função expressiva. Seu estudo permite acessar os significados que os sujeitos, individuais ou coletivos, atribuem a um objeto localizado no seu meio social e material, e examinar como os significados são articulados à sua sensibilidade, seus interesses, seus desejos, suas emoções e ao funcionamento cognitivo. (JODELET, 2009, p. 697)

Então, as respostas relacionadas ao que é ser psicólogo verbalizam o que de fato o grupo ora pesquisado compreende a respeito desta profissão. Isso pode ser observado nos trechos abaixo:

Eu acho que é entender mais as pessoas e querer ajudar, é estar ali, sabe eu não sei explicar, sabe quando você não sabe, eu não ... eu não sei colocar em palavras. (Estudante 1)

Acho que é ser um bom ouvinte, e conseguir ter empatia com os problemas do outro, se colocar no lugar do outro, sabe, se vê como um igual e não “Ah ele tem problema, ele é diferente porque ele tem esse problema”. (Estudante 2)

Bom, olha, se fosse para definir em uma frase, eu acho que é ajudar...e...eu acho que é ajudar a pessoa a se alinhar no que ela acredita. (Estudante 4)

[...] o que eu vejo o psicólogo vai estar ali pra te ajudar a enfrentar seus medos, seus anseios, suas aflições e chegar aonde está te fazendo mal, acho que pra mim psicólogo é isso. (Estudante 6)

Os resultados obtidos demonstram a dimensão informativa das representações elaboradas e que estão ancoradas nos conteúdos difundidos nos diferentes meios de comunicação, apontando o que o psicólogo é e o que os alunos acabam trazendo como real da profissão. Um fator predominante e comum nas respostas dos estudantes, qual seja, ajudar as pessoas, revelando, pois, ser esse o propósito da profissão. Apontaram, também, que os estudantes pesquisados apresentam uma visão de crenças comuns sobre o que é ser psicólogo, sem ênfase na profissão enquanto Ciência da Psicologia e, muitas vezes, distantes da realidade da profissão do psicólogo e suas contribuições.

Assim, na perspectiva dos alunos entrevistados a respeito da profissão do psicólogo, a pesquisa realizada por Bettoi e Simão (2000, p. 23) apresentou a seguinte definição sobre o que significa ser psicólogo: “[...] um indivíduo que detém um conhecimento específico e sistemático e o aplica a toda camada da população, de forma a contribuir para a transformação do indivíduo e da sociedade”, destacando o foco central deste profissional, que é considerar a melhoria para o indivíduo e para o coletivo também.

No entanto, é importante salientar, como já apresentado na revisão teórica deste trabalho, que a profissão do psicólogo tem diretrizes que norteiam sua atuação e critérios para que as intervenções sigam determinados padrões de análises, métodos e técnicas, sendo um tratamento ou uma prevenção em prol da saúde mental do indivíduo. E esse aspecto não foi apresentado, em nenhum momento, pelos entrevistados, pois suas

visões configuraram mais uma RS genérica e “mágica” do que uma abordagem mais objetiva sobre os critérios de atuação da profissão.

A seguir, há outros trechos que demonstram a visão dos estudantes entrevistados sobre o que é ser psicólogo:

Conhecer mais o ser humano. (Estudante 5);

[...] acho que a parte de ajudar outras pessoas, conhecer as pessoas, acho que a parte do autoconhecimento é muito importante. (Estudante 14);

Conhecer melhor os demais, as pessoas e a mente humana. (Estudante 12);

De conseguir ajudar as pessoas conversando e ouvindo muito. (Estudante 21).

Os discursos dos estudantes permitiram compreender sua perspectiva sobre o que é ser psicólogo, sendo aquele profissional que ajuda e conhece melhor as pessoas e a mente humana, mas também permitiram compreender os significados que estão sendo desenvolvidos sobre a profissão do psicólogo, sobre o que é considerado real ou não, contribuindo para sua socialização.

Assim, uma vez mais foi apontado que o termo psicólogo evoca significados desta profissão que tem como objetivos conhecer o indivíduo, proporcionar uma escuta ativa e melhorias. Na pesquisa realizada por Mazer e Silva (2010) sobre a visão de estudantes em relação à profissão do psicólogo, o resultado foi semelhante, pois apontou que ser psicólogo significa ajudar as pessoas, sendo esse o principal propósito da profissão. Para tanto, estudantes de Psicologia e profissionais buscam exercer um trabalho de relação direta com o ser humano, uma relação interpessoal específica, traduzida em interações que permitam conhecer e compreender sua essência e seu comportamento.

Novamente, é possível constatar nos trechos que se seguem sobre a opinião dos entrevistados como se repetem os aspectos de ajudar, ouvir e conhecer o ser humano, características frequentes nas representações dos ingressantes a respeito do psicólogo e que constituem o foco desta pesquisa, mostrando como o curso mantém essas perspectivas no estudante. Nesse sentido, para o Estudante 18, ser psicólogo é “Gostar de ouvir e conversar com as pessoas”. E os conceitos de dois outros estudantes são:

Quando uma pessoa está sofrendo ela precisa muito ser ouvida, você não precisa falar nada, ou qualquer outra coisa, mas ouvir ela é o principal, então eu acho que é isso que é ser psicólogo, é você

estar disposto a doar um pouquinho do seu tempo para ajudar aquela pessoa, a ouvindo, e é isso. (Estudante 13)

Eu imagino como um ouvinte, uma pessoa assim que você não conhece, mas que está ali disposto a ouvir a ter um vínculo com você sem ter um vínculo, pois ela ouve você, e naquele momento ela é só sua e tudo que você quiser falar ela está ali, está disposto a conversar e escutar. (Estudante 15)

Assim, nesses discursos dos alunos foi constatada a permanência desses resultados em outras pesquisas relacionadas ao tema deste trabalho como, por exemplo, o resultado que se segue da pesquisa de Krawulski (2004) sobre o que é ser psicólogo nas perspectivas de estudantes:

Ser psicólogo significa, basicamente, ser um profissional que ajuda o ser humano: prestar essa ajuda, segundo relatado, configura-se como o principal propósito do trabalho na profissão, independentemente de ele se desenvolver em contexto de consultório, escola, hospital, empresa ou outro. (KRAWULSKI, 2004, p. 74)

Os relatos do grupo pesquisado apontam para uma representação idealizada, podendo ser influenciada pelo contexto cultural e pelo próprio ambiente no qual esses alunos vivem, pois, a representação apontada nesta categoria foi encontrada em várias pesquisas relacionadas à compreensão da profissão do Psicólogo. Entre elas, estão Betti e Simão (2000); Magalhães et al. (2001); More (2001); Santos (2004); Souza (2007), entre outros, que destacam como profissional da Psicologia aquele que entende o ser humano, que é bom ouvinte, e que gosta das pessoas.

Outro aspecto importante a ser observado nos depoimentos acima é como os entrevistados retratam as RS que elaboram sobre o que é ser psicólogo. Em suas palavras, pode ser constatada a perspectiva de que o psicólogo resolve tudo; que conversando e ouvindo, as pessoas ficam boas rapidamente, como se fosse dado “um passe de mágica”. Essa visão pode dificultar ou mesmo se distanciar da real compreensão da profissão e do tempo de acompanhamento psicológico em si. Assim, os resultados apontados nesta categoria de análise mostraram que as RS elaboradas pelos estudantes revelam uma perspectiva bem generalizadora e fantasiosa a respeito da profissão do psicólogo.

E os aspectos representacionais relacionados a essa profissão, encontrados através das perguntas - “O que é ser psicólogo pra você?”, “Quando você pensa em um psicólogo o que vem à sua cabeça?” e “Como você imagina o trabalho de um psicólogo?” - possibilitaram identificar as crenças dos estudantes em relação ao papel

do psicólogo, que foi o objeto desta pesquisa. Tais resultados acabam complementando os dados que serão analisados na próxima categoria sobre escolha profissional.

Nesse caso, está identificada a presença da ancoragem psicossocial no processo de elaboração das RS, reconhecendo que as informações em comum entre os entrevistados e o social apontam a relevância deste profissional em conhecer o ser humano, saber ouvir e ajudar as pessoas. Esses conteúdos também fazem parte das informações que circulam nos meios de comunicação em geral.

Segundo Praça e Novaes (2004, p. 33), “Historicamente, sabe-se que a profissão de psicólogo surge ligada às demandas de um regime disciplinar de adequar, ajustar, adaptar.” Isso demonstra a influência da própria história no significado do que é ser psicólogo em relação aos estudantes ingressantes e futuros profissionais da área de Psicologia, ressaltando a ajuda ao ser humano em todas as camadas da sociedade. Conforme o estudo de Bock et al. (2007), saber com clareza o que é ser um psicólogo e como é a sua prática é fundamental para os jovens que pretendem ingressar na profissão.

É importante destacar nos resultados encontrados nesta pesquisa que a forma de os sujeitos apresentarem a profissão do psicólogo influencia o modo como enxergam a si mesmos, o mundo e as demais pessoas. À medida em que se apresentam como ouvintes, dispostos a ajudar e como conhecedores do ser humano podem não ter uma abertura adequada frente às demandas e necessidades da área (até pelo regulamento da profissão, como já foi apresentado na revisão teórica), apontando, portanto, para o processo de objetivação dessas RS.

Na sequência, dando continuidade à análise, será abordada a escolha profissional.

4.2.2 Escolha profissional

A figura 3 mostra as RS sobre a escolha profissional.

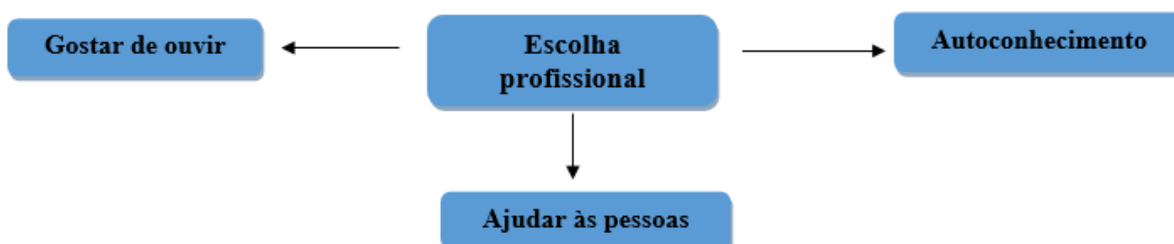


Figura 3 - Mapa conceitual - Escolha profissional

Fonte: Dados da pesquisa

Elaborado pela autora

Esta categoria aborda as RS da escolha profissional dos entrevistados. Em seus depoimentos, estes apontaram a Psicologia como uma profissão na qual o sujeito precisa saber ouvir, ajudar as pessoas e ter autoconhecimento, o que está de acordo com as RS identificadas a partir do contexto histórico da profissão - como já apresentado na revisão deste trabalho – uma vez que sua origem está relacionada às áreas da Medicina, da Filosofia e outras afins, que tinham como finalidade elementos comuns a todas essas áreas, quais sejam, ajudar e buscar o cuidado com o ser humano.

A pesquisa de Lázaro et al. (1986) - que tratava de mensurar as diferenças entre ingressantes e formandos do curso de Psicologia, em relação aos motivos que levaram os alunos a escolherem esta área de atuação, assim como os respectivos resultados - apontaram semelhanças com a presente pesquisa, pois ambas chegaram aos seguintes motivos: ajudar os outros, autoconhecimento e resolução de problemas diversos.

Esses mesmos resultados foram encontrados pela pesquisa de Magalhães et al. (2001) que identificou na fala dos estudantes de Psicologia as seguintes razões para a tomada de decisão pela carreira: ajudar as pessoas, saber relacionar-se com as outras pessoas, crescimento pessoal. Assim, tais aspectos, uma vez confirmados, são considerados RS desta área e compreendidos pela maioria como o objeto em estudo.

Conforme afirmado por Lins et al. (2015), a escolha pelo curso de Psicologia muitas vezes foi citada como o desejo de ajudar e auxiliar outras pessoas. As razões dessa escolha profissional podem estar relacionadas, segundo os resultados desta pesquisa, à procura de um novo sentido à vida, isto é, um propósito, um projeto vital que enxerga como aptidões pessoais as seguintes características: saber ouvir, ajudar as pessoas, cuidar dos outros, e, ainda, querer conhecer a si mesmo e saber lidar melhor nos relacionamentos interpessoais. Às vezes, também, as razões da escolha relacionam-se ao desejo de descobrir as curiosidades da mente humana, ressaltando a presença das necessidades de cada indivíduo. Tais aspectos podem ser observados nos discursos a seguir:

É algo que vem de mim, é que eu sempre tenho ajudado amigos e meio que eu gosto de lidar com pessoas, e eu acho que Psicologia é uma boa porta pra isso. Só o começo assim, se realmente eu vou ser uma psicóloga, mas eu quero testar e ver como é que é, se eu gostar sigo esse caminho. (Estudante 8)

É poder me conhecer melhor, me relacionar melhor com as outras pessoas e saber lidar comigo mesma. É conhecer melhor os demais, as pessoas, a mente humana, descobrir mais como a mente funciona, os comportamentos”. (Estudante 2)

Gosto de ajudar as pessoas, de saber da vida das pessoas, eu não sei explicar, eu só sei que quando eu pensei em formação, em estudar, a primeira e única opção foi Psicologia. (Estudante 13)

Pelo que eu tive no meu acompanhamento no posto, eu pensava que Psicologia era arte de cuidar das pessoas, de ajudar as pessoas naquele sofrimento, daquela angústia, de tudo que o paciente está passando naquele momento. Então o que eu vejo é a ajuda ao paciente, ajudar as pessoas. (Estudante 6)

Os discursos ora apresentados reafirmam as categorias desta classe em que a escolha é baseada em fatores pessoais que envolvem o saber ouvir, o querer ajudar e o autoconhecimento. Resultados semelhantes foram encontrados na pesquisa de Bettoi e Simão (2000, p. 23), que abordou a concepção da profissão de psicólogo para alunos do curso de Psicologia. A pesquisa destacou que a escolha dos estudantes pelo curso partiu de “imaginar que o profissional é um indivíduo com qualidades pessoais que abrangem tanto aspectos éticos e valorativos quanto competência técnica e racional.” Tais qualidades o indivíduo pode já ter em si mesmo ou desenvolver no decorrer do curso.

Já no estudo de Meira e Nunes (2005, p. 340) sobre o estudante de Psicologia e seus interesses, foram encontrados os seguintes aspectos: “o interesse pela profissão foi pela possibilidade de ajudar os outros e a curiosidade em conhecer melhor o ser humano”, podendo incluir a si próprio nesse interesse.

As RS presentes nos dados apontados permanecem ao longo da história, pois, como afirmado por Jodelet (2001), as RS estão relacionadas às formas de definir os diversos aspectos de um fenômeno e, a partir disso, interpretá-lo. Foi isso o que ocorreu com o grupo entrevistado no presente trabalho, pois definiram o que proporcionou sua escolha profissional a partir das RS da área da Psicologia.

Segundo Matos e Lima (2016), os fatores de influência para a escolha de uma profissão podem ser dos mais variados. Assim, é possível inclusive considerar a hipótese de o estudante que não teve uma maior proximidade com a Psicologia e conhece apenas superficialmente as atribuições do profissional da área como consta, por exemplo, em alguns dos discursos do grupo entrevistado na presente pesquisa.

Então no começo eu não estava querendo muito não, eu estava pensando em relações internacionais, daí não deu muito certo aí eu fui pra Psicologia, não teria muito uma razão assim. Eu só achei que era legal. (Estudante 13)

No começo eu não queria, queria fazer direito, só que daí é... no meu último ano do ensino médio eu vi que era uma coisa que eu me identificava mais, porque eu gostava bastante de conversar, e de conseguir ajudar as pessoas conversando e ouvindo muito, eu

sempre gostei de escutar todo mundo, aí eu achei que Psicologia era um campo eu ia me dar melhor, nessa parte de gostar muito do curso. (Estudante 1)

Na verdade o curso de Psicologia foi uma mistura de faces, a principal foi que as matérias do curso e a grade de matérias são bem interessantes assim pra mim, eu sempre gostei de estudar história, filosofia, sociologia, então isso me chamava atenção, e eu acho que também essa ideia de você questionar as coisas, ter uma ideia de algo, foi o que me chamou mais atenção na Psicologia. (Estudante 7)

Sinceramente não tem algo específico, que me fez, é algo como se fosse minha identidade, sabe? É algo que vem de mim, é que eu sempre tenho auxiliado amigos e meio que eu gosto de lidar com pessoas, e eu acho que Psicologia é uma boa porta pra isso. Só o começo assim, se realmente eu vou ser uma psicóloga, mas eu quero testar e ver como é que é, seu eu gostar sigo esse caminho. (Estudante 8)

Essas falas apontam a compreensão do processo de escolha profissional dos participantes, sendo destacado o processo das RS, partindo das incertezas e da influência exercida pelo contexto pessoal e social, pois, como afirma Bock (2010), a escolha se refere ao sentido de vida e às experiências no âmbito pessoal e social do sujeito.

Magalhães et al. (2001, p. 254), pesquisando estudantes de Psicologia do primeiro ano da graduação, afirmaram que “[...] a escolha da profissão é acompanhada, primeiramente, por um sentimento altruísta de ajuda ao próximo, seguido da busca por um crescimento pessoal, encanto pelo conhecimento psicológico e competência profissional.”

E a escolha também está relacionada às características oriundas da própria história da profissão. Nesse sentido, segundo Alberto (2012):

Na história da Psicologia, os caminhos tomados pela formação se deram por uma opção pela cientificidade e pelo rechaço às questões sociopolíticas. Tal formação desenvolveu-se num contexto histórico e científico em que se priorizaram formas de intervenções voltadas para segmentos sociais mais abastados. (ALBERTO, 2012, p. 421)

Assim, as RS relacionadas à escolha da profissão de Psicologia estão presentes desde a sua essência na ajuda, no cuidado, no ouvir, no auxílio, no querer melhorar a situação do indivíduo, no olhar diferenciado para o ser humano, até em outros aspectos como as questões políticas e econômicas que também influenciam na compreensão da profissão. Isso corrobora a afirmação de Moscovici (1978), como já citado anteriormente, no sentido de que as Representações Sociais são construídas a partir do concreto da realidade que cerca o indivíduo e por meio de mecanismos próprios do

senso comum, ou seja, elas se referem a algo comum a um conjunto social e que, na categoria em análise, foram os apontados até o momento sobre a escolha profissional. Ainda segundo Lahm e Boeckel (2008, p. 80), as RS são constituídas como um “[...] conjunto de conceitos, explicações e afirmações” que se dão na rotina, no dia a dia, e estão inseridos no contexto social, por exemplo, do grupo ora pesquisado com suas razões para a escolha da Psicologia como profissão.

Partindo desse ponto, as falas dos sujeitos refletiram em como cada um se via nesta profissão, considerando sua autoanálise para realmente perceber o que é compatível dentro da visão generalizada ou social sobre a escolha da profissão do psicólogo. Isso porque o entendimento de si e de suas necessidades pode contribuir com o processo de escolha, de modo a dissipar concepções fantasiosas de si e dos outros sobre a própria profissão (PRADELLA, 2015).

Segundo Vieira (2008), em algumas situações o jovem acha que não possui dúvida ou incerteza sobre qual profissão seguir. Isso se deve, às vezes, por não ter procurado conhecer todas as opções ou, muitas vezes, pela fantasia que tem sobre a profissão de interesse. Tal situação, no entanto, pode influenciar de forma positiva ou não, a médio e longo prazos, pois os fatores que levaram à escolha profissional podem não ser consistentes no decorrer do tempo.

Segundo Bock (1997), a escolha do curso de Psicologia muitas vezes está relacionada com:

[...] ajudar o outro e conhecer a si próprio, denotando valores individualistas em uma prática assistencial. E não temos conseguido mudar esses motivos de escolha da profissão, temos apenas, aperfeiçoado o discurso de nossos alunos, sem alterar os valores subjacentes. Temos fornecido uma formação técnica que ensina a atuar de determinada maneira em determinada situação, desenvolvendo pouco ou quase nada a capacidade de lidar com o novo, com o desconhecido. (BOCK, 1997, p. 41)

E isso já foi apontado na pesquisa de Jodelet (2015) quando, ao dispor sobre as RS da loucura, afirmou que: “[...] os grupos utilizam e projetam os seus valores na construção de uma representação”. Tal afirmativa é válida e também foi encontrada no resultado desta pesquisa sobre a escolha profissional.

As RS de autoconhecimento, como fator determinante na escolha da profissão de Psicologia, podem ser percebidas nos discursos dos entrevistados nesta pesquisa, como, por exemplo:

Há autoconhecimento, eu sou uma pessoa que converso muito com meus pensamentos, e quando eu cheguei aqui, muitas das coisas

que eu tinha pensado eu vi muito em terapia [...], mas quando eu vim aqui eu li e me encontrei bastante. (Estudante 17)

Acho que é entender a mente humana, entender a si mesmo, é uma outra pessoa qualquer, acho que é uma profissão que as pessoas escolhem para melhorarem a si mesmos, e quem está em volta também. (Estudante 9)

Assim, como apresentado na revisão teórica, os discursos citados revelam o quanto a imagem de que este profissional se conhece, se analisa e consegue viver melhor consigo e com os outros reforça novamente o fato de que a escolha se relaciona às experiências pessoais e às suas interações.

A escolha da profissão para autoconhecimento é vista por Lucchiari (1993) como uma necessidade de estimular o indivíduo a ter acesso a mais conhecimento sobre si mesmo e sobre o mercado de trabalho, trazendo mais sentido e noção sobre a atividade a ser exercida. Esse período investido para ponderar sobre a escolha profissional promove o amadurecimento do jovem, que irá tecer considerações sobre os aspectos pessoais e profissionais, sobre o que é real ou irreal no tocante à profissão. No resultado desta pesquisa, por exemplo, os entrevistados apresentaram relatos em seus discursos de estarem à procura de uma profissão para autoconhecimento e, por isso, a escolha da Psicologia como profissão, o que, segundo Moscovici (1978), é uma forma de objetivação.

Então, se por um lado a escolha profissional pela Psicologia foi ressaltada pelos entrevistados - como ajudar as pessoas e saber ouvir - também foi enfatizada a busca pelo conhecimento e descobrimento de si mesmo - aspectos pontuados por quem passa ou já passou por terapia. Segundo Neófiti e Pinto (2005, p. 55), a necessidade central da vida “é descobrir-se e realizar as potencialidades”. E a busca de si, muitas vezes, ocorre através da escolha que se faz ao estimular a influência na procura pelo autoconhecimento por meio de uma profissão.

Desse modo, esta categoria apresentou resultados semelhantes aos da pesquisa realizada por Leite et al. (2011), na qual o aspecto de escolha profissional para os estudantes significou a:

[...] identificação e realização pessoal, experiência ou influências familiares, pessoais ou profissionais que despertaram interesse; curiosidade em conhecer a mente humana, o seu funcionamento e o comportamento humano; interesse pela área de humanas; leitura sobre o assunto despertou interesse; crença de poder contribuir para a qualidade das relações humanas [...] (LEITE et al., 2011, p. 115)

Segundo Jesuíno (2011, p. 49), a RS de “[...] algum objeto não é efeito duplicá-lo, repeti-lo ou reproduzi-lo, e sim, reconstituí-lo, recolocá-lo, mudar-lhe.” Isso confirmando uma afirmação feita por Soares (2002, p. 44) que diz: “A escolha é multi e determinada pela família, pela estrutura educacional e pelos meios de comunicação em massa, como também pela estrutura dialética subjetiva”.

As análises realizadas nesta classe mostraram que os profissionais estudados apresentaram resultados muito semelhantes aos estudos apontados no levantamento teórico deste trabalho. É relevante destacar, segundo Zanatta e Costa (2014, p. 127), no estudo sobre RS, a perspectiva de que os indivíduos e grupos “[...] agem e se posicionam perante o mundo”. Então, nesta classe, apontaram as RS presentes na categoria que foram construídas a partir do que o estudante acha que é ser psicólogo, isto é, de ajudar, saber ouvir e autoconhecimento. Pelo fato de o aluno não saber de fato o que atribuir a esse profissional – o psicólogo - as representações sociais a respeito da profissão acabam sendo seu motivo de escolha profissional.

Passaremos a analisar, no próximo tópico, os relatos dos entrevistados desta pesquisa sobre suas expectativas profissionais, sobre suas opiniões e compreensões.

4.2.3 Expectativas profissionais

Nesta classe, algumas RS foram identificadas conforme ilustra a figura 4 que mostra o mapa conceitual sobre as expectativas profissionais.



Figura 4 - Mapa conceitual – Expectativas profissionais

Fonte: Dados da pesquisa

Elaborada pela autora.

As expectativas profissionais são representadas através das áreas de atuação relacionadas pelos alunos, como a clínica, a educacional e a hospitalar. Vejamos alguns depoimentos:

Me vejo na clínica, acho maravilhoso, não consigo nem imaginar, gostaria de trabalhar na clínica com criança e adolescente é meu principal desejo. (Estudante 1)

Eu quero área clínica, mas como estou no início do curso, acho que muita coisa vai mudar até o final, mas acho que a área da saúde é muito legal também, e escola, nossa sou apaixonada por criança, se eu trabalhar numa escola seria maravilhoso. (Estudante 4)

Eu tenho um sonho na educacional, porque eu acredito muito na educação, e é um lugar que eu vejo que eu posso contribuir. (Estudante 5)

Eu gostaria de trabalhar na área hospitalar, seria levar conforto para uma situação, assim, às vezes até trazer uma informação de algo, tentar remediar um tipo de conflito que a pessoa pode estar sofrendo naquele momento. (Estudante 7)

Gostaria de trabalhar na área hospitalar, eu gostaria também de ser professor do curso de Psicologia, me especializar numa área assim, nesse sentido, acho que é isso. (Estudante 13)

Eu tenho vontade de trabalhar no hospital bastante, tenho vontade de fazer alguma coisa educacional, assim, acho legal, mas tipo eu gosto de clínica também que é o mais comum, acho que é interessante também. (Estudante 17)

A partir dos discursos acima citados, é possível perceber uma predominância de interesse pela área clínica, mesmo diante de outras opções, o que demonstra a influência dessa área sobre as expectativas profissionais dos estudantes do curso de Psicologia e, ainda, sua valorização como um aspecto de êxito profissional. Esses resultados também foram encontrados na pesquisa de Santos et al. (2014, p.873), em uma amostra que apontou o seguinte: “[...] as áreas mais frequentes de atuação foram: clínica, organizacional e saúde; isso ocorre desde que a Psicologia foi reconhecida como profissão no Brasil, mas a educacional também é uma área clássica da Psicologia.”

Assim, a presente pesquisa enfatizou os interesses dos alunos ingressantes no curso de Psicologia pela área clínica - o quanto almejam ter seu próprio consultório e poder prestar atendimentos individuais - como uma forma de compreender as RS do papel do psicólogo. Esses resultados foram semelhantes ao trabalho de Carvalho e Kavano (1982, p. 11) que, em sua abordagem sobre as perspectivas dos estudantes na área de Psicologia, apontaram, que “[...] o que fascina os psicólogos na área clínica é a possibilidade de penetrarem no outro, conhecê-lo, estabelecendo com ele um certo tipo de relação”. E semelhantes, ainda, aos estudos de WEBER et al. (1996, p. 5 e 6) quando argumentam que a “imagem clínica da profissão é muito forte entre alunos e profissionais atuantes, e também, para a população leiga”. Os estudos de Meira e Nunes (2005, p. 341) caminham no mesmo sentido, pois falam sobre o fascínio que os

estudantes do curso de Psicologia têm sobre a área clínica, o que pode ser compreendido pela “[...] influência do corpo docente que exerce estímulo direto no encaminhamento do aluno”.

Desse modo, mesmo depois de 37 anos da aplicação da pesquisa de Carvalho e Kavano (1982), por exemplo, é possível perceber que o grupo de estudantes de Psicologia entrevistados na presente pesquisa apresentou resultados muito semelhantes àquela. Isso comprova que o fato de a Psicologia ter sua origem vinculada ao ramo da Medicina, como já citado no contexto histórico, deixou marcada essa visão de consultório e de atendimento individualizado. Portanto, mesmo reconhecendo que há diversas outras áreas no ramo da Psicologia, a clínica ainda mantém um maior grau de interesse por parte dos alunos, mostrando a ancoragem nesta imagem do profissional, uma imagem marcante no contexto clínico e aliada ao famoso “divã”.

Segundo Pires (2008, p. 9), durante a formação do psicólogo, a grade curricular acaba dando “[...] ênfase maior na área clínica” e, logo em seguida, a ênfase acompanha a área educacional e hospitalar, o que acaba influenciando nas expectativas profissionais dos estudantes. Assim, a perspectiva na área clínica é direcionada antes mesmo do indivíduo saber de fato o que realmente o psicólogo faz em cada uma dessas áreas de atuação, pois muitas vezes a sociedade define fortemente a profissão do psicólogo como clínico, como atendendo no divã, sendo apresentado dessa maneira na mídia e em outros meios de comunicação.

Nesse sentido, temos, ainda, o estudo de Carvalho (1984, p. 7 e 8) que apresentou a “[...] área clínica como maior interesse e apontando como sabendo lidar com os problemas de desajustamento individual”. E, mais, de acordo com Yamamoto e Costa (2010) que argumentam o seguinte:

A formação dos psicólogos permanece sendo em grande parte a mesma, os alunos continuam procurando preferencialmente por clínicas e atividades afins, o mercado parece reconhecer e pagar apenas aos autônomos, pagando muito menos aos que colocam seus serviços sob o rótulo de assalariados. (YAMAMOTO; COSTA, 2010, p. 176)

Então, na maioria das vezes, o aluno que inicia o curso de Psicologia tem interesse na área clínica por diversas razões: pelas séries e outros programas apresentados pela mídia sobre terapias ou com personagens atuando como psicólogos clínicos; ou pela experiência própria de tratamento em terapias; ou em razão da grade curricular do curso de Psicologia que pode favorecer uma área de interesse. Todos esses aspectos, nos quais estão dispersas as informações consensuais sobre a Psicologia,

influenciam na construção de representações sociais sobre a profissão e, conseqüentemente, na escolha e expectativas profissionais.

Bastos e Gondim (2010, p. 9), em pesquisa realizada com vários psicólogos, apresentaram um predomínio da clínica, pois esta área “continua definindo a profissão para o público externo e constituindo em forte polo de atração para os que buscam a profissão”. Tal fato revela que, mesmo após 20 anos, a pesquisa realizada por esses autores mantém sua influência neste aspecto: na escolha e interesse pela atuação clínica em Psicologia. E, ainda, para Santos et al. (2014, p. 876), em seus estudos, o “[...] outro fato que contribuiu para o estabelecimento desse quadro foi a Psicologia ter se baseado, inicialmente, nos padrões da Medicina clínica e, conseqüentemente, baseando-se no modelo médico”. É possível, portanto, compreender os fatores determinantes para a construção das RS sobre a profissão e o profissional da Psicologia como aquele que realiza o atendimento de forma individual e um tratamento em si.

No entanto, de acordo com os depoimentos abaixo, relacionados ao grupo ora pesquisado, é possível também destacar um interesse pelas áreas educacional e hospitalar. Vejamos:

Me vejo trabalhando na escola, com crianças acho muito legal.
(Estudante 11)

Na área de educação principalmente, a que eu mais me vejo, sei lá,
é bom estar com crianças. (Estudante 5)

A partir dos relatos, porém, é possível perceber a superficialidade na compreensão sobre a função relacionada à área educacional. Até porque, segundo Barbosa e Marinho-Araújo (2010, p. 394), o “[...] início da Psicologia escolar no Brasil tinha caráter clínico e terapêutico nas intervenções realizadas”, e tal perspectiva pode limitar ou influenciar de fato a real visão sobre esta área de interesse. Além disso, um outro aspecto a ser considerado é que os participantes que tiveram interesse na área educacional eram filhos de professores ou têm histórico familiar nesta área profissional, o que comprova uma perspectiva e uma vivência familiar nesses contextos.

Segundo Marinho-Araújo (2010, p. 22), a atuação da Psicologia educacional aponta para demandas relacionadas a “processos psicológicos, formação de professores, disciplinas acadêmicas, aprendizagem em geral e problemas de aprendizagem”, mostrando uma visão preventiva na área educacional relacionada a todas as suas demandas, o que, na verdade, traduz aspectos que não foram apresentados nos depoimentos dos alunos, uma vez que estes apenas enfatizaram o trabalho com crianças.

Já na área hospitalar, há relatos dos participantes que ressaltaram o seguinte:

Hoje eu penso em trabalhar em um hospital [...] hoje eu me vejo no hospital, não sei daqui alguns anos, né? (Estudante 17)

Ah eu quero na área hospitalar deve ser bem pesado, mas eu acho muito interessante trabalhar com a família do paciente, comunicar quando a doença for muito séria. (Estudante 10)

[...] eu penso mesmo na parte hospitalar, eu penso ainda no futuro ir para um outro País ajudar as pessoas na parte hospitalar. (Estudante 22)

Nos relatos citados, observou-se uma compreensão bem superficial sobre a atuação hospitalar, até mesmo uma ausência de leitura ou pesquisa sobre a área de interesse, o que caracteriza uma falta de fundamentação teórica para a área em que os alunos pretendem atuar, seja ela hospitalar ou qualquer outra.

No tocante à fundamentação, a Resolução CFP nº 013/2007, citada por Silva et al. (2017), esclarece que a Psicologia hospitalar:

Tem como sua principal tarefa a avaliação e acompanhamento de intercorrências psíquicas dos pacientes que estão ou serão submetidos a procedimentos médicos, visando basicamente a promoção e/ou a recuperação da saúde física e mental. [...] No trabalho com a equipe de saúde, participa de decisões em relação à conduta a ser adotada, aportando informações pertinentes à sua área de atuação, na qual o suporte e manejo estão voltados para possíveis dificuldades operacionais e/ou subjetivas dos membros da equipe. (SILVA et al., 2017, p. 358)

Isso demonstra, portanto, que o trabalho da Psicologia hospitalar é interdisciplinar, cooperativo e integrador das áreas envolvidas, características consideradas desafiadoras no reconhecimento do papel do psicólogo nesta área. Assim, quando este profissional tem a visão como se fosse o sabedor de tudo e não um agregador, ele realiza um trabalho individual, como apresentado nos discursos dos participantes, e não reconhece que toda atuação ocorre em prol do indivíduo, mas juntamente com os demais profissionais.

Sobre as expectativas profissionais trazidas nos discursos dos entrevistados, Weber et al. (2005 apud ASSIS; MATTHES, 2014) afirmam que a Psicologia é complexa e ampla em sua frente de atuação, considerando a necessidade de estudar suas possibilidades e expandir seus limites referentes à área de atuação profissional, estando, assim, como o ser humano, sempre em movimento.

De acordo com Bedin et al. (2013), por se “[...] tratar de uma profissão preocupada com a promoção da dignidade e integridade humana”, o fato de tornar acessível aos estudantes a compreensão de que, em toda área que envolve o ser humano,

o psicólogo pode ser inserido, pode amenizar a pressão de seguir uma única opção ou a primeira impressão que obteve sobre a profissão do psicólogo. Nesse sentido, é importante ressaltar que, segundo Bastos et al. (2010), “o psicólogo possui forte identificação com sua ocupação, associação a um alto comprometimento com a profissão e com a sua área de atuação”, e isso só é possível quando bem compreendida cada área de atuação e sua finalidade.

Então, as RS aqui encontradas apontam a influência das RS dos estudantes desta pesquisa a respeito do que é ser psicólogo, de sua escolha profissional e suas áreas de expectativas. Assim, o fato de os alunos enxergarem que saber ouvir e gostar de pessoas são fatores primordiais para a área, acaba refletindo no resultado deste tópico, qual seja, um maior interesse e preferência pela área clínica por parte dos alunos entrevistados.

Passaremos a analisar, na sequência, os relatos dos estudantes entrevistados sobre a próxima categoria: os desafios da profissão.

4.2.4 Desafios da profissão

Nesta classe, foram identificadas RS sobre os desafios da profissão: preconceito, valorização profissional e compreensão social do papel do psicólogo, conforme ilustra a figura 5.

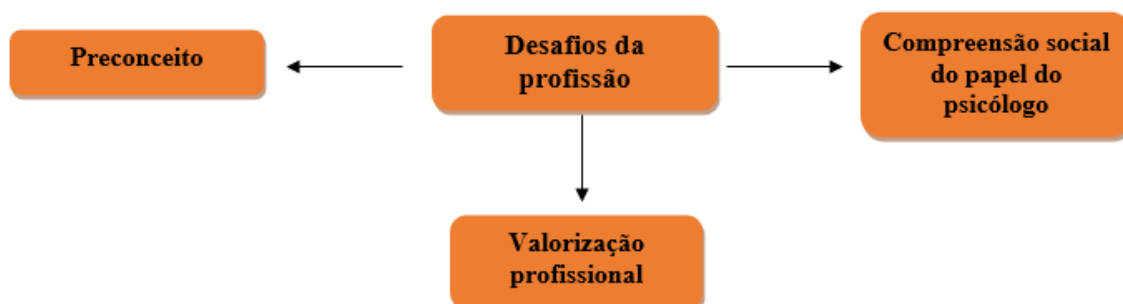


Figura 5 - Mapa conceitual – Desafios da profissão

Fonte: Dados da pesquisa

Elaborada pela autora.

Embora na atualidade a profissão do psicólogo tenha passado por mudanças positivas, nos discursos dos entrevistados, ainda, há a presença de representações que se referem ao surgimento da profissão, consoante pesquisas apresentadas na revisão teórica deste trabalho. Nesse sentido, podemos observar alguns relatos:

O preconceito, acho que tem muito tabu que o psicólogo é só pra gente louca, e que bobeira ter psicólogo, que todo mundo tem um pouco de psicólogo, todo mundo pensa isso, [...] porque a população imagina só o psicólogo clínico ou só pra quem é louco, não imagina outras áreas. (Estudante 2)

Eu acho que maior dificuldade é aceitação, assim como eu há 20 anos atrás achava que era balela, hoje em dia ainda muita gente acha, assim, na minha família 99% falam assim “Tá, o que você vai fazer Psicologia, não tem nada a ver”, depois ele falam “tem a ver, você é louca então tem tudo a ver”. Então a aceitação é o maior desafio, tanto para sociedade, porque as pessoas têm vergonha de falar que faz terapia. (Estudante 4)

Falta de reconhecimento, acho que falta de suporte para os psicólogos, porque eu acho que o psicólogo é uma profissão, que as pessoas precisam conhecer, pelo menos ir uma vez para conhecer, sabe eu digo que sempre vai ter algo que a gente pode ajudar a outra pessoa, então eu acho que a falta de reconhecimento da profissão é o que ainda marca a Psicologia. (Estudante 8)

[...] A gente tinha um preconceito muito grande, eu tinha, era meio taxado isso, que quem fazia Psicologia era tudo louco, bicho grilo e todo mundo que ia era pra se curar, então assim, tem uma gama de psicólogo que eu passo longe, eu não admiro, acho que ele foi lá pra se curar [...] que eu entendia que psicólogo era pra louco. (Estudante 12)

[...] tem o aspecto do preconceito da profissão, todo mundo precisa de terapia, mas a maioria acha que é coisa de louco, e esses preconceitos são dificuldades muito pesadas no cotidiano do psicólogo. (Estudante 17)

Eu acho que a Psicologia ainda é muito confundida com uma área que trata gente louca, eu ainda vejo assim, que a Psicologia é muito pouco valorizada. (Estudante 18)

Acho que o desafio da profissão é, por exemplo, a valorização no trabalho... que não tem, então valorização zero. E também o preconceito: “Ah você vai no psicólogo, você é louco?” (Estudante 22)

Segundo os relatos, essas dificuldades que atingem os profissionais da área, desde os aspectos de aceitação e compreensão, muitas vezes se devem ao desconhecimento do trabalho realizado pelo psicólogo. Nesse sentido, é interessante a afirmação de Cambaúva et al. (1998, p. 209) sobre a história da Psicologia, quando apontam que “[...] é preciso levar em conta que a Psicologia não é uma criação mágica e abstrata, e sim, humana e concreta”. Mas, até nos discursos dos próprios alunos consta a presença desse sentido subjetivo da área de atuação do profissional da Psicologia, pois os entrevistados afirmam que ser conhecido como aquele que trata gente “louca” prejudica a valorização profissional. Por isso, é preciso ter mais clareza da sua atuação por parte dos próprios psicólogos e docentes dos cursos de graduação, uma vez que

através deles se dissipa a real compreensão sobre esse profissional. Sobre o tema, a pesquisa realizada por Carvalho (1984) relata que:

[...] esses fatos sugerem é que a atuação psicológica não é clara para estes psicólogos [...] as atuações claramente percebidas como psicológicas são as que envolvem as técnicas específicas e problemas específicos com os quais o psicólogo entrou em contato durante sua formação. [...] isso reflete também a pequena diversidade de modelos de atuação a que são expostos nos cursos. (CARVALHO, 1984, p. 8)

Já o grupo de estudantes da presente pesquisa, por exemplo, enxergou a relevância do papel deste profissional, mas, ao mesmo tempo, percebe-se a falta de esclarecimento e conhecimento sobre o que o psicólogo é, o que ele faz e como atua de modo a complementar as atividades de outras áreas. Nas entrevistas, ficaram evidentes, ainda, os discursos no sentido de que psicólogo é para “louco”, tema evidenciado, também, na revisão de literatura deste trabalho, quando foram apresentadas pesquisas como a de Krause (2002): “profissional de Psicologia deveria atuar com pessoas “loucas”, que referem-se ao diferente, obscuro, desconhecido, exclusão no ponto de vista da representação”. Tais achados comprovam os desafios da atuação do psicólogo, ressaltando, novamente, a presença de RS da profissão, repetidamente relatada pela maioria dos estudantes.

Pacheco (2011, p. 28) afirma, em sua pesquisa sobre RS da loucura, que ao longo do contexto histórico, considerado “[...] a partir do Renascimento, a loucura é representada como erro, defeito, mistério, denúncia da fraqueza e natureza viciada no ser humano, sendo desequilíbrio do próprio homem.” E, pelo fato de a Psicologia ser relacionada à demanda em geral do ser humano, isso acabou refletindo na perspectiva de ser também uma ciência que lida com a demanda dos “loucos”. Segundo o autor, a loucura, do ponto de vista da Medicina, é tida apenas como uma doença, sem consideração sobre os demais fatores que envolvem todo esse fenômeno.

É importante ressaltar que a compreensão de que a função do psicólogo é “para pessoas loucas” decorre da sua origem na área da Medicina, que mantém o foco na doença. É esse contexto histórico, portanto, que continua influenciando na forma das pessoas identificarem o profissional da Psicologia, apesar de esta ser uma área que não foca na doença, mas sim na promoção da saúde mental. Conforme o estudo de Martins (2013), o louco seria o equivalente a “condutas inadequadas ao homem adulto”, com quem, muitas vezes, a própria sociedade não sabe como agir ou lidar e acaba direcionando esses aspectos para o papel profissional do psicólogo.

Assim, segundo Antunes (2012), são necessárias pesquisas que cooperem para a compreensão, de fato, do papel profissional do psicólogo, tanto nas Universidades quanto na sociedade como um todo, contribuindo para uma expansão dos serviços da Psicologia por diversas áreas de atuação, bem como para a conscientização do papel do psicólogo na sociedade.

Como já apresentado neste trabalho, Jodelet (2005, p. 361) pesquisou sobre o que é loucura, enfatizando tratar-se do excluído, do incontrolável, de “[...] cérebros frágeis, verificando as RS sobre o louco por fatores biológicos ou acidentais”. A compreensão de tal fenômeno, no estudo de Jodelet (2005), não foi verbalizada, mas o comportamento das demais pessoas denunciava uma série de práticas com aqueles que eram rotulados como loucos, por exemplo: os loucos eram separados das atividades do cotidiano da casa ou da comunidade; quando as roupas das pessoas da casa eram lavadas, os que tinham sido diagnosticados como doentes mentais tinham suas roupas separadas dos demais, mostrando, portanto, a exclusão, a separação e o medo de contágio. Nesse sentido, “[...] essas medidas, chamadas de medidas de higiene, se revelavam como práticas socialmente significantes, cujo sentido desvela dimensões e fundamentos da representação coletiva da loucura” (Jodelet, 2005, p.305).

Desse modo, por ser uma ciência direcionada aos fatores sociais, ao desconhecido, ao com “problema”, ao diferente, ao estranho e ao misterioso, o entendimento do ser humano acaba sendo o objeto central do trabalho da Psicologia, mas isso realmente traz consigo uma desvalorização ou a falta de compreensão por parte da sociedade do que de fato são as atribuições de competência do psicólogo.

Todos esses relatos corroboram com uma visão dos principais desafios da profissão de psicólogo no momento, desafios estes que foram abordados pelos entrevistados em seus depoimentos e que podem, ainda, ser apontados de acordo com a pesquisa realizada por Weber et al. (2005):

[...] haver erroneamente na população uma imagem distorcida e estereotipada em relação ao psicólogo [...] alguns mitos de grande parte do imaginário social que ainda considera o psicólogo como médico de loucos ou que acha que ninguém precisa procurar um psicólogo. (Weber et al., 2005 apud ASSIS; MATHES, 2014, p. 79)

Já na pesquisa de Krause (2014, p.15) sobre RS de problemas psicológicos, há o seguinte resultado: “[...] RS do problema psicológico apresenta variedade de terminologias psicológicas e psiquiátricas, oferece alternativas entre ‘normalidade’ e ‘ser louco’.”, além da reflexão da autora no sentido de que “[...] em termos gerais, a

falta de rótulos específicos para problemas psicológicos colabora para imprecisão das RS e na permanência da associação entre fatores psicológicos da ajuda e loucura”.

Partindo desse ponto, é fundamental que haja compreensão quanto à promoção da saúde mental, pois a Psicologia tem um olhar não só para a doença e seus fatores, como também para a promoção de saúde, conforme confirmado por Abreu et al. (2016, p. 163), ao dispor que: “[...] a prevenção em saúde mental tem como objetivo o desenvolvimento saudável do indivíduo em suas diversas fases do ciclo da vida e busca reduzir, por meio de ações antecipadas, os problemas e riscos que impedem tal desenvolvimento”. Assim, este é dos aspectos relacionados ao objeto de estudo do psicólogo - a mente humana, além de tudo o que estiver relacionado e envolvido com o ser humano em si e que deveria ser prioridade do próprio profissional da Psicologia.

Os discursos dos entrevistados trouxeram, também, a limitação a respeito da atuação profissional, devido à presença de sentimento de menos valia, ou seja, pouca valorização da Psicologia como profissão. Estes aspectos também foram encontrados na pesquisa de Pimentel (2007), na qual foi enfatizado que a Psicologia ainda é uma profissão de reconhecimento muito recente e que, embora tenha expandido suas áreas de atuação dentro do mercado de trabalho, ainda precisa desbravar novos espaços, uma vez que não são reconhecidas, por parte da sociedade, as demandas possíveis de serem desempenhadas pelo psicólogo. Mas, o próprio CRP-SP (2012) enfatiza que a valorização da profissão do psicólogo não se “refere apenas ao mercado de trabalho e à sociedade, mas como o próprio psicólogo se insere e qualifica sua atuação”, isto é, a postura que o profissional adota no âmbito de sua atuação.

Os trechos dos discursos abaixo mostram a permanência na forma de os entrevistados relatarem os desafios da profissão:

Eu imagino que é um trabalho [...] que não seja bem remunerado, eu imagino que não seja valorizado, porque ainda existe preconceito que eu ainda ouço as pessoas falarem que "quem precisa de psicólogo é gente louca", eu ouço muito, e também ouço as pessoas falarem que todo mundo tem um amigo que dá conselho. (Estudante 19)

E percebo muito preconceito e falta de valorização (Estudante 22)

Embora, na atualidade, a Psicologia tenha conquistado um espaço significativo nas diversas áreas de atuação, os discursos dos entrevistados ressaltaram novamente os desafios na compreensão do papel dessa ciência perante a sociedade. Sobre o tema, outro aspecto foi destacado na pesquisa de Napoleão Eufrazio et al. (2014) com

universitários, chegando à conclusão sobre o que leva aos desafios no papel de psicólogo:

Existem, de fato, preconceitos e estereótipos em relação aos alunos de Psicologia, sendo que essa visão negativa, muitas vezes, é em virtude das aulas que são ministradas pelos próprios professores do curso de Psicologia, sendo esta a principal reclamação dos alunos das outras disciplinas. E também, detectou-se que muitos alunos não têm o mínimo de conhecimento sobre a Psicologia e o psicólogo. [...] Percebe-se que boa parte dessas representações é forjada na academia, sendo necessário rever as diretrizes dessa instituição. (NAPOLEÃO EUFRAZIO et al., 2014, p.241)

Os trabalhos realizados por Carvalho (1984, p. 7) apresentaram indício de um conceito limitado da atuação do psicólogo, podendo ser este um impasse ou desafio para “o exercício de atividades” relacionadas à profissão. Também foi apontada a presença de “sentimentos de desconforto e insegurança pela falta de valorização por parte do próprio psicólogo que, muitas vezes, não reconhece o seu verdadeiro papel e acaba abandonando sua profissão”. Estas características estão presentes nesta pesquisa, conforme o discurso do grupo estudado.

Considerando que os desafios apontados pelo grupo de estudantes de Psicologia podem afetar diretamente a forma de compreender a profissão, Hernandez e Sousa (2015) afirmam que, dependendo da maneira como é enxergada e compreendida a profissão, a atividade laboral pode ocasionar sentimentos de desafios reais ou irreais. Portanto, os aspectos relacionados ao entendimento e aos desafios da profissão precisam ser estudados para uma melhor compreensão social do papel do psicólogo pelo próprio profissional e pela sociedade também.

A presente pesquisa demonstrou que os alunos ingressantes do curso de Psicologia mostraram conhecimento consensual a respeito da atuação do psicólogo que, na verdade, vai além do ouvir, ajudar e autoconhecer, como foi colocado, mas abrange também o cuidado para a saúde mental, como já foi explicado neste tópico.

Por fim, a análise desta última classe possibilitou relacionar todas as demais, pois observou-se a forma como as RS identificadas na classe 1 - sobre o que é ser psicólogo - nortearam a forma de identificar as RS das classes 2, 3 e 4 - sobre a escolha, expectativas e desafios da profissão. São as RS sobre a profissão do psicólogo que permeiam o imaginário do grupo ora estudado que os fizeram escolher a profissão, bem como ter expectativas e se posicionarem sobre os seus desafios.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa identificou as Representações Sociais sobre a profissão do psicólogo para ingressantes do curso de Psicologia de uma Universidade do Vale do Paraíba – SP e possibilitou uma melhor compreensão sobre os fatores envolvidos com a escolha, expectativas e desafios profissionais na ótica do grupo ora estudado.

Foi, inicialmente, descrito o perfil sociodemográfico dos alunos entrevistados, segundo o qual a maioria era jovem, entre 17 a 25 anos de idade; cursavam a primeira graduação; apresentavam dedicação exclusiva ao estudo; eram solteiros e com predominância do gênero feminino. E, logo depois, foram identificadas as crenças, atitudes e valores sobre vários aspectos da profissão do psicólogo, sendo estas informações importantes para compreender o que levou os estudantes pesquisados à sua escolha profissional. E, também, foi possível constatar as razões pelas quais escolheram esta área profissional, suas expectativas profissionais e os desafios da profissão.

As análises foram divididas em quatro categorias que permitiram identificar as RS do grupo de estudantes de Psicologia sobre a profissão do psicólogo e, ainda, como estas RS estavam associadas à escolha, expectativas e visão sobre os desafios profissionais. A primeira categoria apresentada foi sobre o que é ser psicólogo e trouxe à tona as crenças desta profissão: o psicólogo ajuda as pessoas; tem conhecimento do ser humano e sabe ouvir. Já na próxima categoria, a referência foi sobre a escolha profissional, sendo destacados os seguintes aspectos: a visão de ajudar as pessoas, saber ouvir e autoconhecimento, observando que a escolha profissional muitas vezes pode ser influenciada por terceiros. Assim, com o relato das transcrições, a partir do material coletado, percebeu-se uma quase unanimidade nas opiniões e atitudes dos estudantes a respeito da profissão do psicólogo.

Logo em seguida, foram abordadas, na penúltima categoria, as expectativas profissionais. Estas mostraram a limitação quanto a conhecimentos de possíveis campos de atuação do psicólogo, sendo destacada, primeira e predominantemente, a área clínica, logo após a educacional e a hospitalar. E, na última categoria, foram pontuados os desafios da profissão como: preconceito, ausência do reconhecimento e compreensão social limitada do papel do psicólogo nas áreas de atribuição deste profissional, até por parte do próprio aluno.

Assim, foi possível perceber que as representações que o grupo ora pesquisado tem sobre o que é ser psicólogo nortearam a escolha profissional, levaram às

expectativas profissionais e trouxeram, também, os desafios da profissão. Os resultados refletem a permanência, em alguns aspectos, sobre o papel profissional do psicólogo, mesmo ao longo das mudanças do cenário da sociedade.

No decorrer da análise dos resultados, pode-se constatar que esta pesquisa, realizada em 2018/2019, possui muita semelhança com as RS apresentadas em outras pesquisas realizadas sobre a profissão do psicólogo na perspectiva de estudantes do curso de Psicologia desde a década de 70.

Nesse sentido, fica a indagação sobre os possíveis fatores que, ao longo do tempo, influenciam e determinam as RS sobre a profissão como, por exemplo, a relação de como a mídia apresenta o profissional e a profissão, como a família se posiciona a esse respeito ou como ocorre a difusão de informação na sociedade e no próprio meio acadêmico sobre a Psicologia. De todo modo, como a problemática é relacionada às RS sobre a profissão para ingressantes do curso de Psicologia, fica aqui constatada a necessidade de mais pesquisas a respeito deste tema para verificar e acompanhar melhor as RS que esses futuros profissionais possuem a respeito da profissão, desde a escolha profissional. E, também, a necessidade de averiguar através de mais pesquisas a respeito deste tema para uma maior compreensão sobre o porquê de as RS a respeito da profissão permanecerem ao longo das décadas.

Além disso, é necessário considerar que, por se tratar de uma profissão recente em seu reconhecimento e atuação, tais investigações poderão contribuir para ajudar a estabelecer novos significados dessa demanda que tem aumentado no Brasil. Assim, identificar, desde o início da escolha profissional, a maneira como os estudantes a representam pode colaborar para um melhor desenvolvimento profissional do indivíduo desde a sua formação.

Os resultados obtidos nesta pesquisa podem trazer à tona a necessidade de averiguar as possíveis necessidades da compreensão da realidade profissional, com o objetivo de tornar mais claro o papel do psicólogo e suas especialidades.

As RS de estudantes sobre a profissão do psicólogo têm sido repetidas ao longo dos anos, sendo importantes mais investigações ou uma reflexão crítica para averiguar se tais resultados e significados colaboram ou limitam a atuação profissional desta área que vem crescendo no País. Socialmente, as representações estão presentes e a única possibilidade deste grupo mudar as atitudes, opiniões e valores relacionados à profissão é de fato fazerem o curso e entenderem o papel da ciência da Psicologia, para o que ela serve, chegando, assim, ao final do curso com menos crenças e compreendendo o

importante papel do psicólogo na promoção da saúde mental em nível individual e coletivo.

Este estudo evidenciou, também, a importância da pesquisa em RS para compreensão dos aspectos subjetivos e simbólicos que permeiam a profissão do psicólogo. Tais resultados podem auxiliar docentes, estudantes, profissionais e sociedade nessa reflexão sobre a Psicologia como ciência. Por fim, outros estudos precisam ser feitos com os estudantes no decorrer do curso para verificar quais RS se mantiveram ou mudaram, conforme o conhecimento científico adquirido, podendo, assim, expandir conceitos e possibilidades.

REFERÊNCIAS

ABREU, S.; MIRANDA, A. A. V.; MURTA, S. G. Programas Preventivos Brasileiros: Quem Faz e como É Feita a Prevenção em Saúde Mental? **Psico-USF**. Itatiba, v. 21, n. 1, p. 163-177, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141382712016000100163&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 26 de agosto de 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-82712016210114>.

ALBA, M. Representações Sociais e memória coletiva: uma releitura. In: ALMEIDA, Angela Maria de Oliveira et al. **Teoria das Representações Sociais: 50 anos**. 2. ed. Brasília: Technopolitik, 2014. 898 p.

ALBERTO, M. F. P. Pensamento crítico, formação de psicólogo e atuação junto à infância e juventude. **Estud. psicol.** (Natal), Natal, v. 17, n. 3, p. 421- 426, dez. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pi-d=S1413-294X2012000300010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2012000300010>.

ALBORNOZ, S. **O que é trabalho**. Ed. Brasiliense. São Paulo, 1986. 102p.

ALENCAR, E. M. L. Psicologia: **Introdução aos princípios básicos do comportamento**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1980. 197p.

ALVARENGA, C. H. A. Da teoria das representações sociais à teórica. **Tese (Doutorado em Educação)**. Universidade Estácio de Sá, 2016. Disponível em: <<http://portal.estacio.br/media/5735/tese-claudia-alvarenga-vers%C3%A3o-final.pdf>> Acesso em: 18 de outubro de 2018.

ANTUNES, M. A.M. A Psicologia no Brasil: um ensaio sobre suas contradições. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 32, n. spe, p. 44-65, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932012000500005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 de abril de 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932012000500005>.

_____. **A Psicologia no Brasil – Leitura histórica sobre sua constituição**. 5 ed. São Paulo: EDUC, 2014.134p.

ASSIS, C. L.; MATTHES, G. A. S. Representações Sociais sobre a Psicologia e o psicólogo em universitários de uma faculdade privada de Rondônia. Brasil. **Aletheia**, Canoas, n. 43-44, p. 66-90, ago. 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141303942014000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 27 de dezembro de 2018.

AURÉLIO Online – **Dicionário língua portuguesa**. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/aurelio-2/>> Acesso em: 21 de setembro de 2018.

BACCARO, T. A.; SHINYASHIKI, G. T. Constância da escolha vocacional e socialização profissional de estudantes de enfermagem. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, vol. 12, n. 1, p. 73-82, 2011. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/2030/203018660009.pdf>>. Acesso em: 20 de abril de 2018.

BACK, F. **Psicologia aplicada no cotidiano**. São Paulo: Hunter Books, 2016. 152p.

BAPTISTA, M. N. et al . Avaliação dos hábitos, conhecimentos e expectativas de alunos de um curso de psicologia. **Psicol. Esc. Educ. (Impr.)**, Campinas, v. 8, n. 2, p. 207-217, dez. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572004000200009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 de abril de 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-85572004000200009>.

BARBOSA, R. M.; MARINHO-ARAÚJO, C. M. Psicologia escolar no Brasil: considerações e reflexões históricas. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas, v. 27, n. 3, p. 393-402, set. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2010000300011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 de maio de 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2010000300011>.

BARDAGI, M. P. et al . Avaliação da formação e trajetória profissional na perspectiva de egressos de um curso de psicologia. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília , v. 28, n. 2, p. 304-315, jun. 2008 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932008000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 07 de março de 2018.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Edições 70. Editora: Lisboa, 2009. 280p.

BARROS, D.T.R.; LIMA, M.T.; ESCALDA, R. Escolhas e inserção profissionais: **desafios para indivíduos, famílias e instituições**. São Paulo: Vetor, 2007. 328p.

BARTUNEK, J. M. & SEO, M. Qualitative research can add new meanings to quantitative research. **Journal of Organizational Behavior**, v. 23, n.2, p. 237-242, mar., 2002.

BASTOS, A.V. B.; GONDIM, S. M. G. **O trabalho do psicólogo no Brasil**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

_____; _____; BORGES, A. J. E. **O psicólogo brasileiro: Sua atuação e formação profissional. O que mudou nas últimas décadas?** Porto Alegre, RS: Artmed. 2010.

BEDIN, L. M.; SARRIERA, J. C.; PARADISO, A. C. Desenvolvimento de carreira em psicólogos: tarefas evolutivas de estabelecimento. **Rev. bras. orientac. prof.**, São Paulo, v.14, n.1, p.87-98, jun.2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167933902013000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 28 de dezembro de 2018.

BERTOLLO-NARDI, M.; AVELLAR, L.Z.; SILVA, R.D.M.; TRINDADE, A.T.; MENANDRO, M.C.S. Representações Sociais de psicólogo para jovens estudantes. **CES Psicologia**, vol. 7, n. 2, p. 78-95. jul./dez. 2014. Universidad CES Medellín, Colombia. Disponível em: < <https://www.redalyc.org/pdf/4235/4235-39424007.pdf>> Acesso em: 29 de abril de 2019.

BERTONI, P.C.; BERNARDO, M.H. Concepções de estudantes de Psicologia em diferentes momentos de formação sobre a atuação do psicólogo no campo do trabalho. **Anais do XIX Encontro de Iniciação Científica – ISSN 1982-0178**

Anais do IV Encontro de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação – ISSN 2237-0420. Campinas, set., 2014. Disponível em: <http://www.puc-campinas.edu.br/websist/Rep/Sic08/Resumo/201486_132924_220103698_res-AUL.pdf>. Acesso em: 04 de março de 2018.

BETTOI, W; SIMÃO, L.M. Profissionais para si ou para outros? Algumas reflexões sobre a formação dos psicólogos. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 20, n. 2, p. 20-31. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932000000200005&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 30 de abril de 2019.

BIANCO, A. C. L.; ALMEIDA, S.S.; KOLLER, S.H.; PAIVA, V. A internalização dos programas de Pós-graduação em Psicologia: Perfil e metas de qualificação. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23 (supl 1), p. 1-10. 2010. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/30511/000760005.pdf?sequence=1>> Acesso em: 04 de março de 2018.

BOCK, A. M. B et al. **A escolha profissional em questão.** São Paulo: Casa do psicólogo, 1995. 256p.

_____. Formação do psicólogo: um debate a partir do significado do fenômeno psicológico. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 17, n. 2, p. 37- 42, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931997000200006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 09 de fevereiro de 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98931997000200006>.

_____, FURTADO, O.; TEIXEIRA, M.L.T. **A Psicologia ou as Psicologias.** São Paulo: Saraiva, 1999. 368p.

_____. **Aventuras do Barão de Münchhausen na Psicologia.** São Paulo: EDUC/Cortez, 1999. 207p.

_____. A Psicologia a caminho do novo século: identidade profissional e compromisso social. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal, v. 4, n. 2, p. 315-329, dez. 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X1999000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 29 de maio de 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X1999000200008>.

_____; GONÇALVES, M.G.M. **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia.** 3 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. et al . Sílvia Lane e o projeto do "Compromisso Social da Psicologia". **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 19, n. spe, p. 46-56, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000500018&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 5 de março de 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822007000500018>.

_____; _____.; _____. **Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia.** 14ª edição. São Paulo: Saraiva, 2008. 368p.

BOCK, S. D. **Orientação profissional para as classes pobres**. São Paulo: Cortez, 2010. 152p.

BOGDAN, R.C.; BIKLEN, S.K. **Investigação qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto Editora, 1994. 336p.

BOHOSLAVSKY, R. **Orientação vocacional: a estratégia clínica**. 11ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 221p.

BONETTO, E., et al. Representação social e compromisso: Uma Revisão de literatura e uma agenda para pesquisas futuras. **European Psychologist**, v. 23, p. 233-249, 2018. Disponível em < <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-01736654>>. Acesso em: 4 de fevereiro, 2019. <https://doi.org/10.1027/1016-9040/a000317>.

BOSI, M.L.M.; ELIAS, T.F. Um novo caminho: perfil e trajetória de alunos de Psicologia ingressos como portadores de diploma. **Rev. Estudos de Psicologia, PUC-Campinas**, v. 17, n. 2, p. 31-40, mai./ago. 2000. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Maria_Bosi/publication/274851997_Um_novo_caminho_perfil_e_trajetorias_de_alunos_de_psicologia_ingressos_como_portadores_de_diploma/links/59088455aca272f658f6bc4c/Um-novo-caminho-perfil-e-trajetorias-de-alunos-de-psicologia-ingressos-como-portadores-de-diploma.pdf>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2019.

BOTOMÉ, S. P. **Em busca de perspectivas para a Psicologia como área de atuação e como profissional**. In: Conselho Federal de Psicologia. *Quem é o psicólogo brasileiro?* São Paulo: Edicon, 1988. 286p.

BRASIL. Planalto. **Decreto-lei nº 53.464** de 21 de janeiro de 1964. Regulamenta a Lei nº 4.119, que dispõe sobre a Profissão de Psicólogo, de agosto de 1962. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1950-1969/D53464.htm>. Acesso em: 05 de março de 2018.

_____. **Questionário Socioeconômico do Exame Nacional de Desempenho do Estudante (Enade)**. 2016.

_____. Ministério da Educação. **Parecer CNE 1.314**, de 7 de novembro de 2001. Diretrizes Curriculares para os cursos de graduação em Psicologia. Brasília, DF: Conselho Nacional de Educação, 2001. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES1314.pdf>>. Acesso em: 4 de fevereiro de 2019.

_____. Ministério da Educação. **Censo da Educação Superior**. 2017. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/docman/setembro-2018-pdf/97041-apresentac-a-o-censo-superior-u-ltimo/file>>. Acesso em: 06 de agosto de 2019.

_____. IBGE. Síntese de indicadores sociais: **uma análise das condições de vida da população brasileira**. 2015. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualiza-cao/livros/liv95011.pdf>>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2019.

_____. **Panorama por região**. 2007. Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp>>. Acesso em: 28 de setembro de 2018.

_____. **Lei nº 4.119**, de 27 de agosto de 1962. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L4119.htm>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2018.

BRASILEIRO, T.; SOUZA, M. Psicologia, diretrizes curriculares e processos educativos na Amazônia: um estudo da formação de psicólogos. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 105-120, jan./jun., 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v14n1/v14n1a12>>. Acesso em 28 de maio de 2018.

BRENER, J. 1929 - **A Crise que mudou o Mundo**. Rio de Janeiro: Ática, 2006. 48p.

CAMBAÚVA, L.G.; SILVA, L. C.; FERREIRA, W. Reflexões sobre o estudo da História da Psicologia. **Estudos de Psicologia**, v. 3, n. 2, p. 207-227, 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/epsic/v3n2/a03v03n2.pdf>>. Acesso em: 29 de agosto de 2019.

CARMO, M. C. O papel dos afetos no processo de formação de psicólogos. 205f. **Dissertação (mestrado)** – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciência da Vida, Pós-graduação e Psicologia, 2011. Disponível em: <<http://tede.bibliotecadigital.puccampinas.edu.br:8080/js-pui/bitstream/tede/268/1/Mariana%20Coralina%20do%20Carmo.pdf>>. Acesso em: 28 de abril de 2018.

CAMPOS, C. J.G. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo de saúde. **Rev Bras Enferm**, Brasília (DF), v. 57, n. 5, p. 4-611, set./out. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v57n5/a19v57n5>> Acesso em: 28/09/2017.

_____. **Representação social e práticas organizacionais**. Rio de Janeiro: Brasport, 2009. 536p.

CARVALHO, A.; et al. **Aprendendo Metodologia Científica**. São Paulo: O Nome da Rosa, p. 11- 69. 2000.

CARVALHO, A. M. A.; KAVANO, E. A. Justificativas de opção por área de trabalho em Psicologia: Uma análise da imagem da profissão em psicólogos recém-formados. **Psicologia**, v. 8, n. 3, p. 1-18. 1982. Disponível em: <<https://psycnet.apa.org/record/1985-18420-001>>. Acesso em 28/08/2018.

_____. "Atuação psicológica". **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 4, n. 2, p. 7-9, 1984. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931984000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 29 de abril de 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98931984000200003>.

CARVALHO, C. C., et al. Uma abordagem histórica da Psicologia nos cursos de formação de professores. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, n. 51, set./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v-17n51/11.pdf>>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2019.

CASTRO, A.E.F.; YAMAMOTO, O.H. A Psicologia como profissão feminina: apontamentos para estudo. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal, v. 3, n. 1, p. 147-158, jun. 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X1998000100011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 10 de fevereiro de 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X1998000100011>.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Quem são as psicólogas brasileiras? **Brasília: CFP**, 2012. Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2013/03/Uma-profissao-de-muitasediferentesmulheresresultadopreliminar-da-pesquisa-2012.pdf>>. Acesso em: 25 de agosto de 2019.

_____. Psicologia: Uma profissão de muitas e diferentes mulheres. **Brasília: CFP**, 2013. Disponível em:< https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2014/01/Publica%C3%A7%C3%A3o_Mulher_FINAL_WEB.pdf> Acesso em: 25 de agosto de 2019.

_____. Ano da formação em Psicologia: Revisão das diretrizes curriculares nacionais para os cursos de Psicologia. **CFP**, Brasília, 2018. Disponível em: < <http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2018/01/cartilha-Ano-da-Forma%C3%A7%C3%A3o-em-Psicologia.pdf>>. Acesso em dezembro de 2018.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA. CRP-SP. A valorização profissional depende de cada um de nós. **CRP, Jornal Edição 129**, São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.crsp.org.br/portal/comunicacao/jornal_crp/129/frames/fr_orientacao.aspx>. Acesso em 29 de abril de 2019.

_____. O avanço da profissão do psicólogo. 2018. Disponível em: < http://www.crsp.org.br/portal/comunicacao/jornal_crp/172/frames/fr_avancos.aspx> Acesso em: 3 de fevereiro de 2019.

CHAUÍ, M. Sociedade, Universidade e Estado: autonomia, dependência e compromisso social. Seminário: Universidade: Por que e como reformar. Acessoria de Comunicação Social do Ministério da Educação. **MEC/SESu**, ag., 2003. Disponível em: <<http://firgoa.usc.es/drupal/files/MarilenaChaui.pdf>>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2018.

CHAMON, E. M. Q. O. **Representação Social da pesquisa pelos doutorandos em ciências exatas**. Estudos e Pesquisas em Psicologia, Rio de Janeiro, Ano 6, n. 2, p. 21-33, jul. 2006.

_____. **Gestão e comportamento humano nas organizações**. Rio de Janeiro: Brasport, 2007.

_____. Representação social da pesquisa e da atividade científica: um estudo com doutorandos. **Estud. psicol. (Natal) [online]**. vol.12, n.1, p.37- 46.2007. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X20070001000-05>>. Acesso em: 17 de setembro de 2017.

_____. GUARESCHI, P. A.; CAMPOS, P. H. F. Apresentação. In: Edna Querido. GUARESCHI, Pedrinho Arcides. CAMPOS, Pedro Faria. **Textos e Debates em Representações Sociais**. Porto Alegre: ABRAPSO, p. 7-16, 2014.

CRUZ, R. M. Competências Científicas e Profissionais e Exercício Profissional do Psicólogo. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Santa Catarina, v. 36 n. 2, p. 251-254., abr.-jun., 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v36n2/1982-3703-pcp-36-2-0251.pdf>>. Acesso em: 18 de fevereiro de 2018.

DAMASCENO, N.F.P. Formação em Psicologia: O processo histórico e a análise de um projeto político pedagógico. **Interfaces Educação**, Paranaíba, v.7, n.21, p.243-264, 2016. Disponível em: <<http://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/download/1104/1189>>. Acesso em: 4 de fevereiro de 2019. <http://doi.org/10.26514/inter.v7i21.1104>

DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y.A. **Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DESSEN, M. A.; JUNIOR, A. L. C. **A ciência do desenvolvimento humano. Tendências atuais e perspectivas futuras**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2005. 267p.

DIAS, M.S.L.; SOARES, D.H.P. A escolha profissional no direcionamento da carreira dos universitários. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 32, n. 2, p. 272-283, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932012000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 27 de agosto de 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932012000200002>.

DOURADO, A.M., et al. Experiências de estudantes de Psicologia em oficinas de desenvolvimento da escuta. **Rev. Abordagem Gestalt**. Goiânia (GO), v. 22, n. 2. p. 209-218, dez. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672016000200013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2019.

ENRIQUEZ, E. O trabalho, essência do homem? O que é o trabalho?. **Cad. psicol. soc. trab.**, São Paulo, v. 17, n. spe, p. 163-176, jun. 2014. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172014000100017&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 03 de fevereiro de 2019. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v17ispe1p163-176>.

ENS, R.T., et al. **Trabalho do professor e saberes docente**. 2. Ed. Curitiba: Champagnat, 2012.

FACHIN, C.D.; ORZECOWSKI, S.T. A orientação profissional frente aos desafios da escolha profissional dos alunos de ensino médio público. **Caderno PDE (Versão online)**, Unicentro, Pitanga (PR), v. 2, p. 1-51, 2014. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_unicentro_ped_pdp_cleuza_danielo.pdf>. Acesso em: de 24 de agosto de 2018.

FELDMAN, R. S. **Introdução à Psicologia**. 10ª Edição. AMGH Editora e Artmed. 2015. 647p.

FERREIRA, S.R.S.; BRUM, J.L.R. As Representações Sociais e suas contribuições no campo da saúde. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v.20, n. esp., p.5-14, 2000. Disponível em: < <https://seer.ufrgs.br/RevistaGauchadeEnfermagem/article/viewFile/4323/2282>>. Acesso em: 24 de agosto de 2018.

FERRETTI, C. J. **A mulher e a escolha vocacional**. Caderno de pesquisa. São Paulo, p. 20-40. 1976.

FOUCAULT, M. **História da loucura na idade clássica**. 8ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

FREUD, S. **O essencial da Psicologia (1856-1939)**. São Paulo: Hunter Books, 2016.

_____, S. Sobre o narcisismo: **uma introdução**. Ed.Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FUVEST. **Fundação para o vestibular**, 2016. Disponível em: < <http://www.usp.br/impressa/?p=53735>> Acesso em: 03 de fevereiro de 2018.

GIL, A. C. O psicólogo e sua ideologia. **Psicol. cienc. prof.**, v. 5, n. 1, p. 12-17, 1985. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931985000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25 de agosto de 2019.

GOMES, A. Uma ciência do psiquismo é possível? A psicologia empírica de Kant e a possibilidade de uma ciência do psiquismo. **Rev. Dep. Psicol.**, UFF, Niterói, v. 17, n. 1, p. 103-111, jun. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-80232005000100008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 3 de fevereiro de 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-80232005000100008>

GOMES, W. B. A relevância da pesquisa na formação do psicoterapeuta: autonomia e qualificação profissional. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 3, n. 1, p. 83-93, abr. 1995. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1995000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 5 de março de 2018.

GONDIM, S.M.G.; MAGALHÃES, M.O.; BASTOS, A.V.B. **Escolha da profissão: as explicações construídas pelos psicólogos brasileiros**. Porto Alegre: Artmed. 2010. p. 66-84.

GOUVEIA, R. Processos de Influência Social. In: CAMINO, L.; TORRES, A. R. R.; LIMA, M. E. O.; PEREIRA, M. E. (orgs.). **Psicologia Social: Temas e Teorias**. 2. Ed. Brasília: Technopolitik, 2013. p. 241-266.

GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. **Textos em Representações Sociais**. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 17-24.

GUEDES, O.S.; DAROS, M.A. O cuidado como atribuição feminina: contribuições para um debate ético. **Serv. Soc. Rev.**, Londrina, v. 12, n.1, p. 122-134, jul.- dez. 2009. Disponível em: < <http://www.uel.br/revistas/uel/.php/ssrevista/article/viewFile/10053/8779>>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2019.

GUNDERMAN, R. B. The Secret of Vocation. **Journal of the American College of Radiology**, v. 10, n° 7, p.544-545, 2013.

HERNANDES, M. L. A.; SOUSA, A. A. Satisfação no trabalho e desafios encontrados por psicólogos organizacionais que atuam em organizações privadas. **Gerais, Rev. Interinst. Psicol.**, Juiz de Fora, v. 8, n. 2, p. 359-372, dez. 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202015000300006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 21 de dezembro 2018.

IGUE, E.A.; BARIANI, I.C.D.; MILANESI, P.V.B. Vivência acadêmica e expectativas de universitários ingressantes e concluintes. **Psico-USF (Impr.)**, Itatiba, v. 13, n. 2, p. 155-164, dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712008000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 de março de 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-82712008000200003>.

IMIANOWSKY, A. G. A Psicologia entre propostas de formação desde uma perspectiva histórica. 2014. 101 f. **Dissertação (Mestrado em Psicologia)** - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/17072>>. Acesso em: 18 de fevereiro de 2018.

JESUÍNO, J. C. Um conceito reencontrado. In: ALMEIDA, A. M.; SOUZA SANTOS, M. F.; TRINDADE, Z. A. (Orgs.). **Teoria das Representações Sociais: 50 anos**. Brasília: Technopolitik, p. 33-57. 2011. Disponível em: <<http://www.technopolitik.com.br/downloads/files/TRS%2050%20anos2aEdAbr17PDFsRp.pdf>>. Acesso em 25 de agosto de 2019.

JODELET, D. Representações Sociais: **um domínio em expansão**. Editora da Uerj. Rio de Janeiro, 2001. p. 31-61.

_____. **Loucuras e Representações Sociais**. Petrópolis: Vozes, p. 13-25. 2005.

JUNIOR, N. S.; ZANGARI, W. **A Psicologia e a questão do hífen**. São Paulo: Blucher, 2017. 284p.

JUSTO, A. M.; CAMARGO, B. V. Estudos qualitativos e o uso de softwares para análises lexicais. **Caderno de artigos: X SIAT & II Serpro**, Duque de Caxias (RJ) - Duque de Caxias: Universidade do Grande Rio “Professor José de Souza Herdy” – UNIGRANRIO, p. 37-54, 2014. Disponível em: <https://lageres.wordpress.com/>. Acesso em: 26 de abril de 2018.

JOVCHELOVITCH, S. Representações sociais: para uma fenomenologia dos saberes sociais. **Psicologia & Sociedade**, São Paulo, v. 1 n. 10, p. 54-68, 1998.

KRAUSE, M. Social representations of psychological problems: Contents and transformations. **Social Science Information**, v. 4, n.41(4), p. 603-623. 2002. Disponível em: < <https://doi.org/10.1177%2F0539-018402041004006>>. Acesso em: 26 de abril de 2019.

KRAWULSKI, E. Construção da identidade profissional do psicólogo: vivendo as “metamorfozes do caminho” no exercício cotidiano do trabalho. **Tese (Doutorado)**, Programa de Pós-Graduação em Ergonomia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 207p. 2004. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/86913>>. Acesso em: 5 de fevereiro de 2019.

LAHM, C.R.; BOECKEL, M. G. Representação social do psicólogo em uma clínica-escola do município de Taquara/RS. **Contextos Clínicos**, São Leopoldo (RS), v. 1, n. 2, p. 79-92, jul.- dez. 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.unisinos.br/index.php/contextosclinicos/article/view/5481>> Acesso em: 29 de agosto de 2019.

LÁZARO, C. S.; OLIVEIRA, F. A. L.; MARQUES, T. M. Motivos de escolha do curso de Psicologia: Comparação da percepção inicial e ao término do curso. Em Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto (Org.), **Resumos de comunicações científicas**, XVI Reunião Anual de Psicologia da SPRP, p. 135. 1986.

LEITE, W.R. et al. Análise das expectativas do psicólogo recém-formado. **Encontro: Revista de Psicologia**, v. 21, n.14 (21), p. 105-125, 2011. Disponível em: <<https://revista.pgsskroton.com/index.php/renc/article/viewFile/2498/2392>>. Acesso em 24 de fevereiro de 2018.

LEME, M. A.V.S.; BUSSAB, V.S.R.; OTTA, E. A representação social da Psicologia e do psicólogo. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 9, n. 1, p. 29-35, 1989. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931989000100009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98931989000100009>.

LIMA, R. S. A história de uma crise: Confrontos no campo da Psicologia social. **Anais do XIV Encontro Nacional da ABRAPSO**, 2009. Disponível em: <http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/anexos/AnaisXIVENA/conteudo/html/sessoes/2888_sessoes_resumo.htm>. Acesso em: 3 de fevereiro de 2019.

LINS, L.F.T.; et al. Formação em psicologia: perfil e expectativas de concluintes do interior do estado de Rondônia. **Gerais, Rev. Interinst. Psicol.**, Juiz de fora (MG), v. 8, n. 1, p. 49-62, jun. 2015. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202015000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 de fevereiro de 2018.

LISBOA, M.D.; SOARES, D.H.P. **Orientação profissional em ação** – Formação e prática de orientadores. São Paulo: Summus, 2017.

LOPUKHOVA, O. G.; Dynamics of Psychology Students ’ “ Image of A Psychologist ” Conception During Education. **Procedia - Social and Behavioral Sciences**, v. 159, p. 120-124, 2014.

LUCCHIARI, D.H.P.S. **Pensando e vivendo a orientação profissional**. São Paulo: Summus Editorial, 1993.

MAGALHÃES, M.; STRALIOTTO, M.; KELLER, M. G. Eu quero ajudar as pessoas: a escolha vocacional da psicologia. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 21, n. 2, p. 10-27,

jun. 2001. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932001000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20 de abril de 2018.
<http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932001000200003>.

MARINHO- ARAÚJO, C. M. Psicologia escolar: pesquisa e intervenção. **Em Aberto**, Brasília, v. 23, n. 83, p. 17-35, mar. 2010. Disponível em:

<<http://www.rbep.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view-File/2249/2216>>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2019.

MARTIN-BARÓ, I. O papel do psicólogo. **Estudos de Psicologia**, v.1, n. 2, p. 7-27, 1996. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v2n1/a02v2n1.pdf> >. Acesso em: 28 de abril de 2019.

MARTINS, K.F.B. Territórios da loucura. **Dissertação (Mestrado em Psicologia)** - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 96p., 2013. Disponível em: < <https://tede-2.pucsp.br/handle/handle/15264>>. Acesso em 20 de abril de 2019.

MARKOVA, I. A fabricação da teoria de representações sociais. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v. 47, n. 163, p. 358-375, mar. 2017. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742017000100358&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 4 de fevereiro de 2019.
<http://dx.doi.org/10.1590/198053143760>.

MATOS, M. N.; LIMA, M. As Contribuições da Formação em Bacharelado Interdisciplinar para o Processo de Escolha Profissional em Psicologia. **Psicol. Ensino & Form.**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 5-17, 2016. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-20612016000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 21 de dezembro de 2018.
<http://dx.doi.org/10.21826/2179-5800201672517>.

MAZER, S. M.; SILVA, L. L. M. Identidade profissional do Psicólogo: uma revisão da produção científica no Brasil. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 30, n. 2, p. 276-295, jun. 2010. Disponível em

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932010000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 28 de setembro de 2018.

MEIRA, C.H.M.G.; NUNES, M.L.T. Psicologia clínica, psicoterapia e o estudante de psicologia. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v. 15, n. 32, p. 339-343, dez. 2005. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2005000300003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2019.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2005000300003>.

MELO, F.R. Mulheres da grande depressão: a itinerância das representações femininas e maternas no romance e filme **as vinhas da ira** - Estados Unidos (1930-1940). Curitiba 253p., 2017. Disponível em: < <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/47-941/R%20%20D%20%20FLAVIA%20DA%20ROSA%20MELO.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 3 de fevereiro de 2019.

MICHENER, H. A. et al. **Psicologia social**. São Paulo, SP: Pioneira Thomson Learning. 2005.

MINAYO, M.C.S. O desafio do conhecimento: **Pesquisa qualitativa em saúde**. 9ª ed. Revista e aprimorada. São Paulo: Hucitec; 1996.

MIOTTO, M.L. A Psicologia entre o 'Longo Passado' e a 'curta história'. **Dissertatio**, v. 47, p. 95-134, 2018. Disponível em: < <https://philarchive.org/archive/LUIAPEv1> > Acesso em: 10 de fevereiro de 2019.

MORAES, M. A. B. O problema mente-corpo na Psicologia fenomenológica de Edith Stein: implicações para uma fundamentação da ciência psicológica. **Dissertação (mestrado)** - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 212p., 2016. Disponível em: <<http://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/17566/1/ProblemaMenteCorpoPsicologia.pdf>>. Acesso em: 18 de fevereiro de 2018.

MORANT, N.; ROSE, D. **Loucura, multiplicidade e alteridade**. In A. Arruda (Org.), Representando a alteridade. Petrópolis: Vozes, 129-148. 2002.

MORE, C.O.O.; LEIVA, A.C.; TAGLIARI, L.V. A representação social do psicólogo e de sua prática no espaço público-comunitário. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v. 11, n. 21, p. 85-98, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2001000200010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 de maio de 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2001000200010>.

MORERA, J. A. C.; PADILHA, M. I.; SILVA, D. G.V.; SAPAG, J. Aspectos teóricos e metodológicos das Representações Sociais. **Texto Contexto Enferm.**, Florianópolis, v. 4, n. 24, out-dez, p. 65-1157. 2015. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/tce/v24n4/pt_0104-0707-tce-24-04-01157.pdf>. Acesso em: 07 de agosto de 2019.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. 1.ed. Zahar. Rio de Janeiro, 1978.

_____. **Das Representações coletivas às Representações Sociais: elementos para uma história**. In: D. JODELET (ed.). Rio de Janeiro: EDUERJ, p. 45-66. 2001.

_____. Representações sociais: **Investigações em Psicologia Social**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

_____. Representações Sociais: **Investigações em Psicologia Social**. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009

_____. Representações Sociais: **Investigações em Psicologia Social**. 11ª edição. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. **A psicanálise, sua imagem e seu público**. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. Representações sociais: **Investigações em Psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2015.

NAPOLEAO EUFRAZIO, W.; GOMES, A.; KATSURAYAMA, M. A visão dos universitários sobre o papel do psicólogo: uma representação social. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 232-242, 2014. Disponível em

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682014000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 5 de fevereiro de 2019.
<http://dx.doi.org/DOI-10.5752/P.1678-9523.2014v20n2p232>.

NEIVA, K.M.D. **Processos de escolha e orientação profissional**. 2º ed. São Paulo: Vetor, 2013.

NEÓFITI, R.C.; PINTO, D.C.M. Fundamentos conceituais da Psicologia Humanista: Autoconhecimento e liberdade na filosofia existencial. 108f. **Dissertação de graduação em Psicologia**. Universidade Federal de São Carlos, 2005. Disponível em:
<<http://www.ufscar.br/~bdsepsi/208a.pdf>>. Acesso em: 26 de junho de 2019.

NÓBREGA, D. O.; ANDRADE, E.R.G. Entre grifos, esboços e rasuras: as Representações Sociais de psicólogo para estudantes de Psicologia. **Psic. Rev.**, São Paulo, V.26, n. 1, p. 143-168, 2017. Disponível em:
<<https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/28936/23333>>. Acesso em: 26 de janeiro de 2018.

_____. Representações sociais de psicólogo: imagens em movimento na formação profissional. 441f. Tese (**Doutorado em Educação**) - Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017. Disponível em:
<<https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/24368>>. Acesso em: 26 de janeiro de 2018.

PAPARELLI, R. B.; NOGUEIRA-MARTINS, M.C.F. Psicólogos em formação: vivências e demandas em plantão psicológico. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 27, n. 1, p. 64-79, mar. 2007. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932007000100006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 de abril de 2019.
<http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932007000100006>.

PACHECO, J. G. Representação sociais da loucura e práticas sociais: **o desafio cotidiano da desinstitucionalização**. 393f. Tese (**Doutorado em Psicologia Social**) - Universidade de Brasília – Instituto de Psicologia, 2011. Disponível em:
<http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/1019-4/1/2011_JulianaGarciaPacheco.pdf>
Acesso em: 30 de abril de 2019.

PEIXOTO, A. C.S.; FONSECA, H.O, OLIVEIRA R.M.S.R. Ancoragem. **Cadernos cespuc. [periódico na internet]**. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas, n. 23, 2013. Disponível em:
<<http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/article/view/8297/7178>>
Acesso em: 30 de abril de 2019.

PEREIRA, F.M.; NETO, A.P. O psicólogo no Brasil: Notas sobre seu processo de profissionalização. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, n. 2, p. 19-27, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/pe/v8n2/v8n2a02.pdf>>. Acesso em: 05 de março de 2018.

PIMENTA, S. G. Orientação vocacional e decisão: **estudo crítico da situação do Brasil**. 2 ed. São Paulo: Ed. Loyola, 1981.

PIMENTEL, R.G. “E agora, José?”: jovens psicólogos recém-graduados no processo de inserção no mercado de trabalho na região da grande Florianópolis. **Dissertação (mestrado)** - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 93p., 2007. Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/90538>>. Acesso em 10 de fevereiro de 2019.

PINHEIRO FILHO, F. A noção de representação em Durkheim. **Lua Nova**, São Paulo, n. 61, p. 139-155, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010264452004000100008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 29 de janeiro de 2018.

PIRES, L. H. S. Formação do psicólogo: perspectivas de alunos de um curso de graduação. 267f. **Dissertação (Mestrado em Psicologia)** - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-26082008-160547/pt-br.php>>. Acesso em: 27 de dezembro de 2018.

PRAÇA, K.B.D.; NOVAES, H.G.V. A representação social do trabalho do psicólogo. **Psicologia ciência e profissão**, v. 2, n. 24, p. 32-47, 2004. Disponível em: <<http://pepsic.bvsa-lud.org/pdf/pcp/v24n2/v24n2a05.pdf>>. Acesso em: 18 de fevereiro de 2019.

PRADELLA, L.C.C.C. **Fatores que interferem na escolha profissional e o conceito de vocação**. São Carlos, Universidade de São Paulo, 2015.

PROST, A. **Doze lições sobre história**. Belo Horizonte: Authentica, 2008.

QUADROS, E. A. **Psicologia e Desenvolvimento Humano**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

RAMÍREZ, L. N. R.; RAMOS, C. L. S; Aprendiendo a ser psicólogo: transiciones identitarias en el aula universitaria. **Revista de la educación superior**, v.45, n 179, p. 41-53, 2016.

RECHTMAN, R.; BOCK, A. M. B. Formação do Psicólogo para a Realidade Brasileira: Identificando Recursos para Atuação Profissional. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 35, e3551, 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722019000100600&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 de fevereiro. <http://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e3551>.

_____. O futuro da psicologia brasileira: uma questão de projeto político. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, v. 1, n. 4, p. 69-77, 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.17267/2317-3394rpsds.v4i1.578>>. Acesso em: 5 de março de 2018.

RIEMENSCHNEIDER, F. Buscando a cura pelo conhecimento: Imaginário de estudantes sobre o curso de Psicologia. 175f. **Tese (Doutorado em Psicologia)** - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2015. Disponível em:

<<http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/handle/tede/468>>. Acesso em: 13 de março de 2018.

ROSA, Guimarães. Grande sertão: **veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

ROSEMBERG, F. Afinal, por que somos tantas psicólogas? **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 4, n. 1, p. 6-12, 1984. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931984000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25 de agosto de 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98931984000100002>.

SÁ, C. P. Representações Sociais: **O Conceito e o Estado Atual da Teoria**. In Spink, M.J. O Conhecimento no Cotidiano. São Paulo: Brasiliense, 1993.

ROCHA, L. F. Teoria das Representações Sociais: a ruptura de paradigmas das correntes clássicas das teorias psicológicas. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v. 34, n. 1, p. 46-65, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932014000100005>. Acesso em: 06 de agosto de 2019.

SANCHES, M.A.C. Escolha, motivos e expectativas de acadêmicos de Psicologia quanto a profissão: Uma perspectiva Psicoeducacional. 140f. **Dissertação (Mestrado em Educação)** - Universidade Estadual de Londrina, 1999. Disponível em: <<http://www.bdae.org.br/bitstream/123456789/1227/1/tese.pdf>>. Acesso em: 29 de abril de 2019.

SALLES, Ana Cristina Teixeira da Costa. **Reverso**. Belo Horizonte, v. 32, n. 59, p. 93-9, 2010 Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952010000100012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 04 fevereiro 2019.

SANTOS, A. **Gênero em Processos de Orientação Profissional**. 206f. **Tese (Doutorado em Psicologia)** - Universidade de São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.te-ses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-05092012-095643/en.php>>. Acesso em: 18 de fevereiro de 2019.

SANTOS, A. G.; VALENTE, J.A.S. Fundamentos epistemológicos de Representações Sociais em dissertações na área de educação em ciências. **Revista de Educação em Ciências e Matemáticas**, v.8, n. 16, p.174 -185 jan. – jun., 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.18542/amazrecm.v8i16.1667>>. Acesso em 3 de fevereiro de 2018.

SANTOS, B. S.; ALMEIDA FILHO, N. Universidade no século XXI: Para uma Universidade Nova. **Universidade de Coimbra**, out. 2008. 260p. Disponível em: <<https://eg.uc.pt/bitstream/10316/12122/1/A%20Universidade%20no%20Seculo%20XXI.pdf>>. Acesso em: 3 de fevereiro de 2019.

SANTOS, G. T.; DIAS, J.M.B. Teoria das Representações Sociais: uma abordagem sociopsicológica. **Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**, Macapá, v. 8, n. 1, p. 173-187, jan.-jun. 2015.

SANTOS, K. R.; MONTEIRO, L. G.; TORRES, M.L.C.; SOUSA, L. G.; COELHO, A. R. Perfil dos Psicólogos Inscritos na Subsede Leste do CRP-04. **Psicol. cienc. prof.**,

Brasília, v. 34, n. 4, p. 864-878, dez. 2014. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932014000400864&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 de maio de 2019.
<http://dx.doi.org/10.1590/1982-370000162013>.

SANTOS FILHO, R. Noções de competência: possíveis evidências. **Revista Educação por escrito** – PUCRS, Rio Grande do Sul, v. 2, n. 2, p. 33-47, 2012. Disponível em:
<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/porescrito/article/viewFile/9190/7463>>. Acesso em: 3 de fevereiro de 2019.

SANTOS, W. Expectativas de estudantes de Psicologia em relação a seu futuro trabalho profissional. **Dissertação (mestrado)** - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 95p., 2004. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFS-C_a8f7edb541a42ba82fd05f10eb5993f4>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2018.

SARTORI, N.R. Representações Sociais sobre o “louco” e a “loucura”: concepções e práticas de profissionais da atenção básica. **Tese (Doutora em Ciências)** – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, 134p., 2015. Disponível em: <<http://www.teses.u-sp.br/teses/disponiveis/22/22131/tde-01022016-153145/pt-br.php>>. Acesso em: 05 de maio de 2019.

SAWAIA, B.B. **Representação e ideologia**. In SPINK, M.J (Org) O Conhecimento no cotidiano: as Representações Sociais na perspectiva da Psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SCHLOSSER, A. ; ROSA, G.F.C. Representações Sociais de acadêmicos de Psicologia acerca da loucura. **PSI UNISC**, Santa Cruz do Sul, v. 1, n. 1, p. 60-73, jul.-dez. 2017. Disponível em : <<https://onli-ne.unisc.br/seer/index.php/psi/article/view/9541/7078>> Acesso em: 28 de agosto de 2019.

SCHULTES, M.; KOLLMAYER, M.; MEJEH, M.; SPIEL, C.; Attitudes toward evaluation: An exploratory study of students’ and stakeholders’ social representations. **Evaluation and Program Planning**, v. 70, p. 44-50, 2018.

SERPA, H.S.; MELLO, M. B. As Representações Sociais sobre escolha profissional na adolescência. **Dissertação (Mestrado)** – Universidade Católica de Petrópolis (RJ), 2003. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/123456789/2004>>. Acesso em: 13 de agosto de 2018.

SILVA, A.L.P.; SOARES, D.H.P. A orientação profissional como rito preliminar de passagem: sua importância clínica. **Psicologia em estudos**, Maringá, v. 6, n.2, p. 115-121, jul.- dez.2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v6n2/v6n2a16.pdf>>. Acesso em: 27 de agosto de 2018.

SILVA, A.L.; RIBEIRO, J.D.S.; LINHARES, Z.S.S.A. A formação em Psicologia: um estudo sobre as representações sociais dos ingressantes do curso de Psicologia da Faculdade Santo Agostinho – Teresina-PI sobre sua escolha profissional e as interfaces com a proposta curricular da IES. **Rev. FSA**, Teresina, v.3, n.1, jan.- dez. 2006. Disponível em:
<http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/2006.gt15/GT15_2006_02.PDF>. Acesso em: 07 de março de 2018.

SILVA, A.L.S.; LIMA, N.C.P. O perfil do Ingressando do curso de Psicologia: O reflexo da mudança do sistema pedagógico do ensino médio para o ensino superior. **Monografia (Graduação em Psicologia)** – Centro Universitário Católico Salesiano Axilium, Lins (SP), 68p., 2016. Disponível em: <<http://www.unisalesiano.edu.br/biblioteca/monografias/60-275.pdf>>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2019.

SILVA, C.R.; GOBBI, B. C.; Simão, A. A. O uso da análise de conteúdo como uma ferramenta para a pesquisa qualitativa: descrição e aplicação do método. **Organ. rurais agroind.**, Lavras, v. 7, n. 1, p. 70-81, 2005. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/878/87817147006/>>. Acesso em: 18 de fevereiro de 2018.

SILVA, C.V.P. Psicologia Latino-Americana: Desafios e Possibilidades. **Psicologia: Ciência e profissão**, Brasília, v. 33, p. 32-41, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v33nspe/v33speca05.pdf>>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2018.

SILVA, L. Representação Social da Psicologia enquanto ciência e profissão em alunos do primeiro semestre do Curso de Psicologia da Universidade São Marcos. **Interações**, v. 10, p. 111-144, 2000. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=35401007>>. Acesso em: 13 de março de 2018.

SOARES, A.R. A Psicologia no Brasil. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 30, n. spe, p. 8-41, dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932010000500002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 03 de fevereiro de 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932010000500002>.

SOARES, D.H.P. **A escolha profissional** – Do jovem ao adulto. São Paulo: Summus, p. 44-204. 2002.

SOUZA FILHO, M. L.; OLIVEIRA, J.S.C.; LIMA, F.L.A. Como as pessoas percebem o psicólogo: um estudo exploratório. **Paidéia**, v.34, n. 16, p. 253-261. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v16n34/v16n34a13.pdf>>. Acesso em 13 de março de 2018.

SOUZA, L.C.G. As Representações Sociais da Psicologia: A Perspectiva dos ingressantes do curso de Psicologia. **Anais XV ENABRAPSO**, 2007. Disponível em: <http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/63.%20forma%20C7%20C3o%20profissional%20em%20psicologia%20social%20-%20um%20estudo%20sobre%20os%20interesses%20dos%20estudantes%20pela%20C1rea..pdf>. Acesso em: 24 de abril de 2019.

SPINK, M.J.P. O conceito de representação social na abordagem psicossocial. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 300-308, set. 1993. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-

311X1993000300017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 08 de outubro de 2018.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X1993000300017>.

TAVEIRA, I.M.R. **Representações Sociais da qualidade de vida no trabalho**. Curitiba: CRV, 2013.

TRINDADE, Z. A.; SANTOS, M. F. de S.; ALMEIDA, A. M. O. Ancoragem: notas sobre consensos e dissensos. In: ALMEIDA, A. M.; SOUZA SANTOS, M. F.; TRINDADE, Z. A. (Orgs.). **Teoria das Representações Sociais: 50 anos**. Brasília: Technopolitik, p. 101-121, 2011.

USAGI, D.; NICULESCU, M. R.; Centred learning strategies in initial training of psychologists. **Procedia - Social and Behavioral Sciences**, v. 33, p. 553-557, 2012.

VALA, J. Representações Sociais e Psicologia Social do Conhecimento do Quotidiano. In.: VALA, Jorge; Monteiro, Maria Benedicta (coordenadora). **Psicologia Social**. 4 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbeinkian, 2000.

VARGAS, J.M.; ZAMPIERI, A.C.B. As expectativas dos estudantes de psicologia sobre a atuação profissional no mercado de trabalho. In: **I Mostra de Iniciação Científica do Curso de Psicologia da FSG**, v.1, n.1, p. 275-290, 2014. Disponível em: <<http://ojs.fsg.br/index.php/ampsic/article/view/1402/pdf>>. Acesso em: 07 de março de 2018.

VIEIRA, E. M.; XIMENES, V. M. Conscientização: em que interessa este conceito à Psicologia. **Psicologia Argumento**, v. 26, n. 52, p. 23-33, 2008. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/pa?dd1=1981&dd99=view&dd98=pb>>. Acesso em: 18 de fevereiro de 2018.

VIEIRA, S.I.S. **Orientação profissional: limites e possibilidades para uma prática possível na escola**. 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1426-6.pdf>>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2019.

VILLA BÔAS, L.P.S. Teoria das Representações Sociais e o conceito de emoção: diálogo possíveis entre Erge Moscovici e Humberto Maturana. **Psic. da Ed.**, São Paulo, v. 19, p. 143-166, 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141469752004000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 4 de fevereiro de 2019.

VOSGERAU, D. S. R.; POCRIFKA, D. H. e SIMONIAN, M. Associação entre a técnica de análise de conteúdo e os ciclos de codificação: possibilidades a partir do software ATLAS.ti. **RISTI**, Porto, n. 19, p. 93-106, set. 2016. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1646-98952016000300008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 28 de setembro de 2017.
<http://dx.doi.org/10.17013/risti.19.93-106>.

WACHELKE, J. F. O vácuo no contexto das Representações Sociais: uma hipótese explicativa para a representação social da loucura. **Estudos de Psicologia**, Florianópolis (SC), v. 2, n. 10, p. 313-320, 2005. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2005000200019>
Acesso em: 26 de abril de 2019.

WEBER, L. N. D.; BOTOMÉ S. P.; REBELATTO, J. R. Psicologia: definições, perspectivas e desenvolvimento. **Psicologia Argumento**, v. XIX, p. 9-28. 1996.

XAVIER, R. Representação social e ideologia: conceitos intercambiáveis. **Psicol. Soc. [online]**, vol.14, n.2, p.18-47, 2002. Disponível em:
<www.scielo.br/pdf/psoc/v14n2/v14n2a03.pdf>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2018.

YAMAMOTO, O.H.; COSTA, A.L.F. **Escritos sobre a profissão de psicólogo no Brasil**. Natal, NT: EDUFRRN, 2010.

_____; FALCÃO, J.T.; SEIXAS, P.S. QUEM É O ESTUDANTE DE PSICOLOGIA DO BRASIL? **Avaliação Psicológica [Internet]**, v. 3, n. 10, p. 209-232, 2011. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=335027287002>>. Acesso em: 13 de março de 2018.

_____; OLIVEIRA, I.F. Política social e Psicologia: Uma trajetória de 25 anos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26, n. esp., p. 9-24, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v26nspe/a02v26ns.pdf>>. Acesso em: 3 de fevereiro de 2019.

ZANELLI, J. C. Formação e atuação do psicólogo organizacional: uma revisão da literatura. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 3, n. 1, p. 95-107, abr. 1995. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1995000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2018.

ZANATTA, J. A.; COSTA, M. L. Um passeio pelo caminho das representações sociais. **Psicólogo inFormação**, v.18, n.18, p. 119-135. 2014. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/PINFOR/article/download/6137/4956>>. Acesso em: 25 de agosto de 2019.

ZILLOTTO, D.M.; BENVENUTTI, J.; MATIELLO, M.; PEIL, S. Concepções e expectativas de estudantes de Psicologia sobre a futura profissão. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 1, n. 7, p. 82-92. 2014. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v7n1/v7n1a08.pdf>>. Acesso em: 30 de abril de 2019.

ANEXO I – TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

Eu, Kelly Lima Gama Ruchdeschel, pesquisadora responsável pelo projeto de pesquisa intitulado Representações Sociais sobre a profissão do psicólogo para ingressantes do curso de graduação em Psicologia, **comprometo-me dar início a este projeto somente após a aprovação do Sistema CEP/CONEP (em atendimento ao Artigo 28, parágrafo I da Resolução 510/16 e XI.2 item A ou da Resolução 466/12).**

Em relação à coleta de dados, eu pesquisadora responsável, asseguro que o caráter de anonimato dos participantes desta pesquisa será mantido e que as suas identidades serão protegidas.

As fichas clínicas e/ou outros documentos não serão identificados pelo nome.

Manterei um registro de inclusão dos participantes de maneira sigilosa, contendo códigos, nomes e endereços para uso próprio.

Os Termos assinados pelos participantes serão mantidos em confiabilidade estrita, juntos em um único arquivo, físico ou digital, sob minha guarda e responsabilidade por um período mínimo de 05 anos.

Asseguro que os participantes desta pesquisa receberão uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; Termo de Assentimento (TA, quando couber), Termo de Uso de Imagem (TUI, quando couber) e TI (Termo Institucional, quando couber).

Comprometo-me apresentar o relatório final da pesquisa, e os resultados obtidos, quando do seu término ao Comitê de Ética - CEP/UNITAU, via Plataforma Brasil como notificação.

O sistema CEP-CONEP poderá solicitar documentos adicionais referentes ao desenvolvimento do projeto a qualquer momento.

Estou ciente que de acordo com a Norma Operacional 001/2013 MS/CNS 2.2 item E, se o Parecer for de pendência, terei o prazo de 30 (trinta) dias, contados a partir da emissão na Plataforma Brasil, para atendê-la. Decorrido este prazo, o CEP terá 30 (trinta) dias para emitir o parecer final, aprovando ou reprovando o protocolo.

Taubaté, 29/03/2018

Kelly Lima Gama Ruchdeschel:



ANEXO II - DECLARAÇÃO

Eu, **Kelly Lima Gama Ruchdeschel** pesquisadora responsável pelo Projeto de Pesquisa intitulado **Representação social sobre a profissão do psicólogo ingressantes do curso de graduação em Psicologia**, que tem por objetivo primário **identificar as Representações Sociais sobre a profissão do psicólogo para ingressantes do curso de graduação de Psicologia**, declaro que a declaração de infraestrutura, só será fornecida pela Universidade de Taubaté após aprovação do Comitê de Ética.

Comprometo-me a anexar a autorização na Plataforma Brasil em forma de notificação.

Taubaté, 29/03/2018

Kelly Lima Gama Ruchdeschel:

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'K. Gama', is written over a horizontal line.

ANEXO III – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE A PROFISSÃO DO PSICÓLOGO PARA INGRESSANTES DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Pesquisador: KELLY LIMA GAMA RUCHDESCHEL

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 88748318.9.0000.5501

Instituição Proponente: Universidade de Taubaté

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.784.645 **Apresentação do Projeto:**

Esta pesquisa tem como objetivo identificar as representações sociais sobre a profissão do psicólogo para ingressantes da graduação em Psicologia. A pesquisa será realizada com estudantes do 1º período do curso de Psicologia, com fundamento teórico-metodológico na Teoria das Representações Sociais, sendo considerada uma pesquisa qualitativa. Para a coleta de dados será realizada entrevista semiestruturada e aplicação de questionário sociodemográfico.

Objetivo da Pesquisa:

Identificar as representações sociais sobre a profissão do psicólogo para ingressantes do curso de graduação de Psicologia

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Adequada avaliação de riscos e benefícios.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Adequado.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Adequado.

Recomendações:

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté recomenda a entrega do relatório final ao término da pesquisa.

Continuação do Parecer: 2.784.645

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há.

Considerações Finais a critério do CEP:

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté, em reunião realizada no dia 20/07/2018, e no uso das competências definidas na Resolução CNS/MS 510/16, considerou o Projeto de Pesquisa: APROVADO.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_1101808.pdf	26/06/2018 22:31:35		Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	26/06/2018 22:27:17	KELLY LIMA GAMA RUCHDESCHEL	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.docx	18/05/2018 12:25:11	KELLY LIMA GAMA RUCHDESCHEL	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	18/05/2018 12:24:58	KELLY LIMA GAMA RUCHDESCHEL	Aceito
Outros	Modelo.pdf	20/04/2018 15:57:42	KELLY LIMA GAMA RUCHDESCHEL	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	DI.pdf	20/04/2018 15:26:57	KELLY LIMA GAMA RUCHDESCHEL	Aceito
Declaração de Pesquisadores	20180330005320263.pdf	29/03/2018 23:00:26	KELLY LIMA GAMA RUCHDESCHEL	Aceito
Orçamento	Orcamento.docx	29/03/2018 22:59:03	KELLY LIMA GAMA RUCHDESCHEL	Aceito
Folha de Rosto	20180330001907365.pdf	29/03/2018 22:43:20	KELLY LIMA GAMA RUCHDESCHEL	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

TAUBATÉ, 25 de julho de 2018

Assinado por:
José Roberto Cortelli
(Coordenador)

ANEXO IV - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O Sr (a) está sendo convidado (a) a participar da pesquisa “**AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE A PROFISSÃO DO PSICÓLOGO PARA INGRESSANTES DO CURSO DE PSICOLOGIA**”, sob a responsabilidade da pesquisadora **KELLY LIMA GAMA RUCHDESCHEL**. Nesta pesquisa pretendemos **identificar as Representações Sociais sobre a profissão do psicólogo para ingressantes do curso de Psicologia**.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de uma pesquisa qualitativa através de entrevista semiestruturada com 16 questões com os alunos do 1º semestre do curso de Psicologia. Sendo que a entrevista será gravada por mídia digital com duração máxima de 1 hora. A amostra será por acessibilidade aos estudantes.

Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa são mínimos, podendo se sentir desconfortável, inseguro ou não desejar fornecer alguma informação pessoal solicitada pelo pesquisador, por meio de entrevista. Com vistas a prevenir os possíveis riscos gerados pela presente pesquisa, aos participantes ficam-lhes garantidos os direitos de anonimato; de abandonar a qualquer momento a pesquisa; de deixar de responder qualquer pergunta que ache por bem assim proceder; bem como solicitar para que os dados por ele fornecidos durante a coleta não sejam utilizados. **Se você aceitar participar estará contribuindo** em oferecer aos participantes e à comunidade acadêmica maiores informações e conhecimentos acerca dos aspectos que compõem as Representações Sociais sobre a profissão do psicólogo para ingressantes do curso de Psicologia. Cabe aqui, ressaltar também, que pelo aspecto interdisciplinar que se pretende abordar no presente estudo, os conhecimentos gerados por meio da pesquisa poderão despertar o interesse de profissionais, instituições, pesquisadores e fundamentar estudos em outras áreas do conhecimento no que diz respeito ao presente objeto de pesquisa. Contudo, os principais benefícios do presente estudo poderão se apresentar somente ao final do mesmo, quando estiver concluído.

Para participar deste estudo o Sr (a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para recusar-se a participar e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo.

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão.

O (A) Sr (a) não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao senhor (a). Para qualquer outra informação o sr. (a) poderá entrar em contato com o pesquisador pelo telefone: (12) 982433301 (Inclusive ligações à cobrar), e-mail: kell_line@hotmail.com.

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UNITAU na Rua Visconde do Rio Branco, 210 – centro – Taubaté, telefone (12) 3635-1233, e-mail: cep@unitau.br.

Kelly Lima Gama Ruchdeschel



APÊNDICE A - OFÍCIO

Taubaté, ____ de ____ de 2018.

Prezada Diretora (a) do Departamento de Psicologia
Prof. Dra. Adriana Leonidas de Oliveira

Somos presentes a V. S. para solicitar permissão de realização de pesquisa pelo (a) aluno (a) KELLY LIMA GAMA RUCHDESCHEL, do Mestrado em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais da Universidade de Taubaté, trabalho a ser desenvolvido durante o corrente ano de 2017, intitulado **“REPRESENTAÇÃO SOCIAL SOBRE A PROFISSÃO DO PSICÓLOGO PARA INGRESSANTES DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA”**. O estudo será realizado com estudantes, sendo um da do 1º período no turno integral e noturno, sob a orientação das Profa. Dra. Alexandra Magna Rodrigues e Profa. Dra. Marilza de Terezinha Soares de Souza.

Para tal, será realizada uma entrevista semiestruturada por meio de um instrumento elaborado para este fim e participarão do estudo de 20 a 40 alunos. Será mantido o anonimato da instituição e dos participantes.

Ressaltamos que o projeto da pesquisa será enviado, após essa autorização, para análise e aprovação do Comitê de Ética em pesquisa da Universidade de Taubaté. Certos de que poderemos contar com sua colaboração, colocamo-nos à disposição para mais esclarecimentos no Programa de Pós-graduação em Educação e Desenvolvimento Humano da Universidade de Taubaté, no endereço Rua Visconde do Rio Branco, 210, CEP 12.080-000, telefone (12) 3625-4100, ou com KELLY LIMA GAMA RUCHDESCHEL, telefone (12) 98243-3301, e solicitamos a gentileza da devolução do Termo de Autorização da Instituição devidamente preenchido.

No aguardo de sua resposta, aproveitamos a oportunidade para renovar nossos protestos de estima e consideração.

Atenciosamente,

Edna Maria Querido Oliveira Chamon
Coordenadora do Curso de Pós-graduação

Ilmo (a). Sr (a)

Prof. Dra. Adriana Leonidas de Oliveira / Diretora do Departamento de Psicologia
Av. Tiradentes, 500, Bom Conselho, Taubaté-SP

APÊNDICE B - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

Taubaté, ____ de ____ de 2018.

De acordo com as informações do ofício _____ sobre a natureza da pesquisa intitulada “REPRESENTAÇÃO SOCIAL SOBRE A PROFISSÃO DO PSICÓLOGO PARA INGRESSANTES DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA”, com propósito de trabalho a ser executado pelo(a) aluno(a) KELLY LIMA GAMA RUCHDESCHEL do Mestrado em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais da Universidade de Taubaté, e, após a análise do conteúdo do projeto da pesquisa, a Instituição que represento, autoriza a realização de aplicação do questionário sociodemográfico e entrevista semiestruturada com estudantes do 1º período disponíveis e interessados, sendo mantido o anonimato da Instituição e dos profissionais.

Atenciosamente,

Prof. Dra. Adriana Leonidas de Oliveira / Diretora do Departamento de Psicologia
Universidade de Taubaté / CNPJ 45.176.153/0001-22
Av. Tiradentes, 500, Bom Conselho.
Taubaté - SP

APÊNDICE D – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

- 1) O que o motivou a fazer o curso de Psicologia?
- 2) O que o trouxe para esta faculdade cursar Psicologia?
- 3) Você pensava sobre Psicologia antes de entrar na faculdade?
- 4) O que mais influenciou você na decisão de fazer o curso de Psicologia?
- 5) O que é ser psicólogo para você?
- 6) Quando você pensa em um psicólogo o que vem à sua cabeça?
- 7) Como você imagina o trabalho de um psicólogo?
- 8) Em quais locais (instituições) você quer trabalhar após formado?
- 9) Com que tipo de situações (fenômenos, eventos, ocorrências, acontecimentos) você imagina trabalhar um psicólogo?
- 10) Com que tipo de situações (fenômenos, eventos, ocorrências, acontecimentos) você deseja trabalhar como psicólogo?
- 11) Com quais profissionais você imagina que o psicólogo mais se relaciona em seu exercício profissional?
- 12) Você tem planos de dar continuidade aos seus estudos após a graduação em Psicologia? Se sim, quais são seus planos.
- 13) O que você espera desenvolver como trabalho em Psicologia, logo após sua formatura?
- 14) Que tipo de dificuldades você imagina que os psicólogos usualmente enfrentam para exercer a profissão?
- 15) Que tipos de trabalho você não gostaria de realizar no exercício da profissão de psicólogo?
- 16) Como você se vê após 5 anos de formado (a)?